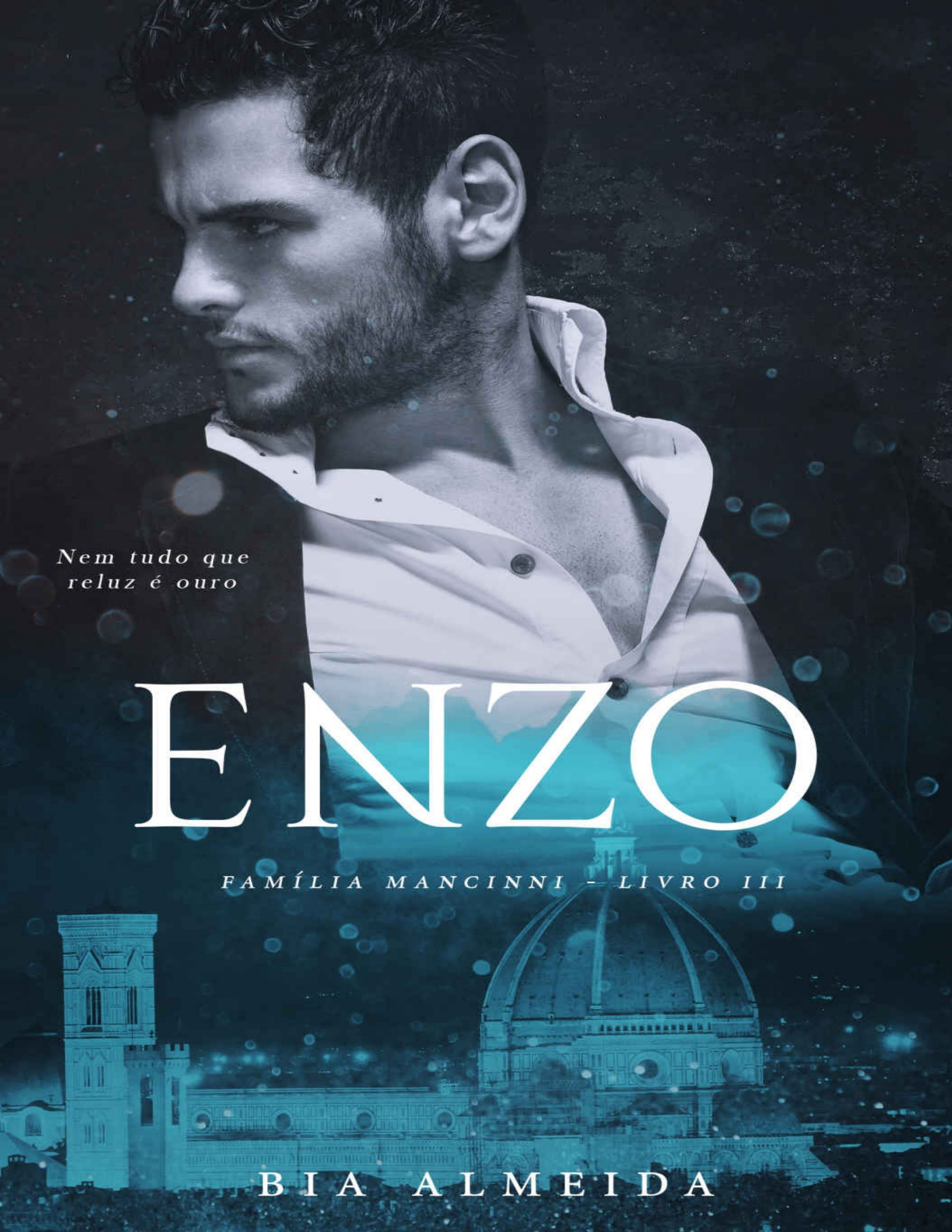


A man with dark hair and a beard, wearing a white shirt, is shown in profile, looking down. The background is dark with a teal cityscape at the bottom, featuring a large dome and a bell tower. The overall mood is dramatic and mysterious.

*Nem tudo que
reluz é ouro*

ENZO

FAMÍLIA MANCINNI - LIVRO III

BIA ALMEIDA



ENZO

FAMÍLIA MANCINNI III

BIA ALMEIDA

Direitos autorais do texto original
© 2019 Bia Almeida
Todos os direitos reservados

Capa: La Capas
Revisão: Victoria Gomes

PRÓLOGO



ENZO

Já dizia o ditado: nem tudo que reluz é ouro. A princípio, pensei que tinha em minhas mãos a mais bela e preciosas das pérolas, a pérola negra. Cuidava e a protegia como se pudesse se quebrar a qualquer momento.

Tolo. Fui tolo, cego. Estava doente e não sabia. A paixão veio carregada de uma obsessão que sufocou meus instintos. Tudo que eu queria era formar uma família, ter uma mulher que me amasse e filhos saudáveis. Tudo que ganhei, contudo, foi decepção. A pérola, na verdade, era uma bijuteria insignificante, de pouco valor. daquelas que só se usa uma vez.

Ela me estragou, levou para seu túmulo tudo que eu acreditava. Meus desejos e sonhos foram enterrados, e seu fantasma passou a me perseguir, servindo de alerta para que eu nunca mais caísse na mesma armadilha, que não confiasse em mais ninguém, que meu destino era viver só.

Foram anos dedicados ao trabalho. Cresci dentro da máfia, ganhei uma cidade. Tudo mudou no dia que a encontrei. Kiara, um pequeno pássaro preso em sua própria gaiola. Frágil, machucada.

A minha missão era resgatá-la.

CAPÍTULO UM



ENZO

Há alguns meses, aqui em Florença, surgiu um grupo de milícia denominado *I Sepenti*. Os *maledetto* estão colocando as asinhas de fora, esqueceram quem é que manda nessa cidade. Reuni meus soldados e tracei uma estratégia para aniquilar a milícia; eles têm ido além do que lhes foi permitido. As *famiglias* que estão sob a minha proteção têm se queixado que alguns homens têm recrutado seus filhos na escola e na faculdade para trabalharem para eles, chegando a serem agressivos.

Quando soube da existência desse grupo, não me importei, por ser um pequeno grupo de traficantes que compravam nossas drogas e as revendiam por um valor acima do nosso para obter lucro, porém *I Sepenti* cometeu um erro grave. Ninguém mexe com a *famiglia*, minha *famiglia*.

— Não quero nenhum *maledetto* vivo para contar a história — digo aos meus homens antes de dispensá-los. Faço questão de ir pessoalmente, quero capturar o líder e perguntar que ideia foi essa de tocar na *famiglia*. Ninguém me respeita mais nessa porra?

Pego minhas armas em cima da mesa. Coloco uma pistola no coldre que está na minha cintura, uma nas minhas costas e uma faca também no coldre.

— Está pronto chefe? — Confirmo com a cabeça.

— Vamos caçar umas serpentes pela cidade, minha cidade.

Meus soldados riem.

Chegamos no local onde eles costumam se organizar. Como combinado, nos dividimos para cercar de todos os lados. Com os gêmeos na minha cola, imobilizo o homem que guarda a entrada da casa do Ruan, chefe do *I Sepenti*. O homem alto e gordo cai no chão. Executo-o com um tiro em sua cabeça, usando o silenciador para não alertar os homens dentro da casa antes da hora.

Além dos gêmeos, tem mais cinco homens comigo. Enfio o pé na porta. Na sala, há três homens com bebidas e drogas sobre a mesa de centro; três mulheres seminuas os acompanham. O local está uma verdadeira bagunça. Eles não têm como reagir, meus homens já estão com armas apontadas em suas cabeças. A música alta impede quem está na parte interna da casa desconfie que algo esteja errado. Os gêmeos e mais dois soldados fazem uma varredura no local. Ouço tiros, em seguida duas mulheres passam por mim correndo. As outras que estão na sala catam suas roupas e as seguem para fora da casa.

— Chefe.

Um dos homens me chama. Caminho casa adentro e encontro dois homens mortos no chão do corredor que dá acesso aos outros cômodos. Pulo seus corpos e entro no cômodo onde estão meus soldados.

— Aqui, chefe, olha quem encontramos.

Dante está com o *maledetto* Ruan em sua posse, sentado em uma

cadeira atrás de uma mesa velha de madeira com a arma em sua tampo. Sobre a mesa, há diversas anotações, drogas, garrafas de cerveja e uma pistola, para a qual ele olha constantemente. Ruan não tem chance nenhuma de alcançar a arma, antes disso Dante estouraria seus miolos.

— Como você consegue viver nesse lixo? Sua casa, QG, boca de fumo, prostíbulo, seja o que for, é um nojo.

O homem me encara com um olhar curioso e, ao mesmo tempo, temeroso. Verifico as anotações; há alguns relatórios de compra e venda das drogas. Em outro caderno, está a contabilidade; em uma das folhas espalhadas há coisas escritas que não compreendo.

No topo da parede preta do lado oposto ao da sua mesa está escrito, em branco, *Ruan dono da porra toda*. No centro, o desenho de uma cobra envolta pelo nome de sua milícia, *I Sepenti*. Gargalho.

— Quer dizer que você é dono da porra toda? Leram isso? — pergunto aos meus homens, que riem.

— Essa foi boa chefe — o gêmeo Assis diz, ainda rindo.

— Segundo o que está escrito, você é dono da porra toda. Só se for desse lixeiro que chama de casa. Você se acha tão dono da minha cidade que se atreveu a tocar na *famiglia*, minha *famiglia*.

Soco tão forte seu rosto que seu corpo vai para trás junto com a cadeira. Meu soldado o segura antes que ele caia no chão.

— O que o senhor quer que a gente faça, chefe?

Caminho pelo cômodo imundo e penso no que fazer. Não sou como meu irmão Pietro, que acaba com tudo com uma simples bala. Gosto de me divertir. Faz tempo que não me divirto com um *maledetto* igual a ele.

Dono da porra toda, só rindo.

Chamo Dante e faço um pedido especial. Ele prontamente se retira; enquanto isso, verifico a contabilidade minunciosamente. Quero saber o quanto esses *figlio di puttana* têm lucrado em cima da nossa droga.

Estou com sede, mas não me atrevo a beber nada nessa imundice. Um dos meus soldados vai à rua e volta com várias garrafas de água. Dante retorna com uma caixa em suas mãos, atendendo ao meu pedido. Sorrio, porque está na hora de começar a brincadeira.

— Coloquem a cadeira de frente para a parede e o amarrem nela. — Dante coloca a caixa de frente para o Ruan. Aproximo-me dele e a abro. — Fazendo jus ao nome do seu grupo, trouxe um presente para você.

A serpente sai da caixa e começa a se enroscar em sua perna. Ruan grita, pedindo para que eu a tire. Ele está apavorado. Meus homens se divertem, dizendo várias coisas como “você não é o chefe fodão das cobras?”. Eles riem alto, e eu também. Faz tempo que não me divirto tanto. Suas calças ficam úmidas, o *maledetto* se mijou todo. Tenho que filmar essa, vou mandar para o Enrico.

— Já tinha visto uma piloto de olhos vermelhos antes? — pergunto ao *maledetto*, que continua gritando de medo. Já recebeu umas três picadas de tanto se mexer. Essa cobra é linda, marrom-amarelada. Seu nome original é Esculápio Italiana, conhecida como piloto de olhos vermelhos devido às

suas íris vermelhas. Possuo esta belezura há dois anos, encontrei-a em um sítio onde exterminamos outro grupo de milícia. Esses *maledetto* são um pé no saco.

— Bem, acho que agora você sabe quem é o dono da porra toda, ou estou enganado?

— É você, *cazzo* — ele diz com a voz falhando. O excesso de veneno no seu sangue deve estar fazendo efeito.

— Não ouvi direito, o que você disse?

— Você. Você que é o dono da porra toda.

— Bom garoto, aprendeu direitinho a lição. — Dou dois tapinhas em seu rosto. — Que tal mais um pouquinho de diversão, rapazes? Dante, retire as calças dele.

Assim Dante faz. Ruan tenta argumentar, mas não consegue. Minha garota passa sua língua diversas vezes em seu pau murcho e depois volta a se enroscar em seu corpo. Ele treme e diz coisas inaudíveis.

— *Cazzo*, chefe, o *maledetto* ficou excitado — um dos meus soldados diz, levando todos a gargalharem, inclusive eu. Como foi dito, o pau dele está ereto. Com medo e excitado.

— Minha garota está conquistando corações. — Rio alto e a pego antes que ele queira fodê-la. Seu trabalho já foi feito, Ruan tem pouco tempo de vida. — Como é que pode, o cara se denomina rei das cobras, tem uma serpente enorme tatuada em sua costela e morre de medo de cobra? Em

contrapartida, faltou pouco para gozar por causa de umas lambidinhas.

Meus homens gargalham e zombam do homem que está com seu corpo mole. Minha garota não brinca em serviço. Caminho para sala, e os outros soldados estão entre a sala e a varanda, aguardando-me. Eles eliminaram os demais do grupo que estavam espalhados, apenas os três que estão na sala permanecem vivos, aguardando a sua sentença.

— Mate-os — digo e me retiro da casa com a minha garota, que coloquei dentro da sua caixa.

— O que você acha, chefe, de a gente comemorar? — Assis pergunta esperançoso. Acostumei mal esses soldados, sempre depois de um grande feito, comemoramos. Acabo concordando, pois merecemos muita bebida e algumas bocetas para nos alegrar. Partimos para o clube; meus homens ainda se divertem com o que aconteceu e, entre uma bebida e outra, contam para os outros soldados do pavor que o Ruan ficou da minha garota.

Depois de algumas bebidas, vou ao porão verificar se Dante alimentou bem minha garota. Ela está em um enorme aquário de vidro que tenho na minha sala e amanhã vai para minha casa, onde é sua casa. Nos fundos da minha propriedade, cerquei uma boa metragem para que ela fique livre. Tem um mini lago, árvore, tudo para minha garota ficar feliz. Ela é alimentada diariamente; as únicas pessoas que ela não ataca sou eu, o Dante, Assis e minha funcionária que a alimenta.

Bebo mais um pouco com os rapazes. Aos poucos, eles somem com as prostitutas, apenas os gêmeos permanecem bebendo comigo, ambos são casados. Quando resolvo ir embora, eles me acompanham. Meus homens

acham estranho eu não transar com as prostitutas do clube, mas prefiro não misturar as coisas. Esse tipo de mulher é muito astuta. Sou vacinado contra vagabunda, não quero problemas por causa de boceta, ainda mais esse tipo.

CAPÍTULO DOIS



KIARA

Meus pés estão inchados. Foram tantas horas na sala de cirurgia que não poderia haver outro resultado. Meu paciente estava por um fio, a maioria dos seus órgãos comprometidos por causa do acidente no canteiro de obras em que trabalha. Ele caiu de uma altura de cinco metros. Se não fosse seu equipamento de segurança, o estrago seria maior. Seu capacete o salvou de ter sérios problemas cerebrais.

Sento-me no banco do vestiário e respiro aliviada ao retirar meus sapatos. Meus pés agradecem por estarem livres do aperto que o inchaço causou. Estou pensando seriamente em comprar sapatos com número acima do meu para essas ocasiões, porque a sala cirúrgica é uma incógnita: uma vez lá dentro, não temos previsão de quando sair.

Ser uma cirurgiã-geral requer muitas horas de trabalho. Sou solicitada a todo tempo na emergência, tem dias que nem consigo atender a todos os pacientes que vêm até a mim à primeira vista com problemas menos graves. Trabalhar em um grande hospital tem suas peculiaridades.

— Doutora Vitale — a enfermeira Sandra me chama. — Desculpe-me, mas a senhora tem uma cirurgia marcada para amanhã às quatorze horas — diz constrangida, pois amanhã seria minha folga. Estou praticamente vinte e quatro horas por dia nesse hospital.

Com um sorriso fraco no rosto, verifico o prontuário do paciente. Ele se chama Frank. Respiro aliviada quando vejo que se trata de uma hérnia abdominal, a do paciente é epigástrica, isso significa que está localizada acima do umbigo, no local da junção dos músculos do abdômen. Esse tipo de hérnia é caracterizado por um buraco, permitindo a saída de tecidos, formando uma saliência visível fora da barriga. A cirurgia é simples. Vou reintroduzir os tecidos na cavidade abdominal, se for necessário usarei uma tela. A hérnia é causada por enfraquecimento do músculo da parede abdominal, muitos são ocasionados pelo excesso de peso ou por fazer grandes esforços.

Devolvo o prontuário para a Sandra e sorrio aliviada por não ter que ficar por horas na sala de cirurgia na minha “folga”.

Abro a porta do meu apartamento, acendendo a luz, e a tranco com a chave e todas as trancas que possuo, que são três. Algumas amigas dizem que é exagero, que meu condomínio é seguro, mas sou precavida. Uma mulher vivendo sozinha no centro de Florença é um alvo fácil não só para assaltantes, como também para abusadores. Infelizmente, trato muitos casos de violência sexual no hospital, em sua maioria o agressor é de fora da cidade.

Desfaço dos sapatos e praticamente me arrasto para o sofá. Meu corpo está dolorido devido às horas que permaneci em pé entre uma cirurgia e outra. Alguns minutos depois, me obrigo a me levantar, retirando minha roupa enquanto caminho para o banheiro. É umas das vantagens de morar sozinha. Entro no banheiro do meu quarto e meu corpo recebe grato a água

morna do meu chuveiro, meus músculos relaxam.

Com o corpo limpo, pego um pijama no meu armário, visto a calça e a camisa, que é de manga comprida, pois a noite está fria. Na cozinha, pego uma salada de frango que está há dois dias na geladeira. Nessa hora, sinto falta da comida quente e saborosa que minha mãe me dava todos os dias quando eu chegava em casa. Termino a refeição e me jogo no sofá. Ligo a tv e, com o controle, navego pelos canais até estacionar no canal de notícias.

Mais um banho de sangue na cidade. Segundo testemunhas, tudo indica que uma conhecida e poderosa organização mafiosa eliminou nessa tarde um grupo de traficantes em uma casa no subúrbio. Foi encontrado, junto com os corpos, uma grande quantidade de entorpecente. Não sabemos ao certo o motivo, pois as drogas foram deixadas no local. Vamos falar ao vivo com o detetive Mota.

— *Detetive, a quem o senhor atribui esse crime? Segundo algumas testemunhas, foi uma famosa organização mafiosa.*

— *O que apuramos até agora é que se trata de uma disputa de território entre traficantes. Devido ao seu poderio de fogo, algumas pessoas associaram o ataque aos homens da máfia, organização que não podemos garantir a existência em nossa cidade.*

Estou chocada com esse detetive. Todos os italianos sabem que a máfia existe e que manda e desmanda no nosso país. Como muitas autoridades, esse detetive deve ser mais um na lista de pagamento deles. Esse tipo de pessoa me deixa doente. Como pode eu, uma cidadã íntegra, cumpridora da lei, viver em uma cidade onde foras da lei que decidem sobre

minha vida? Já ouvi histórias horríveis sobre esses homens. A que me deixou mais perplexa foi de um chefe da máfia que eles chamam de Don, que sequestrou uma jovem para ser sua esposa. Ele obrigou a jovem a se casar com ele contra sua vontade, como pagamento de uma dívida. Eu preferia a morte a viver com um homem desses.

Levanto-me, espreguiçando-me. Faço minha higiene matinal e decido dar uma volta no parque. Fico tantas horas dentro do hospital que quase não aproveito um dia lindo de sol como o de hoje.

Três homens grandes passam por mim correndo. Apesar de terem se movimentado rapidamente, notei que eles são do tipo que não vemos com frequência transitando pela rua, muito menos correndo em um parque. Continuo minha caminhada em passos lentos, meu intuito é aproveitar esse dia ensolarado antes de ir para o hospital.

Poucas pessoas caminham pelo parque. Estamos no meio da semana, geralmente as famílias vêm no final de semana. Atravesso o parque por debaixo da ponte, chegando em uma parte onde nas laterais da rua temos apenas uma vegetação densa, o ar aqui é mais leve. De repente, um homem de altura mediana, negro, vestindo uma calça jeans e uma camisa de algodão azul surge na minha frente. Assusto-me com sua aparição repentina, provavelmente estava escondido entre as árvores.

Ele segura em meus braços. Tento fugir, mas não consigo. Grito por socorro, mas é inútil, não tem ninguém nesse lugar. Em desespero, chuto suas partes íntimas; ele me xinga e geme de dor. Suas mãos seguram seu sexo, e

nesse momento aproveito para correr. Enquanto corro, seco as lágrimas que brotam dos meus olhos e que atrapalham minha visão. De vez em quando, olho para trás e não vejo nem sombra dele.

Meu corpo vai de encontro a uma parede humana que segura meus punhos. É ele, o homem que vi correndo. Assustada, com meus olhos arregalados, tento me soltar do seu aperto. Os dois homens que estão ao seu lado observam sem dizer nada.

— Olha por onde anda — ele diz zombeteiro. Mesmo com medo, é impossível não observar o quanto ele é bonito, mas seus olhos são de uma frieza que me deixa arrepiada. Percebo que ainda não estou salva, e se esse homem também for um estuprador? Por mais que me esforce, não consigo me livrar do seu aperto. Ele é bem maior e mais forte do que o outro homem.

— Por favor, não me machuque — imploro. Sinto-me apavorada só de imaginar o que eles podem fazer comigo. Ele solta meus pulsos, e sem pensar me afasto com dois passos para trás. Ele não se movimenta, dou mais dois passos. Ele continua observando-me. Viro-me e corro, meu coração bate fortemente, a adrenalina toma todo meu corpo. Tão logo faço a curva, vejo o homem que me atacou. Quando seus olhos se deparam com os meus, ele corre em minha direção.

Com o corpo trêmulo, minha mente trabalha fervorosamente. Que opções tenho? Voltar e ser abusada por aqueles três homens, ou ficar e ser abusada por esse homem? Meu peito sobe e desce, meu coração bate forte e rápido. Suas mãos sujas envolvem meu corpo que está imóvel.

— Sua putinha, você vai me pagar. Vou te foder até você desmaiar.

Sua mão agarra meu cabelo que está preso em um rabo de cavalo. Volto a mim com a dor que sinto, a força que ele faz é tão grande que caio sentada. Meu cóccix bate no chão, ele me arrasta. Grito, peço socorro, e ele grita com tom raivoso:

— Cala a boca, vagabunda.

Chuta minhas costas. A dor que sinto, misturada com o medo, me corrói. Meu agressor me arrasta pelo asfalto, minha cabeça bate algumas vezes no chão. Fico zonza, vejo tudo nublado, todo meu corpo lateja de dor, principalmente meu cóccix, costas e minha cabeça.

Ouçó barulho de pessoas conversando e rindo. Meu agressor está tão imbuído em sua tarefa que não percebe que alguém se aproxima. Ele me arrasta em direção à mata selvagem, meus cabelos parecem que serão arrancados pela raiz. A dor é muito grande. Minha cabeça bate novamente no chão, dessa vez mais forte.

— Por favor, não faça isso — peço com a voz fraca. Tudo ao meu redor está rodando, minha cabeça dói. A forte batida deve ter me causado uma concussão.

Acontece tudo tão rápido. Meu agressor é jogado longe, ouço dois tiros e apago.

CAPÍTULO TRÊS



ENZO

Corro pelo parque como faço quase todas as manhãs, acompanhado de dois soldados, Dante e Assis, os gêmeos. Correr e me manter em forma faz parte do meu treinamento. Muitas vezes enfrento homens tão fortes quanto eu, preciso sempre estar preparado. Aumento o ritmo da corrida, abandonando algumas pessoas e deixando meus homens para trás. Eles resmungam, e sorrio.

— Vocês parecem umas donzelas — digo. Os gêmeos fecham a cara, rio alto. No caminho de volta, uma mulher vem correndo em nossa direção. Ela corre como estivesse fugindo, a todo tempo olha para trás. Seu semblante parece o de uma pessoa atordoada. Propositalmente, não me afasto quando percebo que ela vai me atropelar. Seu corpo de curvas perfeitas vem de encontro ao meu.

— Olha por onde anda — digo. Seus olhos estão arregalados, sua mente trabalha por alguns segundos. Observa meu rosto atentamente, faço o mesmo com ela. Ela tenta se soltar, mas mantenho-a presa por mais um pouco.

— Por favor, não me machuque — ela pede com os olhos arregalados. A linda mulher de cabelos da cor do sol, que está preso em um rabo de cavalo, demonstra medo, algo em sua mente a apavora. Para que ela saiba que não a machucarei, solto seu pulso. Ela se afasta com seus olhos

sobre os meus e corre, retornando de onde veio. Fico alguns minutos parado, sem entender o que aconteceu.

— Que mulher gostosa! — os gêmeos dizem em uníssono. Não sei por que, mas não gosto; minha reação é grunhir para eles. Volto a me movimentar, mas dessa vez caminho em vez de correr. Meu cérebro trabalha naquela garota. Do que ela estava fugindo?

Assis diz uma das suas bobagens e nós três rimos, por um breve momento me esqueço da bela garota assustada. Ouço uma voz bem distante pedindo socorro e acelero meus passos. A um metro de distância, vejo-a sendo arrasta por um homem negro de altura mediana. Corro em sua direção. Pego o homem pela camisa e o arremesso longe. Os gêmeos vão até ele, enquanto pego a linda mulher em meus braços; ela está praticamente desacordada. Dois tiros são disparados, seus olhos se fecham. Os gêmeos retornam.

— Tudo resolvido — dizem sorrindo. Logo depois, o riso dá lugar a preocupação quando eles notam a desconhecida desmaiada em meus braços.

— Ela morreu? — Dante pergunta, apreensivo. Digo que não, que ela está respirando. Ordeno que peça ao meu motorista para que venha ao meu encontro, não posso andar pelo parque com ela desacordada em meus braços. Em poucos minutos, meu motorista chega, e entro com a desconhecida no carro.

— Para o hospital mais próximo.

Os gêmeos retornam para a entrada do parque onde eles deixaram o carro. Entro com ela no hospital, e a recepcionista a reconhece.

— Doutora Vitalle? *Dio mio*, o que aconteceu? — rapidamente ela é colocada em uma maca e é levada para dentro do hospital. A enfermeira pergunta o que houve, digo que a encontrei desacordada no parque e a trouxe para o hospital. Não posso dizer o local exato antes que meus homens façam a limpeza, a morte desse *maledetto* não pode ser associada a mim.

— Qual é o nome dela? — pergunto curioso.

— Ela é a doutora Kiara Vitalle, trabalha nesse hospital. Estou grata pelo que fez por ela.

Sorrio. Kiara Vitalle, bom saber. Aceno com a cabeça e me retiro. Não tenho mais o que fazer nesse lugar. Do lado de fora, os gêmeos e meu motorista estão me aguardando. Sigo para casa com a imagem da Kiara em meus pensamentos.

— Chefe?

Porra, não prestei atenção em nada que eles disseram. Não é uma boa hora para essa reunião, Kiara não sai dos meus pensamentos. Encerro a reunião, pego minha carteira, celular e minha chave, deixo meu escritório no clube e vou para o hospital.

Na recepção do hospital, pergunto por Kiara. A recepcionista me reconhece e libera minha entrada, como se ela fosse conseguir me impedir. Com a informação do quarto em que está, pego o elevador e sigo para o segundo andar. Em seu quarto, tem mais dois leitos. Não gosto disso, ela teria que estar em um quarto particular. Aproximo-me de sua cama, ela está

dormindo.

Observo-a dormir. Seu rosto está um pouco inchado, e a cabeça enfaixada. Apesar dos hematomas, consigo ver sua beleza. Sua pele clara é perfeita. Uma enfermeira entra no quarto e verifica os medicamentos que estão sendo administrados diretamente na sua corrente sanguínea.

— Como ela está? — pergunto.

— A doutora Vitale está melhorando. Ela teve uma concussão cerebral, por isso ficou desacordada por algum tempo. Ela está sendo medicada com remédio para dor. Levou muitas pancadas, por isso o doutor achou melhor a induzir a um coma de um dia para que, quando ela acordar, a dor tenha amenizado.

A enfermeira se retira, e fico perto do seu leito. Por impulso, mexo nas mechas de cabelo espalhadas no travesseiro. Seu cabelo é macio e sedoso. Um casal na faixa dos cinquenta anos entra no quarto.

— *Dio mio*, Kiara, minha filha. — A mulher, que agora sei ser sua mãe, diz e começa a chorar. Seu acompanhante a abraça, consolando-a.

— Ela vai ficar bem — ele diz e beija sua cabeça. Penso no que estou fazendo aqui, o que me trouxe aqui? Enquanto os dois observam Kiara, caminho para a porta. O senhor me chama.

— *Figlio*, desculpe. Nós entramos e não o cumprimentamos. Perdoe-nos, é que ficamos assustados quando ficamos sabendo do que aconteceu com a nossa *figlia*. Nós estávamos em outra cidade, por isso que chegamos agora. Você é amigo da dela?

— Eu não...

Não consigo concluir, porque uma enfermeira que não lembro de ter visto antes entra no quarto e diz aos pais da Kiara que eu que a encontrei desacordada e a trouxe para o hospital.

— Muito obrigada, *mio figlio*, se não fosse você... não quero nem pensar. — A *madre* da Kiara me abraça e chora com a cabeça em meu peito. O *padre* dela aperta minha mão e me dá um abraço assim que sua mulher me solta. O meu plano de entrar e sair sem que alguém da sua família me visse foi por água abaixo. Eles pedem que eu conte o que aconteceu. Fico na dúvida, não sei se Kiara me viu tirando o homem de cima dela. Acho melhor dizer a verdade, ocultando algumas partes, é claro.

— Estava caminhando com meus seguranças quando ouvi um pedido de socorro, corri e a vi no chão sendo arrastada por um homem. Tirei-o de cima dela, na mesma hora ela desmaiou. Meus seguranças foram atrás dele, mas não encontraram. Ele sumiu no meio da mata.

— *Dio mio*, Guido, se não fosse esse rapaz nossa filha estaria morta — a mãe dela choraminga.

— Não sei como te agradecer, *figlio*.

— Não precisa, o importante é que ela fique bem — declaro.

— Me perdoe a falta de educação, qual é o seu nome?

— Enzo, Enzo Mancinni.

Observo Kiara mais uma vez antes de ir embora. No caminho, tento entender por que vim vê-la. Por que não consigo parar de me preocupar?

Sobre o corpo inerte da minha esposa, prometi não mais me envolver emocionalmente com mais ninguém. Desde seu falecimento, venho fodendo mulheres sem compromisso, nossos encontros são apenas para nosso prazer. Tenho evitado foder diversas vezes a mesma mulher para não me apegar e ter minha vida virada de cabeça para baixo outra vez. Tenho que me afastar da Kiara, nunca mais vou deixar uma mulher foder de novo com minha vida.

CAPÍTULO QUATRO



ENZO - Há alguns anos

Estou tão ansioso. Meus sapatos parecem que irão abrir um buraco no fundo de tanto que ando de um lado para o outro dentro do meu quarto. Daqui a poucas horas, irei me casar com a mulher da minha vida, a mulher que me deixa sem fôlego, que faz meu pau ficar duro só de pensar nela. Lembro-me como se fosse hoje o dia em que a conheci na faculdade. Seus cabelos negros e cacheados, sua pele escura e seus olhos negros como a noite me encantaram. Desde então, não consegui mais tirar meus olhos dela.

Nosso primeiro beijo foi perfeito. Naquele instante, soube que ela seria minha. Antonella se tornou minha obsessão, tudo é para ela, por causa dela, e finalmente hoje será oficialmente minha. Minha *cazzo*!

— Está pronto, *figlio*? — *mio padre* pergunta assim que entra no meu quarto. Respiro fundo e maneo a cabeça. Ele sorri e me abraça. — Estou muito orgulhoso de você, Enzo. Nunca imaginei que *mio figlio* mais novo e o mais sem vergonha seria o primeiro a se casar.

— Nem eu, pai. Antonella mudou minha forma de pensar, o senhor bem sabe que nunca levei ninguém a sério, mas ela me faz querer somente ela. A cada dia que passa estou mais apaixonado.

— É o amor, quando ele chega não tem jeito. Veja *tuo padre*, depois de tantos anos de casado, ainda apaixonado por sua mãe.

Ele me abraça, sorrindo. Estou transpirando de tanto nervosismo. Enzo Mancinni, o caçula dos homens da família, prestes a subir ao altar. Se alguém me dissesse isso há alguns anos, eu diria que essa pessoa era louca.

Lorenzo, Pietro, minha mãe e Nina entram no quarto.

— *Mio fratello* mais novo vai se enforcar antes de mim — Lorenzo diz, dando dois tapinhas em meu ombro.

— Você pode ser o mais velho, mas eu sou o mais gostoso, não posso ficar dando mole por aí. Sabe como é, muita mulher querendo desfrutar desta gostosura aqui.

Dou uma voltinha, mostrando meu corpo. Nina revira os olhos, todos riem. *Mia madre* me abraça, emocionada, dizendo que seu bebê vai se casar. *Mio padre* se diz orgulhoso do homem que me tornei. Pietro, na sua carranca de sempre, comenta que estou maluco. Desde que comuniquei à família que iria casar, ele não fala outra coisa. Sei que, como todos, ele torce por mim e que esse é o seu jeito. Meu irmão parece o Zangado dos sete anões, mas de anão ele não tem nada; de nós três, Pietro é o mais alto e mais forte.

Aguardo no altar ansioso a mulher que escolhi para ser minha. A música começa a tocar e meu coração acelera. A porta da igreja se abre e tenho a visão de quão linda Antonella está em seu vestido branco, uma verdadeira princesa. Tudo à minha volta some, minha atenção é toda dela. Seu *padre* a entrega a mim. Beijo sua mão delicadamente, mas minha vontade é de saquear sua boca. O cerimonialista diz diversas coisas que não assimilo, pois não consigo parar de olhá-la. Minha obsessão por ela se

intensifica cada vez mais.

Finalmente, chega a hora do sim. Faltou pouco para que eu mandasse o cerimonialista calar a boca e finalizar a cerimônia. Com as mãos tremulas, trocamos as alianças. Sem esperar o momento certo, tomo sua boca, a boca da minha esposa, minha mulher.

— Amor, não vejo a hora de ficar a sós com você. Por mim da igreja vamos para a nossa lua de mel.

— Que graça tem dar um festão e deixar tudo para trás? Vamos celebrar, Enzo, é o nosso casamento — ela diz.

Antonella tem razão. Ela quis tanto essa festa, minha obsessão por ela me faz a querer o tempo todo. Saímos da igreja e vamos para o salão que ela escolheu para a realização da festa. Seu desejo de casar-se na igreja e não fazer a festa na mansão Mancinni deixou meus pais chateados, ainda mais por eu ser o primeiro *figlio* a se casar, mas, mesmo não gostando de chatear meus coroas, o pedido da Antonella é uma ordem, faço de tudo para agradar minha mulher.

Posamos para algumas fotos e seguimos para a pista de dança. A banda toca uma música animada, minha mulher movimenta sua linda pele negra, que está se destacando em seu vestido branco, que está sem o excesso de tecido na parte de baixo. Antonella retirou assim que chegamos, está sexy para caralho. Todos os olhares estão sobre ela, e a parte obsessiva em mim faz com que eu a cerque por todos os lados.

Meus irmãos juntam-se a nós.

— Move essa bunda, Pietro — digo enquanto minha esposa, Nina, Lorenzo e eu dançamos. Pietro grunhe e vai se juntar ao Enrico, que é outro carrancudo. Sorrio. Esses dois nunca relaxam; até meu pai, o Don Guiseppe, está dançando. Percebo alguns olhares do Enrico para Nina, mas deve ser coisa da minha cabeça. Minha irmã só tem dezessete anos, e Enrico é como se fosse nosso *fratello*.

A banda toca algumas músicas que nunca ouvi. Todo o repertório foi escolhido por minha linda esposa, que, aliás, foi ao banheiro e ainda não voltou. Queria acompanhá-la, mas ela insistiu que eu ficasse. Decido ver se tudo está bem. Faz mais de vinte minutos que ela saiu, imagino que deva ter sido interceptada no caminho, pois desde que chegamos, ela ficou o tempo todo comigo, longe de sua família.

No percurso, pergunto a algumas pessoas se alguém a viu. Todos dizem que não; fico preocupado e vou até ao banheiro. Antes de bater na porta, ela abre, parece não estar bem.

— Enzo, que susto. — Ela coloca suas mãos em seu peito, parecendo realmente assustada. Mas por quê?

— O que houve, amor, está se sentindo mal? Você demorou tanto que vim ver o porquê da demora.

— Acho que a bebida não me caiu bem, vim lavar meu rosto e dar um tempo.

— Por que não me disse? Teria vindo com você. Me diz uma coisa, por que você se assustou quando me viu?

— Não foi porque te vi, e sim por abrir a porta e dar de cara com um homem na entrada de um banheiro feminino. Nem tinha associado que era você.

— Desculpa, amor, por ter te assustado. É melhor irmos embora. Se despede da sua família que vou organizar nossa saída.

Não sei por que, mas alguma coisa não está me agradando. Deve ser coisa da minha cabeça. Tudo relacionado à Antonella me leva ao extremo. Ela tem razão, eu a assustei.

Com o sistema de segurança organizado, vamos para o aeroporto. No avião particular, meus planos são frustrados. Antonella diz estar cansada, prefere dormir durante a viagem. Acomodo-a na cama e a deixo sozinha. Sentado em minha poltrona, penso o quanto a amo, no que sou capaz de fazer por ela. Estou muito feliz de tê-la feito minha, ao mesmo tempo, chateado porque a queria de quatro no meu pau.

Estou me sentindo incomodado, mas tenho que parar com essa porra. Antonella me pediu várias vezes para que eu diminua meus ciúmes.

“Enzo, por favor, você tem ciúmes do professor, do meu motorista, dos meus amigos, até de objetos que uso. Pare com esse ciúme senão a gente não vai dar certo. Amo você e quero muito que nossa relação seja para sempre”.

Antonella me disse em umas das minhas crises de ciúmes. Ela não entende que sou obcecado por ela. Só me falta eu estar assim só porque ela estava no banheiro. Tenho que concordar com Pietro, estou ficando maluco.

CAPÍTULO CINCO



ENZO - Dias Atuais

Entro na mansão Mancinni, feliz por estar em casa novamente. Por mais que ame morar em Florença, esse é meu lar. Meu coroa reúne mensalmente toda a família na mansão. Nossas obrigações com a *famiglia* e a distância dificultam o convívio, nos comunicamos apenas por telefone, ou via internet. Apenas Pietro reside próximo a *mio padre* e ao Lorenzo.

Por falar em Pietro, fico surpreso em ver Bianca conosco, ela raramente participa das nossas reuniões. Não sei como é o relacionamento dela com mio *fratello*, ele é muito fechado, mas aparentemente eles parecem se dar bem. Bianca é uma *moglie* muito bonita, tranquila e doce. Mio *fratello* é um cara de sorte. Quando me vê, Rico corre para meus braços. Meu sobrinho é um *ragazzo* maravilhoso e muito inteligente, agradeço a *Dio* todos os dias por ele estar bem e no seio da família.

— Não digo a vocês que sou o preferido nessa família? — Sorrio, bagunçando o cabelo loiro do Rico.

— A diferença da gente para você é que você tem a mesma idade dele — Pietro diz com sua habitual falta de humor, e eu sorrio. Ele está com ciúmes, fazer o quê? Sou o *zio* mais animado no meio desse bando de carrancudo. Rico me pede benção, da mesma forma que fazemos com nosso *padre*, segurando a minha mão e depositando um beijo no meu dorso.

— *Zio benedizione.*

— *Dio ti benedica.*

Beijo minha irmã e minhas cunhadas, depois pego minhas princesas no colo, Luna e Giane. Gargalham com as brincadeiras que faço com elas. Não vejo a hora de vê-las correndo pela casa. *Mio padre* é pura felicidade, quando a família se reúne ele se alegra, principalmente por causa dos netos. Sinto muito por minha mãe não estar mais entre nós.

Minha cunhada, Perla, e Nina estão conversando com Bianca. Pelo rosto corado dela, sei que estão falando besteiras. Coitada da minha cunhada, essas duas são terríveis, irão corrompê-la rapidamente, principalmente Perla, que sempre tem uma ideia mirabolante em sua mente tão fértil. A poderosa chfona não é fácil, Lorenzo corta um dobrado com ela. Minha cunhada diz e faz algumas coisas que o deixam sem ação, e aí dele dizer alguma coisa. Um exemplo disso foi o dia que ela bateu em uma prostituta do clube porque a ouviu falar que o desejava. Nina não fica atrás: como aprendiz da Perla, fez o mesmo com a prostituta que queria Enrico.

Essas mulheres da família Mancinni não são fáceis. No fundo, gosto muito disso. Enrico e Lorenzo são uns homens de sorte, como *mio padre* foi um dia. Eles têm mulheres que os amam e que são capazes de tudo por eles. Já eu, não tive tanta sorte. Lembrar-me disso me deixa doente. Espanto da minha mente esse pensamento e volto a atenção ao *mio fratello*.

Pietro observa a conversa entusiasmada das meninas; Lorenzo segue seu olhar e sorri, segura no ombro do *mio fratello* e diz que, pelo rosto corado da Bianca, ela está recebendo boas dicas e ele terá uma ótima noite. Rio alto,

chamando a atenção dos outros. Pietro grunhe e fecha a cara, se isso é possível; ele já nasceu de cara fechada. Depois de matar a curiosidade do Enrico e do *mio padre* sobre o ocorrido com a milícia, conto-os sobre Kiara. Eles ouvem atentamente.

— Sorte dessa menina você estar lá, sabemos muito bem que ela poderia não estar viva. — Ouvir meu pai dizer isso dá nós em meu estômago. Imaginar uma mulher tão linda como Kiara sendo violentada sexualmente e morta pelas mãos daquele *maledetto* me faz mal. — Tem notícias dela?

— No dia seguinte, estive no hospital. Pelo que eles disseram, vai ficar tudo bem.

Noto o olhar curioso de todos sobre mim. Não sei como lidar quanto o assunto é a Kiara, ainda estou processando o efeito que ela tem sobre mim. Mudo de assunto antes que eles façam perguntas que eu não saiba responder. Conto como foi que acabei com *I Sepenti*. Enrico mostra o vídeo que enviei para ele do Ruan sendo envolvido por minha garota, meus irmãos e meu coroa se divertem. Conversamos um pouco sobre a *famiglia*, cada um de nós coloca Lorenzo a par das nossas atividades, e depois seguimos para a sala de jantar onde o almoço já está sendo servido.

— Como estão indo os estudos, Rico?

— Bem, *nonno*. Por enquanto estou tendo aulas em casa, *mia mamma* disse que quando eu estiver pronto vou poder ir para à escola.

— Quero saber das *amiche* — pergunto assim que ele responde ao *mio padre*. Rico me olha bem sério, fico com vontade de rir. Ele conversa

como um rapazinho, apesar da pouca idade. Meu sobrinho não teve uma vida normal como a maioria das crianças, todo seu sofrimento o fizeram ser um pouco mais maduro.

— *Zio*, esqueceu que sou criança? O senhor e o *nonno* que precisam de uma namorada.

— Toma distraído — Nina diz, e todos caem na gargalhada.

— Ouviu seu *nipote, padre*? — Ele faz careta para mim e se dirige para Rico.

— O *nonno* está bem, Rico. Só se ama de verdade uma vez, e meu amor pertenceu à sua *nonna*.

Meus irmãos e eu ficamos em silêncio. Por um breve momento, lembro-me o quão lindo era o relacionamento deles. *Mio padre* beijava o chão que *mia madre* pisava, e ela fazia de tudo para o agradar. Os dois eram companheiros, amigos, e juntos nos davam muito amor. Quando ela se foi, o Don Guiseppe não foi mais o mesmo, sua dor vazava por seus poros. Eu e meus irmãos sofremos duas vezes, uma pela perda da nossa mãe, e outra por seu sofrimento.

— O mini Enrico está certo, Enzo. Quando é que vamos ter mais uma integrante na família? — Perla pergunta, quebrando o silêncio.

— Esquece, cunhada, só quero foder sem compromisso.

— Olha a boca, Enzo — *mio padre* chama a minha atenção.

— Não se zangue com meu *zio*, *nonno*. *Mio padre* já me explicou tudinho sobre sexo — Rico diz tranquilamente e volta a dar garfadas em sua comida. Sorrio e olho cúmplice para meu cunhado. Todos seguram o riso, e eu fico todo bobo. Meu pequeno me defendeu como se eu fosse uma criança sendo repreendida pelo *padre*.

CAPÍTULO SEIS



ENZO

Vejo-me parado na porta do hospital esperando por ela, como se realmente estivesse esperando-a para irmos juntos. Observo seus passos, que demonstram cansaço. Minha vontade é de carregá-la em meus braços e levá-la para casa. Prometi a mim mesmo me afastar, mas a vontade de cuidar dela é mais forte do que eu. Desde que voltei de Roma, da reunião mensal na casa do *mio padre*, meus dias têm se resumido a trabalhar e observar a Kiara. Tenho a necessidade de saber se ela está bem, se nenhum *maledetto* vai tocá-la. Tenho agido como a porra de um *stalker*; tento evitar, mas é mais forte do que eu.

Kiara entra no seu carro e, como nos outros dias, dá duas voltas no quarteirão antes de entrar na garagem do seu prédio. Sorrio, pois, com todo seu cuidado, ela não percebe que está sendo seguida por mim. Não consigo ir embora. Olho a luz acesa da sala do seu apartamento, aguardo ansioso o momento em que ela entrará no quarto. Ontem fui agraciado com um deslumbre de sua silhueta atrás da cortina.

Observar sua rotina tem se tornado um vício, e não tenho gostado nem um pouco disso. Assim que as luzes se apagam, vou para casa. Minha noite de *stalker* termina. Grunho, com raiva de mim mesmo, do idiota que sou.

— Dante, você e seu *fratello* são minha boca, olhos e ouvido enquanto eu estiver fora. Ao Assis, ficou a responsabilidade de proteger a Kiara. Conto com vocês. Ficarei três dias em Verona, Pietro também está voando para lá. Meu cunhado está precisando da nossa ajuda para acabar com alguns *figli di puttana*.

— Pode confiar, chefe, não desgrudarei os olhos da doutora — ele garante.

— Sei disso, você tem muito amor ao seu pau para me decepcionar.
— Dante ri do fratello, e completo: — Isso também serve para você.

Saio do meu escritório do clube, ouvindo Assis debochando dele. Esses dois.

Ficar longe da Kiara por alguns dias será bom para mim. Preciso raciocinar direito e saber que merda que estou fazendo. Não posso passar meus dias como um maluco atrás de uma mulher.

VERONA

Do aeroporto, sigo direto para o clube, onde Enrico me aguarda para a reunião. Nós conversamos rapidamente ao telefone, mas sei que a situação é grave. Cruel não nos convoca se não for realmente preciso. Ao chegar no clube, a sala de reuniões está lotada, e Pietro já se encontra nela.

— *Cazzo*, demorou.

— Isso tudo é saudade, Pietro? Nem tem um mês que nos vimos — digo zombeteiro. Abraço Enrico e cumprimento os soldados. Volto minha

atenção para Pietro, paro em sua frente com minha sobrancelha suspensa. Ele me puxa para um abraço, sei que ele estava preocupado com minha demora.

— Bom, agora que o gostosão chegou, vamos dar início à reunião.

— Pelo que me consta, o gostosão já estava presente, é o que minha mulher diz. — Os homens riem, Enrico dá um sorriso pelo canto da boca, Pietro dá um tapa em suas costas, e eu finjo que vou lhe dar um soco; ele se esquiva.

Depois de aliviar a tensão, damos início à reunião. Enrico nos conta que algumas meninas que trabalham no clube desapareceram. No primeiro dia, foi uma; depois, mais duas. Agora são oito no total em apenas quinze dias. Se elas se demitissem, ou avisassem que iriam sair, não acharia estranho, ainda mais que nenhuma prostituta que trabalha para os Mancinni o faz por obrigação.

— Coloquei alguns homens observando o movimento do clube. Um dos meus homens achou estranho que, depois de sair do quarto, o cliente pagou e foi embora, logo em seguida a prostituta saiu atrás dele. Ele chamou outro soldado e a seguiu, ela entrou no carro do cliente e foi para um endereço fora da cidade. Nesse local funciona uma casa de prostituição — Enrico diz.

— Quer dizer que os *maledetto* estão aliciando as mulheres que trabalham conosco?

— Pior que isso, Enzo. Coloquei um homem infiltrado. Ele agiu como cliente, fingiu ser um figurão e ofereceu uma vida boa à menina que foi para o quarto com ele. Ela se abriu, contou que elas são atraídas com uma boa

proposta de trabalho, depois são escravizadas.

— *Cazzo!* Se eu não tivesse visto Salvatore morrer, diria que tem dedo dele nisso — Pietro brada .

— Tem muitos como Salvatore espalhados por aí, Pietro.

— Bem, qual é o plano, Enrico?

Meu cunhado explica seu plano, e todos ficamos atentos. Aqui é território dele e ele o domina como ninguém. Planos traçados, seguimos para casa do meu cunhado. Quando entramos, meus pequenos estão dormindo e Nina recolhida em seu quarto.

Antes de o dia clarear, como combinado, vamos para o clube e de lá saímos em comboio para nosso alvo. Enrico preferiu atacar ao amanhecer para não ferir pessoas inocentes, queremos apenas os *maledetto* que têm afrontado a *famiglia*, principalmente seu líder.

O casarão antigo e caindo aos pedaços fica em um terreno enorme em um lugar a ermo, somente quem conhece a cidade consegue chegar nesse lugar com certa facilidade. Dividimo-nos, cada um de nós com um grupo de dez homens. Meus homens e eu rendemos os homens que guardam o casarão; Pietro vai ao redor do terreno e rende os homens que estão espalhados. Enrico adentra a casa e um tiro é disparado; em seguida, há vários tiros. Entro para dar cobertura. Tem alguns corpos espalhados pelo chão.

As mulheres correm em direção à rua, pegam o que podem e fogem, como Enrico ordenou; deixamos que todas elas saiam. Sou surpreendido com uma arma apontada em minha direção. Antes que ele puxe o gatilho, me jogo

atrás do sofá. Seu disparo não me acerta; miro em suas pernas e atiro. Quando ele cai, faço outros disparos.

Enrico surge na sala com o chefe do prostíbulo em suas mãos. O *maledetto* estava sendo vigiado e nem se deu conta disso, mesmo com tantas seguranças. Enrico tem várias fotos dele entrando e saindo da casa; o sujeito consegue ser ainda mais feio do que nas fotos, seu rosto é cheio de espinhas e sua barriga parece de uma gestante.

— O que você acha, Enzo, será que tem um bebê aqui dentro?

Sorrio, porque sei o quão cruel Enrico pode ser. Não queria estar na pele desse *figlio di puttana*. Quando menos espero, uns dos homens do Cruel segura os braços do *maledetto* que parece entorpecido pelo álcool. Com uma faca em mãos, Enrico corta a barriga do homem, que grita, retornando do seu estupor.

Ao sair do velho casarão, Enrico ordena que chamem a equipe de limpeza e que recolham tudo de valor, exceto móveis e aparelhos eletrônicos. Meu cunhado freta um caminhão, que ficará à disposição dos responsáveis da ONG com que ele entra em contato para que eles peguem o que quiserem. Deu ordem para, quando eles forem embora, colocarem fogo no casarão.

Depois do que aconteceu com meu sobrinho, meu cunhado e minha irmã têm ajudado ONGs espalhadas pela cidade, para que crianças tenham a oportunidade que Rico e seus amigos não tiveram.

No dia seguinte pela manhã, Pietro retorna para Roma. Decido ficar mais um dia, preciso ficar distante da Kiara. Meu dia é dedicado aos meus pequenos, fico feliz de ver como Enrico e Nina conseguiram superar todos os

problemas e construíram uma família linda. Não tem como não sentir o amor entre eles. Penso que um dia achei que isso aconteceria comigo, mas me enganei. Amor e casamento não são para mim.

No dia seguinte pela manhã, voo para casa. Ao entrar, me assusto com a presença do *mio padre*. Corro em sua direção, preocupado, imaginando que algo aconteceu. Ele me abraça e ri, diz que sentiu que seu *ragazzo* mais novo precisava dele. Suspiro aliviado e feliz, meu velho me conhece como ninguém.

Conto-o sobre a Kiara, como me sinto em relação a ela, como tenho agido. Minha preocupação e o efeito que ela tem sobre mim. Meu coroa escuta tudo sem dizer nada. Pela primeira vez consigo falar abertamente sobre ela.

— Por que em vez de ficar a observando escondido, você não a convida para jantar? Tenho certeza de que ela não vai recusar um pedido do homem que salvou a sua vida.

— Você sabe por que, *padre*.

— *Figlio*, não estou dizendo para você a pedir em casamento. É apenas um jantar, um passo de cada vez.

Reflito um pouco e concluo que *mio padre* tem razão. Amanhã vou fazer uma visita para Kiara.

CAPÍTULO SETE



KIARA

Depois de quatro dias internada no hospital onde trabalho e mais três dias na casa dos meus pais, finalmente estou em casa. Tudo o que mais quero é ficar no meu cantinho. Apesar do medo que sinto, nada melhor que meu lar. Adoro ficar na casa onde nasci, onde meus pais residem até hoje, porém, não via a hora de voltar para casa.

Minha paranoia em relação à minha segurança aumentou. Hoje pela manhã, assim que cheguei, a primeira coisa que fiz foi pedir ao chaveiro que colocou minhas trancas que verificasse se elas estavam funcionando bem, se era necessário trocá-las. Ele deve ter achado que sou maluca, mas pouco me importei.

Chega ser irônico toda essa minha preocupação com a minha segurança. Sempre fiquei atenta ao perímetro quando chegava durante à noite de carro, observava as ruas antes de abrir o portão do prédio quando estava a pé. Nunca trouxe nenhum desconhecido para casa, não aceito carona de estranhos. Para mim, a noite não reserva coisas muito boas para uma mulher que vive sozinha como eu e, por ironia do destino, apesar de tanto cuidado, de tantas trancas na porta, fui atacada em plena luz do dia, ao ar livre.

Desde que fui atacada, não consigo dormir a noite inteira. Meu sono é interrompido por pesadelos e pelas lembranças do que aconteceu. O estranho é que muitas vezes me pego pensando no homem que me segurou em seus

braços; mesmo que por alguns instantes, pude ver o quanto aquele homem de pele morena é bonito.

Flashes daquele dia trazem à tona o quanto senti medo ao ser segurada por suas mãos firmes. O medo se intensificou quando encontrei seus olhos e uma sensação estranha percorreu meu corpo, pois havia escuridão neles.

O belo moreno me visitou no dia seguinte da minha internação e tornou o dia de trabalho das minhas colegas mais felizes. Elas não se cansam de render elogios e dizer algumas bobagens. “*Se um homem como ele, lindo, gostoso e ainda por cima rico, me salvasse, abria minhas pernas e dizia: vem gostoso, toma sua recompensa*”. Não me restou outra opção a não ser rir. A enfermeira Andréia é a mais assanhada; não que as outras não sejam. Indaguei-a sobre sua afirmação dele ser rico, e ela me disse que o carro que ele chegou, o terno sob medida que estava vestido e seus seguranças diziam isso.

Infelizmente, ele não retornou mais. Por que retornaria?

Meus pais me contaram que o encontraram parado, observando-me enquanto eu dormia. Fiquei surpresa e, ao mesmo tempo, com uma sensação estranha. Por que ele foi me visitar? Meus pais têm razão, Enzo deve ser um bom rapaz. Eu o devo minha vida. Enzo Mancinni é o nome do meu super-herói. Se não fosse por ele, meu agressor teria me matado.

Meu corpo todo treme só de lembrar daquele dia, o medo se apossa de mim. Sinto-me como se o agressor estivesse em algum lugar, esperando-me para concluir seu trabalho.

Minha segunda paranoia é em relação ao meu corpo. Minha forma de me vestir mudou: não uso decote, nem vestidos acima do joelho; não malho mais só de top, visto uma camisa por cima. No meu íntimo, por mais que eu saiba que não tenho culpa, o fato de eu estar de top e bermuda de malhar justa foi o que chamou a atenção daquele homem.

Bobagem, tudo bobagem. Poderia estar de burca que ele me atacaria, mas não consigo evitar. Quando escolho uma roupa no meu armário, ou vou comprar algo, meu inconsciente me leva a esse caminho: esconder ao máximo meu corpo.

Ao me olhar no espelho, vejo o quanto estou pálida, magra e com olheiras, resultado de noites mal dormidas e má alimentação. Por mais que minha mãe insista, consigo comer muito pouco.

Segundo o testemunho dos seguranças do Enzo, meu agressor fugiu, então a qualquer momento pode me encontrar. Só de pensar nisso, meu estômago revira. Em cada esquina que ando, em cada loja, em todo lugar, sinto que estou sendo observada. Minha terapeuta disse que pode ser minha mente trabalhando em cima do que estou sentindo, porém, meu instinto me diz que é real, que estou sendo seguida, e isso me apavora.

Vejo-o em todos os lugares, suas palavras martelam em minha cabeça. *“Sua putinha, você vai me pagar. Vou te foder até você desmaiar”*. Soam para mim como uma ameaça, como se a qualquer momento ele fosse aparecer e cumpri-la.

Meu último relacionamento foi com um neurologista que trabalhou no hospital. Gostava dele, mas não o suficiente para ir com ele para os Estados

Unidos. John é americano, namoramos pelos dois anos em que ele trabalhou aqui em Florença. Não achei justo aceitar sua proposta de casamento, pois não o amava a ponto de me casar. Faz um ano que ele foi embora, e depois disso só tive alguns flertes; antes dele, algumas ficadas em festas ou em baladas. Meu foco sempre esteve nos estudos; relacionei-me com John no período em que estava fazendo residência.

Agora, não me vejo sendo tocada por outro homem. Ainda está vivo em minha memória o meu quase estupro, e isso tirou de mim o desejo, o tesão, colocando em seu lugar o medo. O que era antes uma precaução, tornou-se um pavor constante que me acompanha todos os dias.

Depois de dez dias de licença, volto para o trabalho. Por enquanto, por recomendações médicas, ficarei somente com as consultas. Cirurgias estão suspensas até segunda ordem. Depois de atender vários pacientes, vou para sala de repouso. Estou no fim do expediente, mas o medo de ficar sozinha está me impedindo de ir embora. Olho meu relógio de pulso, vendo que passa pouco das sete horas. Meu estomago reclama de fome, já que tomei café pela manhã e durante o dia comi apenas uma maçã.

Doutora Vitalle, comparecer à recepção.

O alto-falante anuncia. Será alguma emergência? Eles sabem que meu expediente terminou. Visto meu jaleco, que havia tirado e colocado no sofá, e caminho em direção à recepção que fica no primeiro andar. Espero o elevador chegar e, assim que as portas se abrem no terceiro andar, entro e desço, curiosa. Ao chegar na recepção, fico paralisada. Minhas pernas não se

movem, por mais que eu queira. O homem que salvou a minha vida está na minha frente, mais lindo do que me lembrava. Ele é o que podemos chamar de um belo exemplar italiano.

Por frações de segundo, minha mente me leva para o lado escuro. Se ele quiser fazer algo comigo? *Pare com isso, Kiara, ele te salvou, lembra?* Movimento minha cabeça em negação.

— Senhorita Vitale. — Sua voz me traz de volta. Recomponho-me. Com ele, preciso passar por cima dos meus medos, das minhas paranoias. Se hoje estou aqui, devo isso a ele, ao meu salvador Enzo Mancinni. Quando meu pai me disse seu nome, me trouxe algo familiar, como se eu já tivesse ouvido seu sobrenome. Melhoro minha expressão e estico minha mão em cumprimento.

— Olá, tudo bem? Estou feliz em vê-lo.

— Verdade? Pensei que você diria outra coisa. — Enzo faz uma pequena cena, com as mãos no peito. Sorri e leva sua mão de encontro à minha.

— Por que diz isso?

— Vamos dizer que sua reação ao me ver não foi muito boa.

— Desculpe-me, é que eu não esperava — digo um pouco constrangida. Agi feito uma idiota.

— Uma coisa tem de bom, você se lembrou de mim.

Sorrio, constrangida com minha reação e com meus pensamentos nada angelicais. Como esquecer de um homem como esse? Impossível.

— Jamais vou esquecer do homem que salvou minha vida.

— Bom saber disso. Quanto tempo você leva para se trocar?

Ele aponta para minha roupa. Estou vestindo uma calça branca, blusa branca e jaleco, que também é branco. Sorrio.

— Uns vinte minutos, por quê?

— Porque nós vamos jantar. Vai se trocar que eu te espero.

CAPÍTULO OITO



KIARA

É isso mesmo? Isso não foi um convite, praticamente uma intimação.

Enzo me dá as costas e se senta em uma poltrona da recepção. Mais uma vez, fico inerte, perdida em meus pensamentos. Nós dois não nos conhecemos, quer dizer, nunca fomos apresentados oficialmente. Nosso único contato foi naquele dia fatídico. Ele não se deu ao trabalho de perguntar se tenho compromisso, nem se quero jantar com ele. Há uma luta interna em mim. O meu medo de estar sozinha com um homem novamente me diz para dizer não, mas a parte sensata em mim diz para dizer sim, afinal, não se trata de qualquer homem, e sim do meu salvador, o homem a quem devo minha vida.

— Você só tem dezoito minutos — ele diz assim que verifica seu relógio no pulso. Seus lábios exibem um sorriso de canto da boca. Mais uma vez, ajo feito uma idiota. Recolho minha insignificância e entro no elevador, ouvindo sua risada. Enzo é um homem a ser estudado. Ao mesmo tempo que é bem-humorado, exala algo que soa como perversidade, e esse lado perverso me deixa insegura.

Entro no vestiário, pego meu nécessaire em meu armário e corro para o banheiro. Ia tomar banho em casa, mas como meus planos mudaram... Meus não, mas enfim. Não posso sair com o corpo sujo de um dia de trabalho. Ainda bem que hoje caprichei um pouco mais no visual. Sempre

tive o hábito de vir trabalhar mais arrumada nos finais de semana, geralmente meus colegas me convidam para um barzinho. Hoje seria um dia que, se rolasse um convite, aceitaria. Minha intenção era chegar em casa bem cansada e apagar, uma forma de fugir dos meus pensamentos.

Deslizo sobre meu corpo meu vestido preto, faço uma rápida maquiagem usando o pequeno espelho na porta do meu armário. Duas douloras entram e dizem algumas coisas, porém não dou atenção. Meu foco é fazer o melhor possível em minha aparência. Esconder umas manchas roxas em meu rosto que ainda são perceptíveis, por exemplo.

Dou uma última olhada em meu pequeno espelho, ainda insegura sobre o jantar. Fecho a porta do armário, pego minha bolsa, passo as mãos em meu vestido e vou ao encontro do Enzo. *Ele é do bem, meu salvador, devo minha vida a ele.* Mentalizo essas palavras. *É só um jantar, Kiara,* digo em voz alta para mim mesma.

Enzo se levanta e me olha com admiração. Seus olhos passeiam pelo meu corpo e em seguida encontra meus olhos. Ficamos presos um nos olhos do outro por alguns segundos, até que ele verifica as horas em seu relógio.

— Você se atrasou sete minutos. Dessa vez, vou perdoar. Valeu a pena a espera.

Ele sorri e faz sinal para que eu caminhe. *Dessa vez?* O que ele quis dizer com isso? Será que Enzo irá me convidar para sair outras vezes?

A porta do carro é aberta. Enzo sai e me cede sua mão. Seguro-a e

deslizo no banco para fora do carro. Seu toque envia arrepios pelo meu corpo, uma sensação boa. Nossa mesa fica na área externa, a iluminação é feita por algumas velas e pelas luzes da cidade. A lua ilumina o rio, misturando-se com as luzes artificiais, fazendo um contraste perfeito de cores.

— O rio Arno nasce nas cordilheiras dos Apeninos, atravessa a região da Toscana, passa por Florença e Pisa, e deságua no mar Tirreno — Enzo diz enquanto observo o rio. Deve percebido o quanto estou admirada com a vista. A tensão que sentia se dissipou, sinto-me confortável pela primeira vez em dias.

— O San Arno é um restaurante Michelin. Sua cozinha é italiana, mediterrânea, europeia, Toscana e do centro da Itália. Ainda tem opções vegetarianas, veganas e sem glúten.

Muito gentil da parte dele de me trazer em um lugar lindo como esse, e com tantas variedades de comida. O fato de ser Michelin não me surpreende, não esperava menos de um homem bem-sucedido como ele. Volto minha atenção para Enzo e sorrio.

O garçom traz um vinho que não o vi pedir. Ele experimenta e aprova; o garçom nos serve. Observo o cardápio; ele me dá algumas dicas, e acabo pedindo o mesmo prato que o seu.

ENZO

Kiara observa o rio, encantada. Seu belo rosto transmite uma serenidade que não vejo há muito tempo. Meus dias de *stalker* me apresentaram uma Kiara tensa e infeliz. Quando termino de falar, ela sorri.

Fico deslumbrado, pois é sincero. Nossa comida é servida e quebra o gelo. Minha missão é fazer com que ela se sinta à vontade ao meu lado, para que eu possa conhecer mais dela do que os relatórios me apresentaram.

— O que achou? Essa é a minha comida predileta desse lugar.

— Hum! Uma delícia, muito obrigada.

Sorrio com sua satisfação.

— Você mora há quase três anos em Florença, mas me parece que é a primeira vez que vem aqui.

— Como sabe que não sou daqui? — questiona.

— Digamos que sei muito sobre você.

Kiara para de comer e fica me observando. Sua mente deve estar trabalhando, então trato de acabar com sua curiosidade.

— Quando te levei para o hospital, fiquei curioso em saber quem era a mulher que socorri, se tinha alguma relação com o homem que te atacou, então mandei que a investigasse, por isso sei muitas coisas sobre você.

Digo a verdade, só omito a parte em que fico igual a um maluco seguindo seus passos.

— O que você descobriu?

— Você tem medo de barata, principalmente das voadoras.

— *Dio mio*, até isso você sabe? — Ela ri, amo o som da sua risada. Kiara esconde o rosto, seus cabelos caem sobre suas mãos.

— Escute essa. No seu primeiro ano na faculdade, você fez seu professor interromper a aula porque viu uma barata na cadeira da colega da frente. A aula só prosseguiu depois que um colega a matou.

— *Gesù Cristo!* Nunca mais vou olhar pra você.

Gargalho. Ela está se comportando como uma menina. Gosto dessa Kiara, perfeita para mim. Não vejo a hora de estar enterrado dentro dela. *Acalme-se, júnior. Com ela temos que ter calma*, digo ao meu pau que ficou animado. Suas bochechas coradas são uma perdição.

— Seu investigador parece que saiu de um seriado de TV, o CSI. Que vergonha. — Rio alto, ela joga o guardanapo em mim. — Sério, estou com medo do que mais você sabe.

— Bom, sei que você nasceu em Nápoles, veio para Florença fazer sua residência, e nesse período namorou um neurocirurgião.

Não é nada agradável dizer isso. Só de imaginá-la com outro homem...

— Estou na desvantagem, não sei nada sobre você.

— Pergunte. — Gesticulo, incentivando-a.

— Qual seu hobby?

— Quando posso, pegar estrada com a minha moto. Por mim, viveria

em cima dela. Amo pilotá-la e a sensação de liberdade que ela me dá — respondo.

— O meu é ir ao cinema. Vou menos do que gostaria, mas é o que gosto de fazer.

— Combinado, amanhã vamos ao cinema. — Ela me olha e sorri, balançando a cabeça. — O que foi?

— Você sempre é assim? — Sorrio, e ela faz sinal de desistência. — Qual seu ramo de trabalho? Nota-se que você é bem-sucedido, mas o que você faz?

— Minha família tem uma empresa de eventos, entre outros negócios. Somos donos de algumas casas espalhadas dentro e fora da cidade.

Kiara dá a última garfada, bebe um gole de vinho. Ela está pensando no que perguntar, aguardo paciente.

— Você é casado?

Essa pergunta vinda dela me pega de jeito. Mesmo que eu não queira, meu humor muda.

— Viúvo.

— *Dio mio*, Enzo! Sinto muito.

Em seus olhos, vejo pena. *Cazzo*.

— Como aconteceu?

— É passado. — Olho bem sério para ela, chamo o garçom e peço a conta. Kiara se cala, parece tensa, mas foda-se. Ela não tinha que trazer o fantasma da Antonella. Ela age como um filhotinho acuado, fica me observando. Meus olhos encontram os dela e me perco neles. Se ela tivesse a mínima noção da minha obsessão por ela, não entraria nesse campo.

CAPÍTULO NOVE



ENZO

Kiara fica surpresa quando a deixo na porta do seu condomínio, e imagino o motivo: não pedi seu endereço. Fizemos a viagem toda em silêncio. O assunto Antonella realmente me incomoda; pelo meu tom de voz, ela percebeu isso, por isso não arriscou a dizer nem uma palavra sequer. Meu motorista abre a porta do carro, ela desce, e desço em seguida para me despedir.

— *Buona notte* — ela diz e vira as costas. Antes que dê mais um passo, seguro em seu braço. Sua pele se arrepia, ela fica tensa, parece com medo. Solto-a e levanto as mãos assim que ela me olha com seus olhos assustados.

— Calma, sou eu. Enzo, lembra? — digo brincando. Ela solta a respiração audivelmente. Finjo procurar algo em seu rosto. Faço uma expressão de que tem algo errado; ela mexe nos cabelos, passa as mãos no rosto.

— O quê? — pergunta intrigada, sem parar de passar as mãos no rosto. — Meu rosto está sujo?

Sorrio, aproximo-me e passo meu polegar em sua bochecha. Sua pele é delicada e macia. *Dio mio*, como queria tocar todo seu corpo com meus lábios.

— Tinha um inseto enorme no seu rosto — digo, tentando segurar o riso. Ela cruza os braços e tenta ficar séria, mas não consegue.

— Você adora me fazer parecer uma tola na sua frente.

— Nunca diga isso, gosto da sua espontaneidade. Queria apenas ver um sorriso nos seus lábios. Desculpe-me por antes, é que não gosto de falar sobre meu passado.

Ela maneia a cabeça. Sorrio para o clima não voltar à tensão de antes.

— Tudo bem, a culpa foi minha, perguntei demais — diz, realmente sentida. Finjo estar vendo algo novamente em seu rosto, e ela ri. Amo seu sorriso.

— Passo às sete para irmos ao cinema.

Ela abre e fecha a boca seguidas vezes, mas não diz nada. Conduzo-a até o portão, vou embora assim que ela entra no prédio. Vai ser foda dormir essa noite, só de imaginar aquele rosto corado... na minha mente, surgem mil formas de deixá-los assim. Grunho e ajeito meu pau na calça.

Kiara não sabe, mas tenho um homem fazendo sua segurança secretamente. Não tenho como fazer isso diariamente, então incumbi um soldado de minha confiança. Minha preocupação com seu bem-estar é diária, meu dever é de cuidar de sua integridade, ainda mais agora que ela vai pertencer a mim. Tenho muitos inimigos e todo cuidado é pouco.

Kiara não faz ideia o quanto estou obcecado. Desde que segurei seu corpo machucado e frágil em meus braços, ela se tornou minha obsessão.

Antes, não entendia esse meu fascínio por ela, mas a cada dia que passa a compreensão toma conta de mim. Meu corpo, tudo em mim a deseja. Só senti isso uma vez, e infelizmente as coisas não terminaram bem.

Com ela, o ritmo tem que ser diferente. Kiara não é igual às mulheres com quem costumo sair. Não que não me envolva com mulheres inteligentes e bem-sucedidas, é que a violência que ela sofreu a tirou do jogo. De qualquer forma, estou em processo de torná-la minha. O dia que me enterrar nela, não terá mais volta. Kiara me pertencerá para sempre.

Os gêmeos, alguns homens e eu fazemos uma incursão no bairro de Oltrarno. De vez em quando, surgem alguns *maledetto* que são um verdadeiro pé no saco. Fui informado que um pequeno grupo de milícia tomou conta desse bairro. Exigem dinheiro dos moradores, alegando proteção. Uma vez ou outra, tenho que trazer à memória desses *figlio di puttana* que os Mancinni que mandam, *cazzo*.

— Chefe, o senhor não precisa ir conosco. Sabe que podemos dar conta desses vermes.

Dante tem razão, mas gosto da adrenalina de enfrentar o inimigo, gosto do jeito que imploram por sua vida. Muitos parecem a chapeuzinho vermelho com medo do lobo mau. Diferente dos meus irmãos, para mim é uma diversão, principalmente quando minha garota entra em cena. Só de lembrar do último que teve o prazer de conhecê-la, sorrio.

— Sei da competência de vocês, mas um pouco de diversão em um sábado ensolarado como esse não faz mal.

Meus homens riem. Uns dos critérios principais para trabalhar comigo é ter bom humor. Os únicos carrancudos que tolero são Pietro e Enrico, que melhorou bastante depois que se acertou com a Nina, porém sua crueldade continua impecável.

Quinze dias atrás, ele matou uns dos seus soldados porque o pegou cobiçando minha irmã. Enrico estava chegando em casa quando viu Nina no portão com o Rico. Seu instinto de caçador fez com que aguardasse alguns minutos dentro do carro, foi quando viu o bastardo medindo o corpo da Nina com os olhos, estacionando em sua bunda; em seguida, apertou seu pau, passando a língua nos lábios. Foi o suficiente para que Cruel arrancasse seus olhos e mandasse mostrar a todos como advertência, para que ninguém ouse a desejar sua mulher. Um dia fui assim. Por causa *dela*, era capaz de qualquer coisa.

Ao chegarmos em Oltrarno, deparamo-nos com dois homens armados na entrada, que apontam suas armas inutilmente. Eles não podem fazer nada, pois tenho vinte comigo. Meus homens estão com as armas apontadas, esperando minhas ordens. Assis abre a porta do carro, e saio tranquilamente, ajeitando meus óculos de sol. Os homens me reconhecem e abaixam suas armas.

— Me levem até seu chefe —o rdeno. Assim eles fazem. Meus homens se espalham, apenas os gêmeos me acompanham.

— Que honra receber um Mancinni no meu bairro —o maledetto diz, deixando-me puto. Até agora minha intenção era conversar. Vim bem munido caso a situação mudasse, e ela acabou de mudar nesse instante.

Sem dizer uma só palavra, com o olhar ordeno que os gêmeos o rendam. Saio da casa e ordeno que meus soldados tragam todos os que trabalham sob a ordem desse pé na bunda. No total, são quinze homens, contando com os dois da entrada.

— Essa cidade, inclusive esse bairro, pertence a mim. Hoje estou bonzinho, vou lhes propor uma coisa. Se quiserem trabalhar para o verdadeiro dono, pouparei suas vidas, mas se insistirem nessa milícia, vou acabar com todos vocês. E aí, o que decidem? — digo com total falta de humor. — Não tenho o dia todo. Tenho um encontro, e vocês estão atrapalhando. Quando vão entender que os Mancinni são donos da porra toda? Cambada de pé na bunda, toda hora surge uns metidos a valentões querendo medir forças conosco. Um bando de fodidos.

Resmungo. Todos concordam em dar um fim na milícia, até o que se diz dono do bairro.

— Essa proposta não serve para você — digo. Olho para os gêmeos. Por me conhecerem há muito tempo, sabem interpretar cada gesto meu. Assis sai apressado, retornando em poucos minutos com uma corda. Entrega-a a Dante, que amarra as mãos do *maledetto*, enquanto Assis e outro soldado o seguram.

— Arraste-o pelo bairro. Que ele sirva de exemplo para que não surja outro bastardo se intitulando dono e escravizando os moradores. Diga a todos que os Mancinni não obrigam a ninguém a fazer o que não queiram, os que são da *famiglias*, são de livre espontânea vontade. Nós não cobramos proteção, apenas pedimos em troca lealdade.

Sigo com os gêmeos para meu carro, os soldados irão concluir o serviço. Pensei que teria um pouco de diversão, mas não foi nada engraçado. Vou até ao clube resolver algumas coisas, depois para casa descansar um pouco. Mais tarde tenho que levar uma linda loira ao cinema.

CAPÍTULO DEZ



ANOS ATRÁS - MARCO

Desde o dia que fui escolhido para ser seu segurança pessoal, minha vida mudou completamente. Lembro-me como se fosse hoje. Estava parado próximo às escadas que ficavam logo atrás da porta. Meu chefe, que era seu pai, a chamou.

— Pérola. — Olhei para o topo da escada. Quando a vi, meu mundo parou. Cada degrau que ela descia, fazia com que eu ansiasse que se aproximasse o mais rápido possível de mim. Seu vestido meia taça modelava seu corpo até a cintura. Na parte da saia, era rodado e me dava a visão perfeita de suas longas pernas torneadas. Sorria para seu pai enquanto descia e, porra, eu queria aquele sorriso só para mim.

— Perola, esse aqui é Marco, um homem de minha confiança. A partir de hoje, será seu segurança particular.

Enquanto meu chefe nos apresentava, não conseguia tirar meus olhos dela. Seus lindos olhos de jabuticaba me mediram da cabeça aos pés. Em seguida, ela estendeu suas mãos. Tocá-la naquele momento foi mágico, senti-me como um menino de dezesseis anos, bobo e excitado. Precisei fechar o blazer para que meu chefe não notasse o efeito que aquela linda pérola negra tinha em mim.

— *Dio mio*, onde está minha cabeça. Seu nome é Antonella, mas

todos aqui em casa a chamamos de Pérola.

Sorri satisfeito. Como não sorrir, seu apelido condizia com sua beleza. Antonella é uma joia preciosa.

Em pouco tempo, Antonella se apaixonou por mim, e eu já estava rendido aos seus pés. Mantínhamos nosso amor em segredo. No início, foi bom, mas com o tempo eu queria mais, queria que todos soubessem que ela era minha. Era muito difícil vê-la sendo cobiçada e cortejada por outros homens sem poder fazer nada.

Minha pérola dizia que seu pai nunca aceitaria o relacionamento dela com um simples segurança, que ele a deserdaria. Apesar de muito insistir, nunca consegui convencê-la a assumir nossa relação, nem que eu era homem suficiente para mantê-la. Minha linda joia nunca conheceu nada diferente do luxo. Seu pai era deputado e tinha negócios com a máfia.

Sempre fui um cordeiro em suas mãos. Essa mulher faz de mim o que bem quer. Muitas vezes, digo que não vou ceder, mas acabo cedendo. Porém, agora tudo mudou. Antonella vai se casar, se casar, porra! Com um figurão da máfia, e isso não posso aceitar.

— Pérola, como você pode dizer que me ama e se casar com outro?

— Amor, entenda. Ele é um Mancinni, o sonho do meu pai sendo realizado. Meu pai sempre quis pertencer a essa família, fez de tudo para que isso acontecesse.

— E a gente?

— Não se preocupe, Enzo está nas minhas mãos. Você vai continuar trabalhando para mim.

Ela se aproxima e desliza suas mãos sobre meu corpo, que acende na hora. Seguro seu pulso antes que ela segure meu pau.

— Não posso passar meus dias imaginando você na cama de outro. Não vai dar, Antonella. Você assume a nossa relação e desiste desse casamento, ou a gente termina aqui.

— Você sabe que não posso, Marco.

Meu coração dói com sua escolha. Dediquei três anos a essa mulher, para que no fim ela termine nos braços de outro. Viro-me, pego minha carteira e minha arma que está sobre o móvel próximo à porta do quarto de hotel onde realizamos nossos encontros. Ao sair, bato a porta. Não tenho como medir forças com um homem poderoso como um Mancinni. Infelizmente, minha pérola negra faz tudo que seu pai ordena, mesmo que seja contra sua vontade. Nunca que ele aceitaria que sua filha se casasse com uma merdinha de segurança como eu.

ANTONELLA

Essa paixão do Marco por mim nunca o fez ver que eu o uso para meu benefício próprio. Ter relações sexuais com ele é apenas para satisfazer meu corpo quando necessário, para que eu o mantenha sempre na palma das minhas mãos. Assumir nosso caso, iludido. Nunca que uma mulher como eu andaria em público com um segurança. Fui criada no luxo e, mais do que do luxo, gosto de *status*. Homens como ele só servem para me satisfazer.

Casada com um Mancinni, terei tudo. Estarei no topo da cadeia. Por mais que meu pai seja um deputado, eles que mandam na cidade. Nunca mais serei motivo de comentários maldosos daquelas invejosas que não sabem segurar seus homens. Não tenho culpa de ser desejada por eles; talvez seja culpada de foder com eles. Rio.

O pobre do Marco pensa que é o único homem em minha vida. O coitado não faz a mínima ideia que já me levou para vários encontros que fingia serem reuniões para fazer trabalhos para faculdade.

Quando meu pai me contou sobre seus planos de me tornar uma Mancinni, topei na hora, mas primeiro fingi que queria me casar por amor. Dá até vontade de vomitar só de pensar nessa palavra. Depois, portei-me como uma filha obediente. Ele nem imagina quem é a verdadeira Antonella, ainda pensa que sou virgem. Por causa disso, tive que inventar uma história digna de Hollywood para meu futuro maridinho, para justificar a falta de hímen.

O plano inicial era que eu me casasse com o Pietro, mas não deu certo. Ele é inacessível. A sorte me ajudou colocando Enzo em meu caminho. Não precisei fazer o mínimo esforço. Enzo se encantou por mim assim que me viu. Para minha felicidade, daqui a um mês me tornarei uma Mancinni, e de bônus estou tendo o melhor sexo da minha vida. Enzo é uma delícia, pena que não me contento só com um pau. A adrenalina de transar em lugares públicos com estranhos, ou entrar disfarçada em hotéis, torna meus dias melhores.

Marco foi o único homem que me teve por muito tempo, pois precisava dele. Agora, terei Enzo e não posso reclamar, o cara é um furacão

na cama. Sei que ele não é um otário como o Marco, terei que ter mais cuidado, mas darei meu jeito, sempre dou.

CAPÍTULO ONZE



KIARA

O que está acontecendo comigo? Sempre fui cautelosa em relação à minha segurança, as trancas em minha porta confirmam isso, mas desde que fui atacada, tenho a sensação de estar sendo seguida, e isto está me apavorando.

Pela manhã, decidi fazer uma faxina em casa. Depois do almoço, fui ao supermercado comprar algumas coisas que estavam faltando. No instante que coloquei meus pés na rua, meu coração ficou inquieto. Tinha certeza de estar sendo seguida. Expulsei esses pensamentos e me forcei caminhar até o supermercado que fica a uma quadra do meu condomínio. A cada pessoa que me cumprimentava, eu me exaltava, agia como louca.

Comprei o que era necessário o mais rápido possível. Precisava da segurança do meu lar. Praticamente corri para casa agarrada às sacolas pressionadas em meu peito. Olhava para todos os lados, a palpitação só diminuiu quando entrei em meu apartamento e conferi duas vezes se todas as trancas estavam devidamente fechadas.

Pode ser até insano dizer isso, mas só me sinto segura quando estou com o Enzo. Enzo. *Dio mio*. Esse homem mexe comigo. Ele tem uma mistura de dureza e suavidade. É um tipo de homem que domina o ambiente, seja com gestos, palavras ou apenas com sua presença. Ontem, quando ele me intimou para jantar, simplesmente aceitei, sem questionar, e nesse momento

estou em dúvida do que vestir para ir ao cinema. Minha dúvida deveria ser se eu devo ir ou não, porém, por mais que eu tente, não consigo dizer não a ele. A mulher tão decidida, tão dona de si, esquece, não existe mais quando se trata do Enzo. Ele detém todo poder sobre minhas ações, estou em suas mãos.

Por falar em mãos, seu toque no meu rosto fez com que meu corpo quisesse mais, por uma fração de segundo. Vi o mesmo em seus olhos, pena que era uma estratégia para me distrair, uma forma de me pedir desculpa por seu jeito rude de me responder. Na verdade, eu que deveria me desculpar, fui muito intrometida querendo saber como sua esposa morreu. Pude ver que isso é algo que ainda o afeta. Não sei há quanto tempo ele é viúvo, mas o sentimento da perda ainda está vivo nele.

Minutos depois de voltar do supermercado, a enfermeira Andreia me ligou. A curiosa disse que viu o bonitão, no caso o Enzo, na recepção. Ela queria saber detalhes do nosso encontro. A sem-vergonha teve a ousadia de perguntar se transamos; quando disse que não, ela disse “*ao menos no pau dele você pegou, né, Kiara?*”. Com a minha recusa, ela disse que tenho muito que aprender.

Nunca fui mulher de ir para cama com vários homens, meu foco sempre foi nos estudos. Saía de vez em quando com caras que conhecia na balada, mas nada de sexo. Meu primeiro homem foi um rapaz que namorei desde meus dezesseis anos, meu vizinho Matteo. Entreguei-me a ele quando fiz dezoito anos. Já estava na faculdade. Dois anos depois, ele decidiu trancar sua matrícula, desistiu da medicina e quis tentar a vida na Grande Maçã. Seu intuito era que eu fosse junto, mas meu objetivo sempre foi ser médica.

Senti muito quando Matteo partiu, foram muitos anos juntos, nos

conhecíamos desde criança. O bom é que continuamos amigos. Hoje ele toca em barzinhos com sua banda. Estamos sempre em contato e nos vemos no final de ano quando vamos visitar nossas famílias em Napoli. Nunca o imaginei assim. Idealizava eu e ele juntos, com uma clínica nossa, mas a vida é cheia de surpresas. O importante é que Matteo está feliz.

Decidi por um vestido azul-turquesa, meia taça. Faz tempo que não uso nada que exponha partes do meu corpo, mas Enzo me passa segurança, e, ao mesmo tempo, quero estar bonita e sexy para ele. O vestido abraça meu corpo até a cintura. A parte de baixo é solta e fica acima do joelho. Hoje o dia está quente, então esse look é apropriado.

Faltam quinze minutos para as sete. Enzo deixou bem claro em nosso primeiro encontro que não gosta de atrasos. O que será que ele quis dizer quando disse “*dessa vez vou perdoar*”? Só vou descobrir se me atrasar. Estou com um pouco de medo, mas vou pagar para ver. Coloco uma pulseira, deslizo meus pés no meu scarpin da mesma cor do vestido, adiciono mais um pouco de perfume e saio do quarto. Na sala, coloco meu celular em minha pequena bolsa, junto com meu batom. Observo o relógio na parede da cozinha, aguardo até o ponteiro marcar sete horas, que é o horário combinado. Não quero me atrasar muito, seja qual for a consequência espero que seja branda.

Enfim, sete horas. Caminho pelo corredor até o elevador. Ao passar pelo hall do prédio, cumprimento o porteiro. Já posso vê-lo encostado no carro, minhas pernas travam. Cristo! Enzo está deslumbrante. É a primeira vez que o vejo de roupa casual, sem seu tradicional terno, tirando o dia que o conheci. Ele parece mais jovem em sua calça jeans preta e sua camisa de botão creme com as mangas dobradas. Sua calça apertada mostra o quanto

suas pernas são grossas. O botão superior da sua camisa está aberto. O conjunto da obra é perfeito. Se nessa distância está me causando esse efeito, imagine de perto.

Meu atraso é maior que o esperado. Preciso ir e esconder essa cara de quem está gostando e muito do que vê. Abro a porta de vidro, desço os três degraus e caminho até o portão. Enzo sorri assim que me vê. Como ontem, seus olhos percorrem meu corpo. Sinto um arrepio, é nítido o desejo no seu olhar. *Kiara, cadê o medo? Você está com medo de homem, lembra?* Minha consciência me recrimina, mas o medo que sinto, se torna imperceptível quando estou perto desse homem.

Enzo se aproxima de mim e verifica seu relógio de pulso. Ele tem problemas com horas, sinto que estou ferrada. Seu corpo fica bem próximo do meu. Prendo minha respiração, ele abaixa sua cabeça e encosta seus lábios em meu ouvido.

— Você está atrasada, minha pequena *uccello*. Por mais que eu goste do que vejo, odeio atrasos. — Sua voz grave e rouca provoca arrepios em minha pele. Meu centro se manifesta. Não foi boa ideia me atrasar de propósito. Ele sorri para mim e me encaminha até seu carro, o motorista nos aguarda com a porta aberta.

Ainda com a excitação percorrendo meu corpo, penso em iniciar um assunto. Quero conhecê-lo, saber um pouco mais dele, já que ele sabe tudo sobre mim. Desse jeito, distraio minha mente que está maliciosa, com toda razão.

— Como foi seu dia? — Ele se vira no banco, me olha e sorri.

Socorro!

— Digamos que nada agradável. Hoje tive que me livrar de um *maledetto* que era um pé na bunda. — Faz cara de desgosto, depois sorri para mim. — E o seu, pequena *uccello*?

Levanto minha sobrancelha para ele, que ri alto. Até agora não entendi esse apelido. Pássaro? Será que ele está vendo asas em mim, ou pior, penas? Cruzo meus braços e fecho o cenho; ele ri mais alto. Virei palhaça agora? Ele pode ser gostoso, lindo, delicioso, mas não tem esse direito. Percebo que estou mentindo para mim mesma. O que eu mais queria agora era que ele me depenasse. Seu cheiro está invadindo minhas narinas, imagino-me cheirando e beijando todo seu corpo. Empurro meus pensamentos impróprios para a caixinha da falta de sexo e mantenho minha postura.

— Não é nada disso que você está pensando. — Ele lê pensamentos? Se for verdade, ferrou. — Você parece uma ave que ao nascer luta pela sobrevivência, pelos seus objetivos, e, se alguma dificuldade surge, limpa as feridas, não desiste, começa tudo de novo.

Ouçó atentamente suas palavras, elas fazem todo sentido. Nasci prematura com sete meses, passei dois meses na maternidade lutando pela minha vida. Foram três cirurgias e muitas recaídas. Depois da alta, fiquei em observação médica por muitos anos. Não podia fazer muito esforço, por isso ficava de fora de algumas atividades na aula de educação física e de algumas brincadeiras com meus amigos da rua.

Matteo sempre cuidava de mim. Meus pais o incumbiram essa

missão, mas ele fazia porque queria; fomos criados juntos e um cuidava do outro. De amigos nos tornamos namorados. Pensei que nosso relacionamento seria para sempre; com ele que me tornei mulher e foi maravilhoso, nosso sexo era calmo e prazeroso.

— Essa ave, por motivos óbvios, nesse momento se sente acuada, como se tivesse sido posta em uma gaiola com a porta aberta. Ela limpa as feridas e recomeça seu dia, mas no fim do dia retorna para a gaiola, por muitas vezes fica indecisa se fecha a porta e se mantém ali, se sai e luta por mais um dia, ou se acaba com o medo que a prende e volta a ser a ave de sempre, que exibia sua beleza e força em voos cada vez mais altos.

Uma lágrima escorre no meu rosto, Enzo a captura com seu polegar. Em poucas palavras, consegui dizer como tenho me sentido, como se ele me conhecesse mais do que conheço a mim mesma. Tenho voado baixo, aquele homem tirou isso de mim. Não posso permitir que ele me tire mais nada. Para que isso aconteça, tenho que me desfazer dessa gaiola que eu mesma criei e, como ele disse, limpar as feridas, não com doses homeopáticas, mas de uma vez, e voar alto, seguir em frente, de preferência nos braços desse homem.

Enzo Mancinni não faz a mínima ideia que acabou de me ganhar. Um só sinal de que ele me quer, e serei dele. Foda-se medo, foda-se tudo, quero esse homem.

CAPÍTULO 12



KIARA

As luzes são apagadas. Ajeito-me na cadeira e olho para a tela. Depois de tantos trailers, o filme enfim começa. Meu corpo está direcionado para a tela, mas minha mente está nas palavras do Enzo. Os sentimentos que ele desperta em mim são novidade para mim, faz tempo que um homem não consegue envolver meu corpo e meus sentimentos de uma só vez, principalmente um homem que acabei de conhecer. A última vez que senti algo que chegou perto disso foi pelo Matteo, a diferença era que eu o amava. Seu jeito doce e tranquilo eram meu porto seguro, eu confiava nele e o conhecia como ninguém. Matteo me fazia rir, que é algo em comum com Enzo; se bem que ele acabou de me fazer chorar.

Já fiquei com alguns rapazes que não me despertaram interesse de ir para cama, ainda mais porque os conheci em barzinho ou na balada depois de alguns drinques. Depois do Matteo, só me relacionei com o John. Saímos uma vez para jantar e não nos desgradamos mais. Durante os dois anos que ele ficou em Florença, ficamos juntos. O nosso relacionamento era confortável para os dois, não havia explosão de sentimento, muito menos amor, de ambas as partes.

Enzo é o cara mais bonito que eu já vi, meu corpo reage quando se aproxima ou quando apenas penso nele. Sua aparência dura não condiz com seu jeito bem-humorado de ser, porém, ele também tem um lado negro, que a

princípio me amedrontava, mas, agora, essa mistura me causa efeitos de excitação.

A sessão está vazia, tem poucas pessoas na sala. Um grupo de seis jovens está quatro fileiras à nossa frente, do lado esquerdo tem um casal na penúltima fileira, mais à frente mais dois casais, em fileiras diferentes. Enzo escolheu o último assento, na última fileira. Olho para o lado e seus olhos estão pousados sobre mim. Fico tensa com a intensidade com que suas íris cor de mel me observam. Assumo para mim mesma o quanto esse homem me deixa excitada e não desvio o olhar. Ele sorri com o canto da boca e coloca seu polegar sobre meus lábios.

— Você está brincando com fogo, pequena *uccello* — ele diz enquanto seu dedão desenha meus lábios.

— O que eu mais quero nesse momento é ser queimada por você.

Enzo saqueia minha boca com possessividade. Sua língua envolve a minha, ditando um ritmo urgente. Meu corpo está em chamas, é a primeira vez que desejo me entregar a um homem depois do primeiro beijo. Suas mãos seguram meu rosto, me prendem a ele, me prendem à sua boca. Tudo em vão, porque não quero estar em outro lugar. Quero mais dos seus beijos, mais da sua língua.

Fico ofegante e busco um pouco de ar quando nossas bocas se desgrudam. Recomponho-me e confiro se tem alguém nos observando. O casal que está mais próximo está tão enlaçado quanto nós dois. Enzo segura em meus cabelos, faz com que eu olhe para ele. Sua boca vai ao encontro da minha em um beijo mais calmo, ele a explora toda. Coloco minhas mãos em

seus cabelos, ele grunhe. Nosso beijo se torna longo, gostoso. Por mim, ficaria assim para sempre.

— Tudo o que eu mais queria era aplacar esse fogo que está me consumindo desde que conheci você, mas você ainda não está pronta — ele diz essas palavras assim que desfaz nosso beijo. O que o faz pensar que não estou pronta? Meu corpo está em chamas e o que mais quero é me entregar para ele. Enzo me observa, seus olhos me estudam. Tem hora que dá a impressão de que ele lê meus pensamentos. As luzes acendem e percebo que não vi o tempo passar. Ele segura minha mão.

— Vamos, o filme acabou.

Solto sua mão, ajeito meu cabelo, passo as mãos sobre minha roupa. Quando termino, ele me dá um sorriso, que retribuo. De mãos dadas, saímos do cinema como namorados. Enzo pergunta se quero pipoca, brinca dizendo que não foi um cavalheiro, pois esqueceu de comprar na entrada. Do lado de fora, o seu motorista nos aguarda. No carro, ele se aproxima de mim e me abraça. Beija o topo da minha cabeça e fica em silêncio.

— Por que você disse que não estou pronta? Quero você, Enzo.

Essa última parte digo praticamente sussurrando. É a primeira vez que tomo atitude como essa.

— *Cazzo*, Kiara! Está foda de me segurar. — Ele pega minha mão e a coloca sobre sua glândula que está ereta. Sinto vontade de apertar. — Não quero que você se arrependa. Depois que se tornar minha, não tem mais volta. Tem muitas coisas que você não sabe ao meu respeito. Não vou aceitar que se entregue a mim e depois desista.

Ele segura em meu queixo e faz com que olhe para ele.

— O dia que eu estiver dentro de você, vai ser para valer. Sou um Mancinni, isso quer dizer que sou ciumento, possessivo e homem de uma só mulher. Um Mancinni quando escolhe uma mulher para ser sua, só se separa quando um dos dois morre.

Meu coração acelera com suas palavras. Seu humor habitual não esteve presente em nenhum momento. Enzo está certo, não o conheço, não sei nada sobre sua vida, sobre sua família. Minha consciência me repreende. *Não estou te reconhecendo, Kiara.* Meu corpo e meus sentimentos dizem para eu ligar o botão foda-me.

O motorista estaciona. Saio dos seus braços, passo as mãos no cabelo e saio do carro. Ele me conduz para o restaurante. O maitre nos leva para o final do estabelecimento, a nossa mesa fica em um lugar discreto. Não sei como agir depois da sua rejeição; permaneço em silêncio, espero que ele diga algo primeiro. Enzo pede um vinho e, quando o maitre se retira, ele me olha com sorriso em seus lábios.

— Gostou do filme, Kiara?

Tento ficar séria, mas não consigo, acabo rindo. Ele permanece com um sorriso bobo nos lábios, sua sobrancelha levantada. O cara de pau quer mesmo que eu responda à sua pergunta. Entro na brincadeira.

— Adorei, aquela cena em que o mocinho pega no cabelo da mocinha, enrola em sua mão e toma sua boca foi a melhor. Pena que foi só isso. Acho que essa cena precisava de mais, sei lá. A mocinha poderia ter aberto o zíper da calça dele e segurado em seu pau, que com certeza devia

estar duro.

Enzo faz um som alto, parecido com gemido. Ameaça dizer algo, mas o maitre chega com nossos pratos; nem o vi pedir. Ele resmunga algo, e eu sorrio. Pensa que só ele sabe brincar, aham, não viu nada. Comemos em silêncio, e sorrio satisfeita com a minha façanha. Consigo sentir sua tensão, pois ele está ao meu lado; ao invés de cadeiras, o assento é uma espécie de banco estofado.

— Você se acha engraçada, Kiara?

— Não. Apenas respondi sua pergunta.

— Pensei seriamente em não te castigar pelo seu atraso, mas agora mudei de ideia.

Meu sorriso some, o que será que ele vai fazer? Ele se diverte com a minha reação. Dou a última garfada e bebo um gole do vinho. A mão do Enzo vai de encontro à minha coxa, minha pele fica arrepiada. Ela sobe bem devagar por baixo do meu vestido. Seguro o seu punho para o impedir, não que eu não queira, mas não aqui, não em público.

Com sua outra mão, ele retira meus dedos que estão sobre a dele e me olha bem sério. Fico rígida, olho para todos os lados para ver se estamos sendo observados. Seus dedos sobem e descem por cima da minha calcinha. Ele abre minhas pernas e afasta minha calcinha. Sem aviso, seus dedos dão início a uma tortura deliciosa. Um gemido involuntário escapa da minha garganta.

— Shhh. Sem fazer barulho, não queremos chamar atenção — ele

sussurra em meu ouvido. Seus dedos grandes invadem a minha entrada que só vinha recebendo os meus dedos. Minhas pernas se fecham. Estou excitada, molhada, tensa, com medo de descobrirem e, ao mesmo tempo, adorando a adrenalina. Meu corpo treme, estou perto, muito perto. Enzo retira seus dedos, os cheira e grunhe.

Meu corpo o quer de volta, minha boceta clama por seus dedos, mas eles não voltam. Enzo chama o maitre e pede a conta. Olho para ele sem acreditar no que acabou de fazer.

— Nunca mais me deixe esperando — diz em meu ouvido, depois se levanta. Ajeito minha calcinha e me levanto, envergonhada e transtornada. *Bem feito para você, Kiara, quis brincar com fogo, acabou sendo queimada*, digo a mim mesma. Saio do restaurante com o rosto em chamas. Antes de entrar no carro, ouço sua risada. *Figlio di puttana*.

CAPÍTULO 13



ENZO

— Chefe, vi algo estranho hoje.

O soldado que ficou responsável pela segurança da Kiara me diz tão logo entro no meu escritório no clube. Arqueio minha sobrancelha e espero que ele fale.

— A senhorita Kiara foi ao supermercado e ficou poucos minutos lá dentro. O estranho é que ela agia como se estivesse sendo seguida.

— Você verificou se tinha algum *maledetto* atrás dela?

— Verifiquei chefe, não tinha ninguém. Quando ela saiu do supermercado, praticamente correu agarrada às suas sacolas.

— Será que aconteceu alguma coisa dentro do supermercado?

— Não, chefe. Depois que ela estava segura em casa, voltei ao supermercado, olhei nas câmeras de segurança e não tinha nada, ninguém se aproximou dela.

Essa atitude de Kiara ainda é referente ao seu ataque, ela ainda tem medo. Kiara não tem motivos para temer aquele *disgraziato*, a essa altura ele está no inferno. Dispenso o soldado e chamo os gêmeos.

— Estou desconfiado que a Kiara pensa que seu abusador está vivo, quero que vocês descubram tudo sobre ele. Onde morava, o que fazia. Provavelmente Kiara não foi sua primeira vítima, encontre provas de outros abusos. Quando vocês estiverem com tudo em mãos, vou entregar ao delegado, junto com a localização do seu corpo.

— É pra já, chefe.

— Outra coisa: hoje vou levá-la ao cinema, vocês dois irão fazer minha escolta, mas quero que sejam discretos. Ela não precisa ver homens armados o tempo todo ao meu redor.

Assim que os gêmeos saem, penso no quanto fui negligente com esse assunto. Minha pequena *uccello* vive acuada com medo que seu abusador apareça a qualquer momento. *Cazzo!* Por que não pensei nisso antes?

Hoje irei definir se a Kiara vai ser minha ou não. Digo isso como se eu fosse a dar alguma opção. Até há pouco tempo, não sabia definir essa minha obsessão por ela, a necessidade que sinto de vê-la, de estar perto dela. Hoje, sei que preciso dessa mulher, que a quero como há muito tempo não desejo ninguém. O que sinto vai além do desejo, um sentimento parecido com esse só tive uma vez. De uma forma ou de outra, Kiara não tem outra opção. A partir do momento que a resgatei, ela passou a ser minha. A única coisa que pode afastá-la de mim é o fato de eu pertencer à máfia, mas isso resolvo depois, um passo de cada vez.

Quando meus olhos se deparam com a Kiara no hall do seu prédio, me seguro para não entrar, levá-la para seu apartamento e fodê-la de todas as

formas. A única mulher que me fez a desejar tão intensamente foi a *hooker* da Antonella. Lembrar-me dela faz meu sangue ferver, tenho que apagar de vez essa *hooker* da minha vida.

Hoje, noto o quanto Kiara gosta de me provocar. Ela se atrasa de propósito; no fundo gosto disso, ela está me testando, quer ver o que sou capaz de fazer, já que na primeira vez que saímos dei a entender que não tolero atrasos. Seu comportamento me mostra o quanto ela anseia pelo castigo, mas irei cobrar em outra ocasião, de outra forma. No entanto, depois da sua provocação no restaurante, preciso mostrar a ela que também sei brincar. Kiara sai do restaurante com a cara fechada, não gostou da brincadeira. Assim que ela entra no carro, não consigo me segurar e gargalho. Ela resmunga, e rio ainda mais.

Ela vai a viagem toda em silêncio e de braços cruzados. Kiara fica gostosa para caralho desse jeito. Sua pele está avermelhada desde que a toquei, sua umidade é saborosa, imagino o quanto sua essência deve ser gostosa. O carro estaciona em frente seu condomínio e eu desço, esperando por ela, que passa por mim direto. Seguro em seu pulso e a puxo para mim. Seu corpo bate em meu peito, seguro seu rosto e tomo sua boca. Quando nosso fôlego termina, desfaço nosso beijo. Antes de a liberar, sussurro em seu ouvido:

— Da próxima vez, não se atrase de propósito e não me provoque.

Ela me olha surpresa, se vira e vai embora. Não sei até quando vou conseguir me segurar, não vejo a hora de foder essa mulher.

Sou acordado pelo toque do meu celular. Tateio sobre o criado-mudo ainda com os olhos fechados e resmungando. Quem será o *maledetto* que está me ligando a essa hora? Pegó meu celular e o atendo sem olhar. A voz dura e firme do Don Lorenzo faz com que eu prontamente me sento na cama.

— *Enzo.*

— Bom dia, senhor.

Ele suspira.

— Preciso que você vá para Nova Iorque. Ferri, Enrico e eu partiremos em poucos minutos. O ponto de encontro é no meu apartamento em Manhattan. — Ele faz uma pausa. — Pietro foi verificar nossos negócios e está desaparecido. Não tive mais notícias dele.

Ainda agindo como Don, Lorenzo diz essas palavras que vão ao encontro do meu estômago. Dou um salto da cama e me desfaço da minha cueca boxer. Vou em direção ao banheiro, não tenho tempo a perder. *Mio fratello, cazzo*, está desaparecido.

— Estou indo, vamos trazer nosso *fratello* de volta.

— *Vamos sim, nem que eu tenha que colocar fogo na porra daquela cidade.*

— *Nostro padre*, como ele está?

— *Ele queria ir conosco, foi difícil de convencê-lo ficar, mas achei melhor deixá-lo em casa. Não sei o que vamos encontrar, dessa forma ele*

protege nossa família enquanto estivermos fora.

— Certo.

Tomo uma ducha rápida. Cada um irá chegar em Nova Iorque em um horário, pois sairemos de cidades diferentes. Ligo para o Dante preparar o avião, depois para o Assis. Não sei quanto tempo ficarei fora e não quero deixar a Kiara desprotegida. Peço que ele escale dois homens para fazer a segurança dela. Arrumo uma pequena bagagem, tomo apenas um gole de café; não consigo comer nada, não ter notícias do Pietro fez meu estômago ficar doente.

No caminho para o aeroporto, envio uma mensagem para Kiara, dizendo que terei que viajar e não sei quando retorno. Com tudo que está acontecendo com Pietro, temo pelo pior. *Mio fratello* é um homem duro e frio. Resolve tudo com rapidez e exatidão. Não sei o que ele foi fazer em Nova Iorque, mas tenho certeza de que algo deu errado. Ele nunca ficou sem dar notícias depois de uma missão. *Dio* permita que ele esteja vivo.

CAPÍTULO 14



PIETRO

Depois de três dias em Nova Iorque, finalmente retornarei para casa. Era para eu ter retornado ontem nesse mesmo horário, mas trouxe uma mulher na noite anterior para meu quarto e fodemos a noite toda, e uma boa parte do dia seguinte. Acabei perdendo o voo. Sexo, álcool e pouca alimentação me fizeram acordar somente hoje pela manhã. Não consigo enviar notícias para ninguém porque esqueci de carregar meu celular. No caminho para o aeroporto, coloco-o para carregar no carro.

O sexo foi necessário para apagar o fogo que Bianca acendeu em mim, porém não foi o suficiente. A primeira pessoa em que pensei quando acordei foi nela. Apesar de não vivermos como marido e mulher, sinto sua falta, não consigo ficar muito tempo longe. Os dias que passei no Brasil na busca pelo Rico foi o maior período de tempo que fiquei distante. Minhas viagens sempre são de no máximo três dias.

Vim a Nova Iorque porque temos negócios com a máfia americana. Uma vez a cada dois meses, visitamos nossas instalações e fazemos uma leve auditoria para confirmar tudo que nos é relatado no período que estamos ausentes.

Enquanto dirijo, minha mente me traz a lembrança da minha última noite em casa, quando Bianca inesperadamente me beijou. Não consegui me

conter, correspon-di ao seu beijo com desespero. Fazia muito tempo que não sentia o gosto da sua boca. Seus pequenos gemidos me deixaram excitado, minhas mãos percorreram com urgência pelo seu corpo. Ela segurou com força em meus cabelos e esfregou seu quadril no meu. Faltou muito pouco para que eu esquecesse o passado, suas mentiras, nossa situação e finalmente, depois de anos, reivindicasse seu corpo.

Até que a realidade surgiu como um concreto em cima da minha cabeça. Desfiz nosso beijo, peguei minha pequena bagagem e saí do quarto. Deixei-a sem olhar para trás.

Olho para meu relógio no pulso, estou adiantado. Faltam quarenta minutos para decolar e estou a dez minutos do aeroporto. Avisto um bar, resolvo parar. O bar está vazio, tem apenas uma atendente atrás do balcão. Peço uma dose de uísque, tenho que colocar minha cabeça no lugar, não sei o que farei quando chegar em casa. Bianca estragou tudo com aquele beijo.

Bebo dois goles do meu uísque quando percebo que estou sendo observado por três homens. Dois parecem ser seguranças do terceiro, que mais parece que saiu de um filme de *cowboy*. Ele usa botas, chapéu e colete de couro. Pego minha arma e miro na direção da cabeça do *cowboy*. Seus homens apontam suas armas para mim; estou em desvantagem, mas não vou recuar.

— Pra que as armas, senhores? É uma honra receber um mafioso em meu estabelecimento.

Seus homens abaixam as armas e as descansam ao lado do seu corpo. Seus olhos atentos permanecem em mim. Com o recuo deles, abaixo minha

arma, porém permaneço com ela em minhas mãos.

— É um requisito ser grande, forte e ter cara de mal para ser um mafioso? — o *cowboy* diz em tom curioso, analisando-me de cima a baixo. Esse homem é sarcástico como Enzo. Arqueio minha sobrancelha e não respondo. — Você não gosta de falar ou o gato comeu sua língua?

O *cowboy* e seus homens riem. Permaneço em pé próximo ao balcão. Até agora não sei o que esse homem quer, mas uma coisa é certa: ele não tem nada a ver com a máfia.

— Posso saber o que você quer? Tem um avião me esperando.

— Agora sim podemos conversar, estava preocupado. Não falo língua de sinais, entende?

Cazzo! Não tenho muita paciência para idiotas. Ele indica a cadeira que está em frente à mesa do lado esquerdo, próxima à janela. Sento-me com a arma sobre minha coxa direita, e ele se senta do outro lado. Seus dois homens ficam em pé em suas costas.

— Em primeiro lugar, deixe-me me apresentar. Meu nome é Kirk Butler.

Ele estende a mão. Pelo jeito, tenho que entrar na desse *cowboy* para ver no que vai dar. Preciso saber o que ele quer para acabar de vez com isso.

— Pietro Mancinni.

— Um Mancinni no meu bar é uma honra. Isso é melhor que eu

esperava.

Cruzo meus braços e encosto na cadeira. Procuro não mexer as pernas para minha pistola não cair. Aguardo. De onde estou, consigo acertar seu saco e sua cabeça, e ainda atingir seus capangas utilizando a arma que está em minhas costas, mas curiosamente não acho necessário o matar, ao menos por enquanto.

— Bom. Já vi que você não gosta muito de conversar, então vou direto ao ponto. Sou um homem de cidade pequena, nasci e vivi minha vida toda no Texas. Tenho negócios na minha cidade e sou muito respeitado por lá. Você tem filhos, senhor Mancinni?

Manejo minha cabeça, negando. Kirk me conta que tem um rapaz de vinte sete anos, ele ficou em sua cidade cuidando dos seus negócios, e tem uma filha de dezenove anos, Darla. Ela é o motivo da sua vinda para Nova Iorque.

Há mais ou menos dois meses, sua filha fugiu. Ele descobriu que ela veio cá; segundo ele, ela sempre quis sair de sua cidade, sonhava em viver na cidade grande. Kirk pensou que em no máximo duas semanas acharia sua filha e a levaria para casa, mas ao chegar aqui percebeu que as coisas são bem diferentes.

Os dias foram passando e, há mais ou menos um mês, seu filho descobriu umas anotações que ela tinha feito sobre um cara chamado Bob. Ao procurar nas redes, descobriu se tratar de um agenciador. Ele a enganou, prometendo emprego de modelo, mas, na verdade, a atraiu para ser umas das suas prostitutas. Essa parte ele diz com muito pesar. Sinto pena do cowboy,

deve ser muito difícil para um pai saber que sua filha está se prostituindo, ainda mais nessas circunstâncias.

As mulheres do nosso clube não trabalham forçadas, elas são adultas e sabem o que querem, mas existe muito tráfico de mulheres. Salvatore era um que sequestrava mulheres de vários países e as escravizava.

— Até agora não entendi onde eu entro nessa história.

— Encontrei o tal agente, o filho da puta antes de morrer me disse que minha filha está trabalhando em um clube que pertence à máfia. Fiquei desesperado, tentei resgatá-la, mas aquele lugar parece uma fortaleza, tem muitos homens como você, armados até os dentes. Comprei esse bar para passar meus dias e recrutar homens dispostos a me ajudar, mas Deus finalmente olhou para mim e me deu você. Vou te trocar por minha filha.

Seus homens sacam suas armas. Há um barulho na porta. Sem precisar olhar para trás, sei que a cavalaria chegou. Todos os Mancinni possuem chip, fácil de localizar. Ouço o som das armas, me levanto e peço que eles não atirem.

CAPÍTULO 15



PIETRO

— Caralho, me sinto em uma cena de filme de faroeste. Se soubesse que a moda era essa, tinha vindo de chapéu — brinca Enzo, enquanto Ferri, Enrico e Lorenzo estão prestes a assassinar esses homens.

— O que está acontecendo, Pietro? — Lorenzo pergunta em um tom nada amigável, com sua pistola prata em punho. Os seguranças do Kirk estremecem.

— Calma, *fratello*. Vocês chegaram em boa hora, temos uma menina para resgatar.

Enrico faz um som que significa que ele não está contente. Conheço meu cunhado e sei que ele quer eliminar o Kirk. Kirk é uma vítima, um pai capaz de fazer de tudo para resgatar sua filha, e nós vamos ajudar. Os Mancinni não escravizam mulheres, nossos parceiros também não. Isso é coisa de outro grupo, temos que descobrir qual e dar um fim neles.

Kirk fica surpreso com que eu disse, arrisco a dizer que ele ficou emocionado. Isso não é só por sua filha, e sim porque temos concorrência. Os Mancinni têm que ser os donos da porra toda. Kirk me entrega uma foto da sua filha, coloco-a no bolso da minha jaqueta. Faço com que todos se sentem e peço à garçonete nos sirva uísque para acalmar os ânimos. Conto à minha *famiglia* o que Kirk me relatou.

Lorenzo se irrita e pega seu celular. Meu irmão bate nas teclas. Seja quem for para quem ele esteja ligando, está prestes a sofrer nas mãos do Don Lorenzo. Ele esbraveja no celular, ficamos observando e não dizemos nada. Aqui ele não é nosso parente e sim nosso Don, temos que acatar suas decisões. Os homens do Kirk não param de tremer, eles nunca devem ter se deparado com homens como nós. Seus olhos ficam entre Lorenzo e Enrico, que não desfaz sua carranca. Creio que piorou depois do que relatei.

Essa é a primeira vez que homens não me temem, isso tudo é culpa da Bianca, essa mulher me deixa distraído e relaxado. Por isso eles pensaram que eu seria uma presa fácil. Lorenzo desliga o telefone e se dirige a mim.

— Que porra você fez nesses três dias que não descobriu que temos mulheres sendo escravizadas por homens que se dizem ser da máfia?

— Fiz o que sempre fazemos, senhor. Verifiquei a contabilidade, andei pelos estabelecimentos para ver se estava tudo em ordem. Os americanos não se queixaram de concorrência, muito menos entraram nesse assunto.

— Depois conversamos, Pietro. Quero saber por que caralho você não entra em contato desde ontem, mas deixa isso para depois. Vamos para meu apartamento, mandei os líderes irem para lá, vamos resolver essa porra.

— E eu? — pergunta o Kirk.

— Você fica aqui, isso é assunto para peixe grande. Se sua filha estiver no clube, a traremos de volta.

Lorenzo se aproxima do Kirk com a pistola na mão e coloca em sua

testa. Fico tenso, mas não interfiro.

— Nunca mais aponte uma arma para meu *fratello*, ou qualquer um da minha *famiglia*. Grave bem o rosto de cada um deles. Estou pouco me fodendo se sua filha caiu na conversa que qualquer um, isso para mim é negócio. Se ela estiver sendo escravizada, a trarei de volta. Se ela estiver de bom grado e quiser continuar, ela que fique por lá.

Lorenzo vira as costas e vai em direção à saída. Todos o seguimos em silêncio, menos Enzo, que fala em tom baixo.

— *Mio fratello* é foda!

ENZO

A reunião na casa do Lorenzo foi acalorada. Ficamos muito putos quando soubemos que nossos homens tinham conhecimento que havia um grupo de máfia menor e que sua principal atividade era escravidão de mulheres. Algumas ficam no clube e outras são vendidas para sádicos ou para casas de prostituição dentro e fora do país. Lorenzo traçou um plano para invadirmos o clube essa noite. Pietro mostrou a foto da filha do *cowboy* a todos os homens; se ela ainda estiver no clube, a resgataremos, não só ela, todas as mulheres que quiserem retornar para seus lares.

Nosso pai nos ensinou a respeitar as mulheres, seja ela *hooker* ou não. Não admitimos trabalho escravo no âmbito sexual, a mulher é livre para escolher o que fazer com seu corpo. Sou um homem que tenho um gosto peculiar no ato sexual, mas vou até onde a mulher permite. Não vejo a hora

da Kiara ceder a mim, às minhas necessidades sexuais. Não vejo a hora de levá-la ao limite.

Outra coisa que nos emputeceu foi o fato de que esse grupo tem homens que trabalhavam aqui em Nova Iorque para Salvatore. Eles não estavam na noite em que demos fim no prostíbulo que Salvatore fez na casa onde Perla foi criada.

Ao chegarmos no clube, a maioria dos homens fica do lado de fora. Lorenzo, Pietro, Ferri, Enrico, três homens da máfia americana e eu entramos no local como clientes. Ninguém nos para nem revista. Amadores. Se um grupo de homens com a nossa aparência tentasse entrar em qualquer um dos nossos clubes, não passaria da porta. Circulamos por todo ambiente, a casa está cheia, tem muitas meninas trabalhando. Umas estão com clientes, outras dançando no palco, algumas circulando pelo ambiente.

— Olá, gostosão! — uma mulata diz ao se aproximar de mim. Se fosse um tempo atrás, não pensaria duas vezes em fodê-la depois do trabalho, mas ultimamente a única mulher que faz o júnior ficar animado é a Kiara. Desde que a conheci, ele ficou vidrado nela. Enquanto não estiver dentro daquela loira gostosa e medrosa, não vai sossegar. Se Kiara soubesse que o medo que vejo em seus olhos me excita. Ela será uma preza perfeita nas minhas garras. A única coisa que quero dar é prazer, prazer esse que ela nunca sentiu com ninguém. *Cazzo*, meu pau fica duro e a mulata está pensando que é por causa dela. Tiro sua mão do meu pau e sussurro em seu ouvido.

— Se eu fosse você, sairia daqui de fininho, porque a coisa vai ficar feia.

Ao encerrar minhas palavras, ouço um tiro, depois outro e mais outros. Digo para mulata ir embora, as pessoas começam a gritar e a correr. Com minha arma em punho, tento me proteger. Vejo Ferri escondido atrás do bar, nossos sócios americanos atrás de algumas mesas e poltronas. Não sei o que deu errado, não é do nosso feitio começar um tiroteio com tanta gente inocente.

Disparo em alguns homens, não vejo meus irmãos, nem Enrico. Os tiros dentro do clube cessam, ouço apenas alguns disparos do lado de fora. Caminho entre os corpos; não tivemos nenhuma baixa, ao menos aqui dentro, temos apenas um americano ferido no braço. Entro em um corredor de paredes e tapete vermelhos. Do final do corredor, meus irmãos e Enrico vêm caminhando. Sorrio.

— *Cazzo!* Até que enfim, estavam fazendo o quê? Vou contar para suas esposas.

Enrico e Lorenzo me xingam. Pietro diz que eles mataram os chefões, de repente Pietro e Enrico miram suas armas na minha direção e Lorenzo grita meu nome, penso em perguntar se eles querem me matar, mas um disparo me atinge nas costas. Meu corpo cai lentamente no chão. Ouço outros disparos, eles estão ficando distantes, não ouço mais nada, é o fim. A última coisa que penso antes de apagar é na minha pequena *uccello*.

— Kiara — sussurro seu nome.

CAPÍTULO 16



LORENZO

Vejo um homem se aproximando do Enzo. Não é um dos nossos. Quando aponta sua arma, grito.

— ENZO!

Não há tempo, um tiro é disparado. Como estivesse em câmera lenta, seu corpo cai no chão. Pietro e Enrico disparam com fúria e excesso de balas; matam o bastardo que atingiu *mio fratello*. Nesse momento, não sou o Don Lorenzo, sou Lorenzo, o *fratello* mais velho de quatro, o *fratello* do Enzo. Corro em sua direção, chamo por seu nome, mas ele não ouve, não há resposta.

— Façam alguma coisa — imploro.

Meu desespero toma conta das minhas palavras, das minhas pernas que querem fraquejar. Não posso, tenho que ser forte, por ele. Lágrimas inundam meus olhos. Verifico seu pulso. Ele ainda tem vida, o caçula ainda está vivo.

— Caralho, Enzo, para de brincadeira. *Cazzo!* — Enrico esbraveja com ele em seu desespero. Pietro chuta o cadáver do *maledetto* que atirou no Enzo, depois segue pelo corredor em passos longos e rápidos. Dois dos nossos homens aparecem com o senhor Ferri e carregam Enzo com cuidado.

Do lado de fora do clube, Pietro está com a porta do carro aberta. Entro no banco de trás, os homens o colocam em meu colo. Pietro pega a direção com Enrico ao seu lado. Os americanos e Ferri vão em um carro na nossa frente, guiando-nos para uma clínica que cuida dos seus homens.

Penso no *mio padre*, não sei como dar essa notícia. Prefiro esperar *mio fratello* ser atendido primeiro, mas conhecendo o senhor Guiseppe, sei que ele não me perdoará se eu não o avisar imediatamente do ocorrido.

— Quer que eu ligue para *tuo padre*? — o senhor Ferri pergunta antes de fechar a porta do carro. Parece que leu meus pensamentos.

— Não, obrigado, essa responsabilidade é minha.

Pego meu celular e ligo. Aqui é meia-noite, a diferença para Roma é de seis horas, portanto são seis da manhã lá e a essa hora meu velho já acordou. No segundo toque, ele atende.

— *Me diz o que aconteceu, Lorenzo* — *mio padre* diz assim que atende o telefone. Meu coroa já esperava por más notícias. Vou direto ao ponto e conto tudo o que aconteceu, sob o olhar atento do Enrico. Antes de encerrar a ligação, peço perdão. O eterno Don Guiseppe briga comigo, dizendo que a culpa não é minha, que isso faz parte da vida que levamos e que é para eu me concentrar em fazer o possível para salvar *mio fratello* e que virá ao nosso encontro, mas que antes vai passar em lugar, que ele não diz qual.

Desligo o celular e fico um pouco mais aliviado. Meu pai é um homem sábio. Enrico coloca sua mão em cima da camisa ensopada de sangue do Enzo.

— Isso não é hora de fazer gracinha. Acorda, Enzo, *cazzo*!

O desespero do Enrico faz com que ele fale a todo instante com o corpo inerte do *nostro fratello* em meus braços. Minha vontade é de me entregar ao pranto, mas tenho que ser forte. Enzo está nessa situação por minha culpa, por mais que meu pai tenha dito que não, ele estava sob minha responsabilidade. Como seu *fratello* mais velho e Don, não o protegi. Prometi minha mãe em seu leito que cuidaria dos meus irmãos e tenho falhado todos esses anos. Falhei quando não percebi que Nina estava grávida, por conta disso as consequências foram terríveis, o que ocasionou muito sofrimento. Com o Enzo, essa é a segunda vez que falho; a primeira foi em seu casamento. Poderia o ter livrado daquela mulher se tivesse seguido meus instintos.

— Que porra de clínica é essa que nunca chega? — Essas são as únicas palavras que Pietro diz desde que saímos do clube. Ele está tão abalado e preocupado quanto nós, seu semblante diz isso.

Na clínica, dois enfermeiros com uma maca nos aguardam. Rapidamente correm com Enzo para a sala de cirurgia. Agora o que temos que fazer é pedir a *Dio* que o salve.

Uns dez minutos depois de Enzo ir para a sala de cirurgia, perguntam quem tem seu tipo sanguíneo. Enrico, seu pai e Pietro foram doar. Irônico isso, nem para doar sangue para meu irmão eu presto. Coloco-o nessa situação e não posso ajudar com um caralho de sangue. Enrico e Ferri, que são nossa família de coração e não de sangue, tem o mesmo tipo sanguíneo e eu não.

A cada uma hora, vem um médico dar informações sobre a cirurgia. O que nos foi informado até agora é que a bala atravessou seu corpo e não ficou alojada, o que para os médicos foi bom, mas no trajeto perfurou uma parte do seu fígado.

Faz três horas e meia que ele está sendo operado. O medo de perdê-lo ainda é grande, mas tenho fé que tudo vai dar certo, tem que dar certo. Minha blusa está suja de sangue e pouco me importo, não arredarei os pés daqui enquanto Enzo não abrir a boca para falar suas merdas.

Quatro horas depois, dois médicos vêm em nossa direção. Apressamo-nos em encontrá-los. O doutor mais baixo começa a falar.

— O paciente perdeu muito sangue. Conseguimos repor a tempo, graças à doação que vocês fizeram. Retiramos uma pequena parte do fígado que foi atingida pela bala. Ele é um homem saudável, o que ajudará em sua recuperação. Nós o colocamos em coma induzido para que possa se recuperar e sentir menos dor, daqui a quarenta e oito horas retiraremos os medicamentos e veremos como ele vai reagir.

— Sua parte neurológica não sofreu nenhum dano, está bem. O que temos que fazer por hora é aguardar. O importante que tudo está dentro do previsto e que a cirurgia foi bem-sucedida — diz o outro médico.

Finalmente consigo respirar. Ferri insiste para que eu vá me trocar, mas não quero sair daqui. Eles nos cederam um espaço com sofás e tv para ficarmos mais à vontade. Digo aos líderes americanos que vieram conosco para a clínica para irem arrumar as merdas deles e depois voltarem para suas casas; caso precise, entrarei em contato.

— Estou com uma raiva tão grande desses *figli di puttana*, principalmente do Enzo — Pietro diz, chamando minha atenção, do Enrico e do *zio Ferri*. Bom, ele está colocando seus sentimentos para fora. — Por causa desses paus no cu que entramos nessa operação, e com tudo que aconteceu com Enzo, esqueci da filha do Kirk.

— Não se preocupe com isso. Quando Enzo foi ao encontro de vocês, eu a encontrei, pedi a dois soldados que a levassem para o bar onde ele estava aguardando — Ferri explica.

— Obrigado, Ferri.

— Que caralho meu irmão estava pensando dando mole daquele jeito? — questiono.

— Como eu, ele deve ter pensado que estavam todos mortos — Ferri diz. — O salão estava repleto de corpos, vivos só tinham nossos homens. Só ouvimos tiros do lado de fora e logo depois cessou.

Ficamos pensativos. Olho para Pietro e vejo que ele se permitiu chorar. As lágrimas fluem generosamente em seu rosto. Deixo-o sozinho e aproveito que Enrico está falando com a Nina no telefone e ligo para Perla, preciso da minha mulher.

CAPÍTULO 17



GUISEPPE

Desde o sumiço do Pietro, meu coração está inquieto, um sentimento de impotência se apossou de mim. Não saber onde *mio figlio* estava e não poder fazer nada, me deixou angustiado. Lorenzo não permitiu a minha ida para Nova Iorque, e ficar em casa aguardando notícias foi muito doloroso. Lorenzo não é só meu primogênito, é o Don dos Mancinni, o responsável por toda a *famiglia*, cargo esse que passei para ele, e estou orgulhoso de como tem cuidado da nossa *famiglia* e dos negócios. Temos que o respeitar e acatar suas ordens, ainda mais porque ele está certo. Não acrescentaria em nada a minha ida para resgatar Pietro, ainda daria preocupação aos meus filhos; eles dividiriam suas atenções comigo.

Horas depois da ida do Lorenzo para Nova Iorque, Pietro me ligou, dizendo estar bem. Fiquei feliz em ouvir sua voz. Ele me contou rapidamente o que havia acontecido e que iriam até o clube onde a filha do tal Kirk trabalhava. Senti orgulho dos meus filhos, mas alguma coisa estava errada, pois meu coração não ficou totalmente aliviado. De alguma forma, sabia que algo de ruim estava para acontecer.

Aguardei ansioso por notícias que não vieram. A diferença de fuso horário é de seis horas a mais para Roma; enquanto lá eram dez horas da noite, o horário combinado para a invasão, aqui eram quatro da manhã. Às cinco e meia, o sono acabou me vencendo; acordei às seis com o telefone

tocando. Ao visualizar o visor e ver que era o Lorenzo, sabia que algo tinha acontecido.

— Me diz o que aconteceu, Lorenzo? — Disse logo que atendi a ligação. Lorenzo foi direto ao me dizer que Enzo, meu menino mais levado, havia sido baleado, e agora estou aqui, correndo contra o tempo, organizando meus documentos e minha bagagem para viajar. Meu corpo está trêmulo. Por mais que eu queira ser mais rápido, não consigo. Não posso em hipótese nenhuma admitir que *Dio* vai me fazer enterrar um *figlio*, já foi duro demais enterrar minha esposa, o amor da minha vida. Não admito que isso aconteça, não com *mio figlio*. Faço qualquer coisa para o ter vivo, se for preciso dar minha vida, darei.

Ligo para Leonel e conto sobre Enzo. Ele diz que vai viajar comigo, mas peço que fique e cuide de tudo aqui para mim. Leonel é o braço direito do Lorenzo, eles são amigos há muitos anos, ele é seu *consigliere*. Depois que Lorenzo se casou com Perla, Leonel foi morar em Napoli e cuida dos nossos negócios por lá, e por coincidência chegou ontem duas horas depois que Lorenzo viajou.

Desço as escadas sem fazer barulho, não quero acordar minha nora e nem minha neta. Perla já está ansiosa por causa do Pietro, se ela souber sobre o Enzo, teimosa do jeito que ela é, vai querer viajar comigo. Vou até a sala de jantar e a mesa de café está sendo posta. Leonel vem ao meu encontro e insiste em ir comigo, mas realmente prefiro que ele fique.

— Em que posso te ajudar, senhor?

— Eu tenho que ir a Florença antes de ir para Nova Iorque, fiquei tão

abalado com a notícia que esqueci de avisar ao piloto — explico.

— Entendo perfeitamente, fique tranquilo que eu aviso. Senhor, se me permite a indiscrição, mas o que vai fazer em Florença?

— Pegar uma garota.

Pego o celular em meu bolso e disco o número do Dante. Ele e *tuo fratello* são soldados e amigos do Enzo, homens em que ele confia.

— Dante? Guiseppe.

— *Senhor, algum problema?*

Conto-o o que aconteceu, e ele fica furioso. Depois de acalmá-lo, pergunto como estão as coisas entre Enzo e a doutora que ele salvou. Ele me conta que eles têm saído juntos ultimamente e que, desde daquela *puttana*, não o via interessado em uma mulher.

— Conte-a que *mio figlio* está hospitalizado e precisa dela como médica, e a leve para o aeroporto. Chegarei aí em duas horas.

Termino o café da manhã que forcei descer pela minha garganta, dou algumas instruções para Leonel e sigo para o aeroporto. Faço o possível para não desabar. Lorenzo disse que ainda não têm notícias do Enzo, que ele está em cirurgia. Sua perda de sangue foi grande, e Enrico, Ferri e Pietro fizeram a doação. Lorenzo está se sentindo culpado e frustrado, mas não posso lidar com isso agora. Está sendo muito difícil estar distante enquanto meu menino está precisando de mim.

KIARA

Hoje é meu dia de folga no hospital. Vou aproveitar para fazer uma visita aos meus pais; aproveitei e pedi mais dois dias de folga para curtir meus coraões. Desde que fiquei em sua casa no período de recuperação depois do ataque que sofri, não retornei mais para visitá-los. Eles vieram três vezes me visitar e eu não voltei mais lá. Preparo uma pequena mala, tomo um café da manhã reforçado para aguentar a viagem, mas como sou comilona e adoro as delícias que minha mãe faz, como sua torta de maçã, sei que quando chegar lá vou comer de novo.

Olho em meu relógio de parede, e são sete e dez da manhã. Corro para o banheiro e escovo meus dentes, faço um xixi para não ficar com vontade no caminho. Abro a torneira e ouço a campainha tocar. Acho estranho alguém em minha porta a essa hora e sem o porteiro avisar. Será que é algum vizinho precisando de ajuda?

Enxáguo minhas mãos e as seco. Caminho até a porta e verifico quem é no olho mágico. Meu coração acelera quando vejo que é um dos homens que sempre faz a escolta do Enzo. Fico na dúvida se abro ou não. O meu lado medroso diz que não, então pergunto o que ele quer.

— Senhorita Kiara, meu patrão foi baleado. O pai dele, senhor Guiseppe, me ligou e pediu para que eu a levasse ao seu encontro para ir com ele até o hospital — o homem diz com um pouco de aflição em sua voz. Olho mais uma vez no olho mágico e vejo que seu semblante está triste. Ouvir que o Enzo foi baleado deixa meu coração entristecido e preocupado.

— Baleado como? Ele me disse que iria viajar.

— Não sei os detalhes, mas preciso que a senhorita seja rápida. Tenho que a levar ao aeroporto, meu chefe está esperando.

Abro a porta, pego a mala e o sigo. No carro, está seu irmão gêmeo, que rapidamente dirige para o aeroporto. Fico sem graça de fazer mais perguntas, eles ainda são estranhos para mim. Fecho meus olhos e peço a *Dio* que não seja nada grave. Custei a aceitar a atração que sinto pelo Enzo e não posso perdê-lo.

CAPÍTULO 18

KIARA

Os irmãos estacionam o carro no aeroporto e um deles abre a porta para mim. Já me acostumei com isso, desde que comecei a sair com o Enzo tenho recebido esse tipo de gentileza. Ambos caminham comigo em direção ao avião particular que está estacionado a poucos metros. Ainda não sei decifrar quem é o Dante e quem é o Assis, eles são aparentemente iguais.

A porta do avião se abre e meu coração acelera. Vou conhecer o pai do Enzo em uma circunstância ruim, pois seu filho está ferido. Uma pergunta vem martelando em minha cabeça desde o instante que entrei no carro: será que o Enzo falou sobre mim para seu pai? O que seu pai sabe sobre nós?

Os dois homens grandes ao meu lado me conduzem para a escada do avião, a cada degrau que subo meu coração bate mais forte. Coloco meus pés dentro da aeronave e fico surpresa com o quanto ela é luxuosa. Meus olhos transitam rapidamente pelo seu interior, suas poltronas de couro são bege e o carpete da mesma cor. Por alguns segundos, esqueço do que vim fazer aqui, até que um homem que aparenta ter um pouco mais de cinquenta anos vem do corredor em minha direção. É um homem muito bonito, tem os cabelos negros como a noite e olhos também, seu corpo é de dar inveja a muitos jovens.

— Bom dia, senhorita Vitalle. Obrigado por atender meu pedido. Meu nome é Guiseppe Mancinni, sou pai do Enzo — o belo senhor diz ao se aproximar. Oferece-me sua mão, e eu a seguro, um pouco nervosa. Ele faz

sinal para que eu me sente; obedeco e afivelo o cinto. Ele se despede dos gêmeos, que vão embora.

— Pensei que eles iriam conosco — as palavras saem da minha boca inconscientemente. Apesar da aparência triste e preocupada, o senhor Guiseppe sorri.

— Não se preocupe *bella ragazza*, sou feio, mas não mordo.

Sorrio constrangida e ele continua:

— Não sei quanto tempo meu filho ficará ausente. — Seu semblante muda quando fala do Enzo, apesar da sua aparência dura é nítida sua tristeza. — Os gêmeos são como irmãos para ele e em quem ele mais confia para administrar seus negócios. Entendo que eles queiram estar perto do *mio figlio*, mas no momento ajudarão mais ficando aqui.

— O senhor pode me informar o grau do ferimento, em que local foi e como foi?

— Quando Lorenzo entrou em contato comigo, ele estava o levando para uma clínica. A única coisa que sei é que ele levou um tiro nas costas. Covarde do caralho. Desculpe-me.

Maneio minha cabeça em entendimento. Mesmo com o coração apertado tenho que agir como médica que sou.

— Nessa situação, eles deveriam o ter levado para um hospital.

— Essa clínica tem tudo que meu menino precisa, e se não tiver,

mando comprar. Faço qualquer coisa para que fique bem.

O celular toca. Antes de atender, o senhor Guiseppe dá um suspiro.

Olho pela janela e aprecio o sol surgindo timidamente. Estou uma tremenda confusão de sentimentos. Pensar naquele homem lindo, moreno, no auge dos seus um metro e oitenta, cabelos castanhos, sorriso fácil e cativante, e, ao mesmo tempo, de aparência dura, ferido sobre uma cama me deixa em um estado que não sei definir. Parece que pegaram todos os sentimentos bons e ruins e colocaram para bater no liquidificador.

Em minha mente está fixa a imagem do nosso beijo, nosso primeiro beijo. Do seu jeito arrogante e exigente quando me convidou para sair na primeira vez, e nas outras vezes também. Enzo não pede, ele exige. Ordena, comunica. Nem consigo acreditar que gosto do seu modo de me exigir para si.

O que ele estava fazendo quando foi alvejado, por que alguém quis o ferir? São perguntas que só ele pode me responder. Será que ele sobreviverá, que nós teremos uma chance?

— Senhorita Vitale. — O senhor Guiseppe me afasta dos meus pensamentos. Olho para ele, que parece estar um pouco mais aliviado. — Enzo acabou de sair da cirurgia, a princípio está tudo bem. Lorenzo me disse que a bala atingiu seu fígado.

Ele para de falar e chora. Fico sem ação de ver um homem grande como esse desabar desse jeito.

— Fique tranquilo, o senhor mesmo disse que correu tudo bem na

cirurgia. Enzo teve sorte — faço aspas com as mãos — , o fígado é o único órgão no nosso corpo que se regenera. Creio que eles devem ter tirado a parte atingida, em breve o estará novinho.

— Obrigado. — E le segura em minhas mãos. — Desde que recebi a notícia, estou me segurando. Não posso e nem admito perder nenhum dos meus filhos, essa não é a ordem natural da vida. Meus filhos que têm que me enterrar, não eu a eles.

— O senhor ainda dá um caldo, tem muitos anos pela frente.

Ele sorri e dá dois leves tapinhas em minhas mãos.

— Gostei de você, *ragazza*. Descanse, ainda faltam duas horas para chegarmos.

Encosto em minha poltrona e volto a observar pela janela. Sinto-me aliviada. Meus olhos se fecham e só acordo quando a mão forte do meu futuro sogro segura em meu braço, chamando-me. Futuro sogro, essa foi boa.

Assim que saímos do avião, tem um Sedan nos esperando. Dois homens carrancudos nos seguem e um deles abre a porta traseira. Entro e deslizo no banco, e o senhor Guiseppe senta-se ao meu lado. A clínica fica distante do aeroporto, levamos mais de uma hora e meia para chegar. Está instalada em um prédio de três andares, e do lado de fora não tem nenhuma faixa indicando que funciona uma clínica nesse lugar.

Como tudo que envolve o Enzo, há homens de terno espalhados por

todo lugar. Na entrada, um desses homens nos guia até o elevador que para no segundo andar. Andamos por um corredor até uma sala. Nela, estão três homens mais altos que o Enzo, sendo dois morenos e um loiro, e um senhor loiro igualmente bonito.

— *Padre* — um moreno diz. Sua camisa e calça estão sujas de sangue, e meu estômago embrulha, não por nojo, mas por deduzir ser do Enzo. Ele vem na direção do senhor Guiseppe, mas antes de o abraçar, lembra da sua roupa suja. Seu pai o puxa e o abraça bem forte, sussurra algo em seu ouvido. Só entendo a palavra “culpa”. Ele segura em seu rosto e une sua testa à dele, dá dois tapinhas em seu rosto depois beija sua testa.

Em seguida, os outros homens o abraçam. Ele nos apresenta. Os dois morenos são irmãos do Enzo, um se chama Pietro e o outro Lorenzo. Eles têm aquele jeito duro de ser, o Pietro mais do que o Lorenzo; ele é carrancudo. O loiro se chama Enrico; apesar da sua beleza, sua aparência é de dar medo. Guiseppe o chama de filho, mas ele é filho do senhor Ferri e marido de sua filha, Nina. Enzo tem uma linda família.

Apresentações feitas, o senhor Guiseppe pede para chamar o médico. Exige ver seu filho. Ninguém ainda foi autorizado a vê-lo, realmente esse é o procedimento. Ele pede para que o médico me forneça todas as informações. Caminho com eles até o CTI. No caminho, o médico me informa todo o procedimento e o estado do paciente. Ao chegar lá, o senhor Guiseppe entra e eu aguardo do lado de fora. Observo-o pelo vidro se debruçar sobre o filho. Quando o médico se retira, permito que as lágrimas caiam.

CAPÍTULO 19



GUISEPPE

Ao chegar na clínica, meu coração acelera, ansiedade me consome. Só ficarei tranquilo quando ouvir a voz do meu menino chamando-me de coroa gostoso. Sorrio. Enzo é o brincalhão da família, é o que traz leveza a tanta escuridão.

Somos levados até minha família. Assim que Lorenzo me vê, vem em minha direção, mas hesita em me abraçar por estar sujo de sangue, o sangue do meu *figlio*. Abraço-o e o sinto tenso. Digo-o que ele não tem culpa, olho em seus olhos para confirmar minhas palavras e o beijo.

Comprimento a todos e apresento a doutora Vitalle, em seguida exijo ver *mio figlio*. O médico responsável me conduz até ele junto com a senhorita Vitalle. Ao entrar no quarto que Enzo está, vejo-o todo cheio de fios e agulhas em suas veias, ligado a aparelhos. Não consigo me segurar, desabo sobre ele e pranteio. Depois de minutos de lamentos, chamo sua atenção.

— Onde que você estava com a cabeça para baixar a guarda desse jeito? Já sei, deveria estar fazendo umas das suas gracinhas. Mas logo na hora do trabalho, *cazzo*? Enzo Mancinni, assim que levantar dessa cama vou te dar uma surra. Você pode ser grande, mas ainda sou *tuo padre*.

Depois de alguns minutos, beijo-o e me retiro. Tenho outras coisas para resolver, quero saber com detalhes o que aconteceu. Vou deixar a

doutora Vitalle examiná-lo.

— Vou cuidar de outro *figlio*, por favor veja se está tudo bem, se eles não fizeram merda.

A doutora nem sabe o quanto, mas ela gosta dele, vejo isso em seus olhos. Só não sei se ela vai gostar do seu mundo, do nosso mundo.

KIARA

Guiseppe parece estar falando com Enzo. Ele está de costas para mim, porém vejo suas mãos se movimentarem. Em certo, momento dá impressão de que ele está o advertindo. Limpo meu rosto e aguardo que saia para poder examiná-lo.

O belo senhor sai do quarto que é uma espécie de CTI particular, maneia a cabeça, diz umas palavras e segue pelo corredor. Uma enfermeira entra antes de mim; entro em seguida e me apresento como sua médica. Acompanho os procedimentos, assim que ela se retira, fecho a porta e me aproximo.

Passo as mãos em seus cabelos, retiro alguns fios de seu belo rosto. As lágrimas caem involuntariamente. São estranhos meus sentimentos por ele. Desde o início, Enzo me tirou da minha zona de conforto. O pouco que o conheço seria o suficiente para me afastar, principalmente seu jeito duro de ser, sua arrogância, os homens que o cercam, e agora isso, um tiro; porém, tem algo nele que me atrai, que não permite que eu vá para longe. Parece louco, mas gosto da forma que ele é. Se isso me assusta? Claro que sim. Não compreendo como de uma mulher cautelosa, uma mulher que sempre teve

medo da própria sombra, pode estar atraída por um homem como ele.

— Que confusão foi essa que você se meteu? — pergunto, acarinhando seus cabelos. — Vai ficar bem, a lesão foi grave, mas nada que um homem saudável como você possa tirar de letra. Vou olhar seus pontos, verificar para ter a certeza de que não tem outro ferimento, depois vou informar seu estado a sua família. Por falar nisso, sua família é linda, os homens uns mais bonitos que os outros. Não precisa ficar com ciúmes porque você ganha em disparada.

Examino-o. Por mais que o doutor tenha dito que está tudo bem, ficarei em paz depois que eu mesma examiná-lo. Levanto seu avental para verificar seus pontos. Como uma tola, dou um grito e me assusto em vê-lo nu, como se eu não soubesse que ele estaria assim. Minhas bochechas devem estar vermelhas agora. Imaginei diversas vezes como seria seu corpo debaixo de sua forma elegante de se vestir, mas não nessa situação.

Kiara, você é uma médica, não esqueça disso. Foco na incisão, que foi muito bem-feita. O corte se assemelha ao de uma cesariana. Não posso deixar de reparar na falta de pelos abaixo do seu V. Kiara, ele foi baleado, está sobre um leito de hospital, se comporta. A minha falta de sexo está interferindo no meu lado profissional. Eu nem poderia o ter como meu paciente por causa do nosso envolvimento. Arrumo seu avental, verifico os equipamentos e dou um beijo demorado em sua testa.

— Vou te deixar descansando, por hora já paguei muito mico, mas isso vai ficar só entre nós dois. Quero que saiba que gostei muito do que vi.

Sorrio, estou ficando maluca.

Caminho de volta a sala onde estão seus familiares. No corredor, tem dois homens de terno com aparência ameaçadora conversando com o médico que operou o Enzo. Passo por eles sem dizer nada. Quando Enzo tiver alta, terei uma conversa séria com ele. Preciso saber por que ele e sua família precisam de tantas seguranças. Não sou idiota, sei que muitos milionários andam cercados de seguranças armados, mas tem algo a mais.

— Com licença — peço ao abrir a porta da sala onde a família do Enzo está reunida.

— Entre, doutora Vitalle. E *mio figlio*, como está? Qual é a sua avaliação?

— Enzo vai ficar bem. Como disse ao senhor anteriormente, por sorte a bala atingiu um órgão que se regenera. Ele vai precisar de muito repouso nos primeiros dias, tomar alguns medicamentos, fazer uma dieta, e aos poucos voltar a fazer exercícios. A princípio, recomendo fisioterapia.

— Por que ele não acorda? — Lorenzo me pergunta. Noto que ele trocou de roupa.

— Os médicos o colocaram em coma induzido, para ajudar na recuperação e para que ele não sinta dor. Eu teria feito o mesmo. Enzo foi bem cuidado. Esses casos de ferimento a bala onde há muita perda de sangue, se não tiver um atendimento rápido e adequado, e reposição de sangue, podem ser fatais.

Minha voz embarga e uma lágrima involuntária escapa dos meus olhos. Por mais que eu tente ser profissional não consigo. Pigarreio e continuo:

— Enzo precisa descansar, mas sei que vocês querem vê-lo. Vou liberar cinco minutos para cada um. Por mais que aparentemente ele esteja em um sono profundo, nos poucos anos que tenho de medicina já vi muita coisa. A mente humana é um verdadeiro mistério, não me surpreenderia se amanhã quando ele acordar tiver ouvido tudo que foi dito a ele, por isso peço que não extrapolem esse tempo. Ele precisa descansar, não só o corpo, como a mente também.

Lorenzo me agradece e se retira, ele é o primeiro a ir ver o irmão. Seu cunhado e seu irmão estão ao telefone, aparentemente conversando com as esposas. Guiseppe me pergunta se tem como transferir Enzo para Itália, digo que vai depender de como ele vai estar quando acordar, mas que recomendo que fique ao menos dois dias em tratamento antes de enfrentar algumas horas de voo.

Converso um pouco mais com eles, aos poucos vou me sentindo mais à vontade. Senhor Ferri e o senhor Guiseppe são os que me fazem mais perguntas, não só sobre o Enzo, mas também sobre minha profissão, minha família. O estranho é que não querem saber como o conheci. Pietro e Enrico pouco falam, são homens que dão medo. Se eu não soubesse que são da família, jamais ficaria sozinha com eles.

Depois que todos visitam Enzo, aconselho para irem descansar, já que não adiantará ficarem aqui, pois Enzo ainda vai dormir por muitas horas. Lorenzo me convida para ficar em sua casa, mas digo que passarei a noite. O senhor Guiseppe insiste em ficar, com muito custo consigo convencê-lo que estou acostumada a passar noites com meus pacientes.

Eles mandam colocar uma cama no quarto do Enzo e providenciam

meu jantar. Nem havia percebido que é noite e que estou com fome. Como sem dar tempo de respirar. Fico um bom tempo observando meu moreno, até ser vencida pelo sono.

CAPÍTULO 20



KIARA

Enzo fica mais um dia na clínica em Nova Iorque. No dia seguinte pela manhã, o senhor Guiseppe chega na primeira hora. Eu ainda estava dormindo. Levo um susto quando acordo e dou de cara com ele e o Lorenzo do lado de fora do quarto, observando Enzo pelo vidro. Rapidamente vou para o banheiro escovar os dentes e dar um jeito em minha aparência.

Lorenzo me obriga a ir até sua casa para tomar banho, fazer uma refeição desce e descansar. Aceito, pois estou um bagaço. Foram horas de viagem e, depois que entrei no hospital, não saí mais, porém, só vou depois de fazer todos os exames necessários em Enzo e ter certeza que ele ficará bem.

Um motorista está me aguardando, mais um homem forte e com cara de poucos amigos. Já estou me acostumando com isso. Lorenzo tem uma bela cobertura, com uma visão privilegiada para o Central Park; a vista é de tirar o fôlego. Se eu tinha alguma dúvida, ela caiu por terra: os Mancinni são homens muitos ricos. Para comprar uma cobertura dessa é necessário desembolsar alguns milhões.

Uma senhora muito educada me leva até uma suíte.

— O café será servido em meia hora, senhorita Vitale — diz-me a funcionária simpática. No meu relógio, agora ajustado para a hora local,

marca oito e meia. Acordei às seis e não comi nada desde então. Pego uma roupa quentinha em minha mala e corro para o banheiro. Apesar do frio, um banho é tudo que mais quero e mais preciso.

Depois de limpa e cheirosa, vestida com meu jeans, camisa de algodão e um suéter bem quentinho, finalizo meu look com minhas meias brancas e bota de cano curto. Demoro vinte e oito minutos nesse processo. Saio do quarto em direção à ampla sala, que é o único lugar que vi quando entrei.

Ao chegar lá, a funcionária me diz que estava indo ao meu encontro; pergunto seu nome e ela se apresenta como Grace. Ela me conduz para a sala de jantar. Antes que eu a aviste, ouço vozes. Esqueci dos demais integrantes da família.

O senhor Ferri se levanta assim que me vê, e os outros o acompanham. Ele indica uma cadeira ao seu lado para que eu me sente. Cumprimento-os com um bom-dia. Pietro e o senhor Ferri respondem com um contido bom-dia, Enrico só manea a cabeça. Antes que eu me sirva de uma xícara de café, Pietro pergunta sobre o irmão. Conto como ele passou a noite e sobre os exames que fez nessa manhã. Eles ficam um pouco aliviados.

Minha estratégia é manter minha boca ocupada com tantas delícias que estão na mesa, principalmente pelos donuts, mas Pietro e Enrico me fazem um verdadeiro interrogatório. Depois de serem informados sobre o estado do Enzo, Pietro entra no assunto do meu ataque, o que me deixa desconfortável, mas em seguida sinto um alívio enorme quando ele diz que a polícia encontrou o corpo do homem que me atacou. Podem me criticar, mas chego a ficar feliz. Posso seguir minha vida sem me preocupar com a

possibilidade de ele vir atrás de mim. Todos disseram sentir muito pelo que aconteceu, e digo que devo minha vida ao Enzo, que foi por isso que deixei meus planos de lado para poder vir ajudá-lo.

— Tem certeza de que foi só por isso? — o senhor Ferri pergunta em um tom de brincadeira. Sinto meu rosto esquentar, com certeza minhas bochechas ficam vermelhas. Tomo um grande gole de café que chega a queimar minha garganta de tão quente. Mal me recupero, Pietro começa a falar.

— O quanto você e *mio fratello* estão envolvidos?

Merda. Esse homem quase não abre a boca para falar, e quando abre vem com uma pergunta dessas. O jeito é falar a verdade, mas qual? O que eu e Enzo somos? Limpo minha garganta, bebo um pouco de água e começo a falar sob os olhos atentos desses homens lindos e assustadores.

— Como vocês sabem, conheci Enzo naquele dia infeliz. Depois disso ele me visitou no hospital, mas eu estava como ele está agora, em coma induzido. Quando retornei ao trabalho — sorrio —, ele surgiu no hospital depois do expediente e me convidou para jantar. — Paro de falar e sorrio outra vez, pensativa, lembrando da sua abordagem na recepção do hospital. — Bem, convidar não é bem o termo, ele me intimou. Mesmo não gostando do seu comportamento, era o homem que me salvou, então acabei aceitando. Depois desse dia, ele me intimou outras vezes. Além disso, não sei o que dizer, não aconteceu nada mais que um beijo. Enzo me deixa confusa, ele é completamente diferente do ideal de homem para mim, mas, por mais que eu pense nisso, não consigo dizer não a ele. Não posso dizer que estou apaixonada por ele ou ele por mim, mas gosto da sua companhia, do seu

humor, do jeito que ele me trata. É isso. Quando se trata do Enzo, é tudo muito confuso, meus sentimentos são confusos. Sempre fui tão decidida no trabalho, nos meus relacionamentos anteriores, e agora me vejo desse jeito.

Abaixo minha cabeça. Sinto-me cansada, acho que falei demais. Olho para os homens ao meu redor e eles se olham, cúmplices, se falam através do olhar.

— Desculpe-me se falei demais, é que fui pega de surpresa com o que aconteceu com o Enzo. Um dia ele me diz que vai ficar uns dias fora e no outro isso. Tudo é tão novo. Não queria conhecer vocês nessa situação. Aliás, nem sei se um dia ele me apresentaria sua família, o que quero dizer é que... não sei, quero que ele fique bem, entendem? Mesmo que, sei lá, não sei nem o que falar, vocês devem estar achando que sou maluca, é que...

As lágrimas jorram. Não sei por que estou chorando, mas não consigo segurar. Estou pagando mico, mas foda-se, não consigo controlar.

— Respira, senhorita, por favor. Entendo que está sendo difícil, mas você mesma disse que ele vai ficar bem. — O senhor Ferri tenta me acalmar, me serve um copo com água; bebo um pouco, tentando aliviar o nó que se formou na minha garganta.

— Eu sou médica, enfrento situações ruins todos os dias no hospital por ser um local com emergência, mas nunca precisei cuidar de alguém tão próximo. É muito ruim ser profissional quando alguém que gostamos está nessa situação. Desde que os gêmeos foram me buscar com essa notícia, está sendo difícil demais.

— *Mio fratello* vai ficar bem, não vai?

— Ele não é nem maluco de não ficar, tiro ele daquela cama na marra — digo limpando as lágrimas com as costas da minha mão. Eles riem. — Desculpem o desabafo. Enzo vai ficar bem, foi só um susto. Um susto grande, mas foi só isso.

Conversamos mais um pouco. O senhor Ferri pergunta sobre minha família. Pietro e Enrico ficam mais soltos e simpáticos, me contam algumas coisas que Enzo aprontou em sua adolescência. Depois de mais ou menos duas horas de conversa, seguimos juntos para o hospital, com uma escolta de dois carros nos acompanhando. O dia que eu sair sem segurança, vou sentir falta.

CAPÍTULO 21



KIARA

Hoje faz dois dias que Enzo foi baleado. Pelos exames feitos nessa manhã, ele está progredindo, então, junto com o médico que o operou, decidimos retirá-lo do coma induzido, mas antes disso preciso conversar com seus familiares, que desde o ocorrido não arredaram o pé daqui. No máximo eles vão para a casa do Lorenzo, descansam um pouco e depois retornam.

Ontem, o senhor Guiseppe me comunicou o seu desejo de levar o filho para casa. No caso, para casa dele; mas Lorenzo disse que se não fosse possível, todos podem retornar para suas vidas que ele ficará com o irmão, o que gerou uma leve discussão. Guiseppe disse ao Lorenzo que ele tem mulher e filha para cuidar; depois de chamar a atenção de todos, bateu o martelo dizendo que ele é o pai, portanto ele que decide. Com a voz firme e em um tom de repreensão, todos se calaram. Meu sogrinho colocou os marmanjões em seus lugares.

Kiara, sua louca, Guiseppe não é seu sogro. Ele ainda não é, mas quem sabe que o moreninho aqui quando acordar vai ver o quanto sou uma boa menina? Olho para o Enzo e sorrio.

— Diz aí, bonito, sou ou não sou um bom partido? — Meu moreno está com o rosto pálido e inerte. Observo cada detalhe do seu rosto. Tenho feito isso desde ontem à noite quando tiramos o respirador. — Sua quase namorada é sem noção — digo deslizando minha mão em seu rosto e

cabelo. — Você aí, ferido, e eu falando besteira. Vou te deixar um pouco sozinho porque tenho que resolver com sua família o que vamos fazer. Ah! Esqueci de te dizer uma coisa. Liguei para o hospital pedindo uma semana de folga. Para minha surpresa, eles me disseram para eu não me preocupar, que poderia usar o tempo que precisasse. Tenho certeza de que isso tem a ver com sua família. Então, é isso, vou enfrentar os bonitões. Já, já eu volto.

Dou um selinho em sua boca e me retiro. Sigo pelo corredor, pensativa. Os Mancinni são homens poderosos, conseguir uma folga fora da grade de escala do hospital é muito difícil, é necessário solicitar com muita antecedência e de certa forma fazer barganha. Como um passe de mágica, ganhei vários dias; dias esses que nem solicitei. O acordo era o fim de semana e nada mais.

Da porta da sala que foi reservada para a família, ouço-os murmurando. Minha curiosidade aguça. Antes de entrar, tento ouvir o que eles estão dizendo, preciso saber se eu sou o foco da conversa. Ouço o nome de Perla, Nina e Bianca, que são suas esposas. Dou duas batidas na porta e entro. Meu futuro sogro faz sinal para que eu me sente. Obedeço e fico de camarote ouvindo a conversa deles.

— A Bianca insistiu só uma vez, depois acatou minha ordem — diz Pietro no seu jeito mal-humorado com o qual estou aos poucos me acostumando. *Esse é o cunhado que você quer, Kiara? Viu o que ele disse? “Minha ordem”. Você está lascada, esses homens são desses, adoram dar ordem. Viu ontem o sogrão? Uma voz firme, grossa, audível, sem precisar gritar calou todo mundo.*

Será que Enzo é assim? *Pergunta idiota, Kiara, ele sempre agiu assim*

com você, desde o primeiro encontro. Verdade, ele não pediu, mandou que eu fosse jantar com ele. E ao cinema? Foi a mesma coisa, aliás, todas as vezes. A diferença é o jeito com que ele faz isso, suas ordens não são tão óbvias, soam como uma intimação e têm um leve humor.

— Pior que Nina, é o seu neto. Ele quer ver o tio, vocês sabem que Rico é apaixonado pelo Enzo. Ele me disse que eu estou o enganando, que Enzo não está mais entre nós. Tirar isso da cabeça do meu menino foi foda, tive que fazer um vídeo do Enzo. Acalmei o Rico e alarmei minha pequena que não parou de chorar depois que viu o irmão — diz Enrico.

Por diversas vezes, ouvi Enzo falar do seu sobrinho. Ele ama a todos, mas esse menino é seu xodó. Seus olhos brilham quando fala dele. Acho lindo o jeito carinhoso que Enrico falou da sua esposa; ver esse homem falando assim é a verdadeira prova que os brutos também amam.

— Com a Perla, não adiantou argumentar. Ela me disse que se Enzo não voltar para casa até amanhã, ela vai vir eu querendo ou não — Lorenzo diz.

— Estranhei ela não ter vindo até agora, qualquer coisa que aconteça com qualquer um de nós, ela é a primeira a estar presente.

— Concordo, minha cunhada não é de ficar esperando paciente sem fazer nada. Ela foi muito importante para que meu casamento desse certo. Depois que ela surgiu do nada lá em casa, Nina mudou completamente sua postura, o que foi bom para nós dois — Enrico comenta.

— Minha nora ama todos vocês como se fossem seu sangue. Ela não me vê apenas como o *padre* do seu marido, mas sim como *tuo padre*. Ela

trata o Ferri como se fosse seu tio, e vocês como irmãos. Sei como para ela deve estar sendo difícil ficar longe. Perla sempre quer o bem-estar de todos nós. Para mim, ela é mais uma filha que a vida me deu, e a amo como tal. Suas perdas foram grandes, perdeu os pais, a liberdade, a filha. Ela não tinha em quem se apoiar, nós sempre tivemos uns aos outros. Quando perdi *tua madre*, tive vocês. Nós somos sua família desde sempre.

Nossa! Fico de boca aberta com as palavras do meu sogro. Perla deve ser uma pessoa muito especial. Enzo fala dela com carinho, e pelo que vejo é unanime. O que me deixa triste é ouvir que ela perdeu uma filha, Enzo nunca me contou que sua sobrinha morreu, esse assunto deve ser dolorido para ele. Quando Guiseppe termina seu discurso, todos ficam visivelmente emocionados.

— Rapazes, creio que a doutora Vitalle precisa falar conosco — o senhor Ferri chama a atenção dos homens que nem se deram conta da minha presença.

— Perdoe-nos, doutora. Me distraí com os lamentos desses marmanjos. Diga-me, posso levar meu filho? — pergunta Guiseppe.

— Sobre isso que vim conversar com vocês. O prazo de quarenta e oito horas de coma induzido terminou hoje, preciso saber qual a decisão de vocês: se o Enzo vai continuar seu tratamento aqui ou se ele vai para casa. Se for continuar aqui, eu retiro hoje o medicamento, senão, retiro somente quando ele chegar no seu destino, seja Florença ou Roma.

— Roma — eles respondem em uníssono.

— Por que *mio fratello* não pode acordar antes de viajar? Não

aguento mais vê-lo daquele jeito.

— A viagem é longa e cansativa para um paciente em seu estado, recém-operado, ainda com pontos, Lorenzo. Ele ficará desconfortável e dolorido, seremos obrigados a aumentar as doses de medicamentos, enquanto o intuito é que ele use cada vez menos.

— Me diga tudo o que *mio figlio* precisa para transportá-lo que vou providenciar.

— E no quarto dele, doutora, vamos precisar de equipamentos?

— Não, Enrico, apenas de alguns remédios. Vou te dar a lista com os nomes dos remédios e mais algumas coisas para cuidar dos pontos. Em relação ao avião, vou providenciar com a equipe.

Olho pela pequena janela do avião e tento não pensar no que me aguarda, nos próximos dias. O que será quando Enzo acordar? O que o destino nos reserva?

CAPÍTULO 22



KIARA

Meus olhos costumam a acreditar no que veem. A casa dos Mancinni... *Casa, Kiara?* A mansão é um espetáculo. Ela se estende por todo o quarteirão, muitos metros separam o portão até a entrada principal da casa, é necessário andar ainda uns metros para alcançá-la. Mistura o novo com o antigo. Tem uma torre; imagino-me nela, e o Enzo embaixo dizendo “*joga suas tranças, Rapunzel*”. Quão idiota eu sou. É simplesmente magnífica. Agora entendo por que esse tanto de seguranças armados. Por falar nisso, a parte externa da casa é cheia deles, com suas armas e rádio comunicadores. Eles realmente são muitos ricos, milionários, biliardários, sei lá. Têm muito dinheiro.

Os enfermeiros retiram Enzo com cuidado da ambulância. As enormes portas são abertas. Enquanto eles adentram, a mansão os outros carros com o restante da família vão estacionando. É inevitável olhar o espaçoso hall, com um lustre que deve custar dez vezes meu salário. Três mulheres vêm correndo em nossa direção, duas morenas e uma ruiva; devem ser as esposas. Elas são muito bonitas, me sinto sem sal perto delas.

— *Mio Dio, mio fratello.*

A morena, que agora sei que é sua irmã, se aproxima da maca, fazendo carinho no cabelo do irmão, enquanto as lágrimas escorrem em seu rosto.

— Ele vai ficar bem — digo. Ela me abraça.

A outra morena beija a testa do Enzo com carinho. A ruiva apenas faz carinho em seu braço. Estou curiosa para saber quem é Perla; pelo beijo carinhoso, acho que é a morena. Os homens entram, e Nina corre para os braços do pai, que acarinha seus cabelos e diz algo em seu ouvido. Em seguida, ela se aninha nos braços do Enrico, chega a sumir nos músculos dele. Ela é bem magra, corpo perfeito.

Lorenzo beija com paixão a morena. Bingo, ela é a Perla. Pietro dá um tímido beijo na testa da ruiva, que é a Bianca, sua esposa. Os enfermeiros e eu aguardamos, não sabemos para onde ir. É bem capaz de eu me perder nessa mansão.

— Para onde devemos ir? — pergunto, e Perla responde que preparou o quarto dele. Ela segue na frente junto com Lorenzo. São muitos degraus, mas nada que braços fortes como os dos seguranças não possam resolver. O senhor Guiseppe dá uma ordem silenciosa para que seus homens levem Enzo em vez dos enfermeiros. Tenho que concordar, tudo por sua segurança. Apenas um enfermeiro segue ao lado, segurando o poste com os medicamentos; o outro sobe comigo.

O quarto do Enzo é praticamente do tamanho do meu apartamento. Os enfermeiros o colocam sobre a cama e se retiram, acompanhando os seguranças.

— Kiara, sou Perla, esposa do Lorenzo. Desculpe-me minha falta de educação, mas é que estávamos todas ansiosas para vê-lo. Nossos esposos não permitiram nossa ida a Nova Iorque — ela diz, olhando seu marido, que

finge não perceber seu olhar de reprovação. — Tudo que meu sogro pediu está em cima desse móvel. Se estiver faltando qualquer coisa, só me dizer que providencio. Tem gases, soro, enfim, comprei tudo que estava na lista que ele me enviou.

— Obrigada.

— Eu que agradeço por você estar cuidando do meu irmão. Ele tinha que aprontar... Quando Enzo ficar bom, vou dar uma surra nele para parar de ser irresponsável — Perla diz em meio às lágrimas. Realmente ela ama essa família.

— Quando ele vai acordar? — Nina pergunta já no nosso encalço. Não a vi entrar.

— Enzo tomou o último medicamento essa manhã. Fiquei com receio de interromper à noite e ele acordar no meio do voo, porém dei uma dose bem pequena. Creio que no mais tardar pela manhã ele deve despertar.

— Muito obrigada.

Nina me abraça e Perla em seguida. O senhor Guiseppe entra no quarto e expulsa a todos. Antes de sair, Perla diz que preparou o quarto de hóspedes para mim, mas digo que prefiro ficar com o Enzo, monitorá-lo durante a noite. Ela olha cúmplice para Nina, Guiseppe e por fim Lorenzo. Finjo não ver. Pergunto se eles podem conseguir alguma roupa leve para que o enfermeiro possa fazer seu asseio.

Perla entra em um corredor dentro do quarto e volta com uma calça de moletom cinza e uma camisa de algodão branca. Provavelmente é o closet.

Assim que eles se retiram, os enfermeiros entram; essa parte deixo com eles. Desejo muito dar banho no meu moreno, mas não nessa situação; já foi bastante constrangedor vê-lo nu.

Alguém bate na porta. Ela é aberta e uma senhora entra, logo atrás um homem com minha mala. A senhora me diz que o jantar vai ser servido. Meu estômago ainda está no fuso horário de Nova Iorque; mesmo assim estou com fome.

Olho-me no espelho, lavo meu rosto e, em seguida, pego um batom na minha bolsa. É hora de enfrentar toda família reunida. Deu para definir um pouco as características de cada um dos homens; agora vamos ver como me sairei com suas esposas.

O jantar foi melhor que eu esperava. Depois de explicar detalhadamente o que ocorreu com o Enzo às esposas, começaram a me contar as coisas que Enzo apronta. Todos falavam um do outro com carinho. Perla é uma espécie de líder das mulheres, se assim posso dizer, e os homens a respeitam de uma forma que não consigo entender, diferente das outras esposas. Não que eles as tratem mal ou não lhe deem atenção, porém Perla tem uma posição firme sobre as coisas, ela é ouvida e respeitada. Teve um momento que ela perguntou seriamente se o problema tinha sido resolvido, porque senão ela iria resolver pessoalmente. Todos ficaram sérios, e Pietro respondeu duramente:

— Risoluto.

Enrico grunhiu, Nina segurou sua mão e disse para irmos para a sala

de estar. Esperei para segui-las. A casa é tão grande que, desde que entrei aqui, só me imagino me perdendo dentro dela. Já pensou? Seria o maior mico. Somente as mulheres se retiraram. Perla fez várias perguntas sobre mim e o Enzo, Bianca só ria das sacanagens que ela dizia que eu tenho que fazer. Quando disse que nós dois ainda não tínhamos transado, ela e Nina piraram e as coisas só pioraram. As aulas de sexo se intensificaram.

De volta ao quarto, deito-me ao lado do meu moreno de olhos castanhos. Aconchego-me ao seu lado e começo a contar sobre meu dia.

— Amor, acredita que estamos na casa em que você nasceu e foi criado? Ela é linda, parece aquelas mansões antigas, mas com um toque de modernidade. Linda demais. Sua família me surpreendeu. A aparência fria e dura dos homens não condiz com o carinho, dedicação e amor que eles têm uns com os outros. E as esposas? Meu Deus! São adoradas. Apesar de eles exercerem uma certa dominação, eles a veneram.

Beijo sua testa, sua bochecha e sua boca. Perco-me durante alguns minutos, observando-o. Mesmo pálido, ele é lindo.

— Fico pensando aqui comigo — digo, apoiada em meus cotovelos e olhando para seus olhos que estão fechados. — Será que, se um dia a gente ficar junto, vou ser adorada como sua irmã e suas cunhadas? Apesar de o Pietro ser mais contido, pude ver que ele arrasta um bonde pela Bianca. Será que você também é assim, que isso está na veia dos Mancinni? Ou dos Ferri? Porque Enrico não é diferente. Aliás, dos três ele é o mais possessivo.

Sento-me com as pernas cruzadas na sua cama enorme, continuando a conversar com meu futuro namorado.

— Vou te confessar uma coisa que eu não havia me dado conta até quando quase perdi você. Eu te amo, Enzo Mancinni. Você é completamente o oposto dos homens que namorei e do homem que idealizo para chamar de meu. Me pegou de jeito e, depois que conheci sua família, me vejo querendo fazer parte dela. Você não sabe como foi o inferno ter que ser profissional quando o que eu mais queria era chorar e te colocar em meu colo. Sinto falta do seu sorriso bobo, das suas brincadeiras, da sua arrogância, da sua forma disfarçada de dar ordens. Amo tudo em você, Enzo. Grave bem minhas palavras, porque não vou repetir isso de novo, não antes de ouvi-lo dizer que me ama.

Ajeito-me com cuidado ao seu lado e sussurro no seu ouvido que o amo. Beijo sua boca e me levanto sem fazer muitos movimentos. Pego um edredom e o cubro. Depois, pego um lençol para me ajeitar na poltrona. Não vou dormir ao seu lado porque me mexo muito durante à noite e tenho medo de bater sem querer em seus pontos.

— Amor, vou te dar esse remedinho para dor e depois vou dormir.

Injeto o líquido no soro, descarto a embalagem. Beijo-o novamente e vou para a poltrona.

— Kiara, volte para a cama.

Meu corpo salta e meu coração acelera. Corro até meu amor. Seus olhos permanecem fechados. Apesar de a voz ter saído fraca, a maneira de dar ordem que lhe é peculiar estava presente, ou será que é fruto da minha imaginação?

— Deite-se — ele diz com um fio de voz; mas ele diz, não é minha

mente.

— Enzo.

Sorrio, choro, faço tudo ao mesmo tempo. Dou a volta na cama e deito-me com cuidado ao seu lado. Meu Enzo está de volta. Encosto minha cabeça bem próximo à sua e relaxo. O pesadelo acabou.

CAPÍTULO 23



ENZO

Ouçó vozes familiares, mas não consigo me mover, e nem dizer uma só palavra. “*Kiara, sou Perla, esposa do Lorenzo*”. Kiara? Minha Kiara está aqui? Perla, Lorenzo? Minha cabeça dói, está tudo tão confuso. Lembro-me de sentir meu corpo queimar depois de um disparo, do olhar incrédulo do Lorenzo e da ira nos olhos do Pietro e Enrico.

Onde será que estou? Será que ainda estou em Nova Iorque?

“*Quando Enzo ficar bom, vou dar uma surra nele para ele parar de ser irresponsável*”. Perla? Minha cunhada disse que vai me bater? Baixou a poderosa chefona nela, estou fodido. Perla está certa, fui descuidado.

“*Quando ele vai acordar?*” Nina? Onde está o Rico? Não ouço sua voz. Estou ficando cansado, muito cansado.

Não sei dizer por quanto tempo minha mente apaga. Não ouço mais ninguém, porém sinto um corpo quente ao meu lado. É Kiara, posso sentir seu cheiro. Como eu queria abraçá-la, tocá-la.

Kiara, estou aqui, tento dizer essas palavras, mas elas não saem. *Cazzo*, não consigo me mover.

“*Amor, acredita que estamos na casa em que você nasceu e foi*

criado?” Agora sei onde estou, em Roma, em casa. Minha mulher está na minha casa, casa da minha família? Isso é muito foda. Minha pequena *uccello* não para de falar, está encantada com a casa e com minha família. Bom saber que ela gostou. Essa família vai ser dela assim que eu a tomar para mim.

“Fico pensando aqui comigo”, ela diz e se movimenta na cama. Posso sentir sua respiração sobre meu rosto. Como eu queria beijá-la. *“Será que, se um dia a gente ficar junto, vou ser adorada como sua irmã e suas cunhadas?”* Cazzo! Nós já estamos juntos, Kiara. *“Será que você também é assim, que isso está na veia dos Mancinni?”*

Cazzo, cazzo, cazzo. Vou te adorar todos os dias, eu sou a porra de um homem possessivo. Você não sabe, mas tenho cuidado de você desde que te conheci. Nunca mais filho da puta nenhum vai encostar um dedo sequer em você. Precisa me ouvir, Kiara. Por que não consigo falar? Está tudo aqui, na minha cabeça, mas as palavras não saem pela boca. Ela se afasta de mim, mas permanece na cama.

“Eu te amo, Enzo Mancinni.” Ela disse que me ama. Não sou seu ideal de homem, mas ela me ama. *“Grave bem minhas palavras, porque não vou repetir isso de novo, não antes de ouvi-lo dizer que me ama”.* Não posso dizer que a amo. Prometi nunca amar ninguém. Você é minha, Kiara, e eu sou seu; te desejo, te quero, te dedico. Você vai morar comigo, e foda-se se você não quiser ficar comigo quando te contar que pertenço à máfia, que minha família que manda na porra toda. Você me ama, você é minha e eu sou seu.

Desde que a peguei desacordada em meus braços, não consegui mais me afastar, senti a necessidade de cuidar de você. Minha pequena *uccello*

sempre viveu presa em uma gaiola invisível, gaiola essa criada por si própria. Meu coração está em festa por tudo que acabei de ouvir, porém meus termos são sem casamento e sem dizer que a amo; não posso e não devo amar de novo, porque bem lá no fundo algo me diz que não devo acreditar, que se eu me entregar, você vai me trair, como a outra fez.

“Amor, vou te dar esse remedinho pra dor e depois vou dormir”. Sua boca encosta na minha. Quero abrir minha boca e enfiar minha língua na dela, mas não consigo. Espero que ela se deite ao meu lado, mas apenas sinto o peso do edredom sobre mim, em seguida sua boca sobre a minha em um breve beijo. Para onde ela foi? Posso sentir seu cheiro, mas ela não está ao meu lado.

— Kiara! — Tento chamá-la, mas a voz sai fraca; ela não ouve. Esforço-me o máximo que posso, minha garganta está seca, dolorida. — Kiara, volte para cama.

Ouçó seus passos, ela se aproxima, consigo ouvir sua respiração.

— Deite-se.

Ela se deita ao meu lado. Seus cabelos roçam meu rosto e meu pescoço, aos poucos tudo vai sumindo, não consigo dizer mais nada.

KIARA

O relógio desperta às seis horas, como o programado. Levanto-me da cama bem devagar. Pela minha posição, não me movi, pois acordei do

mesmo jeito que me deitei. Ainda custo a acreditar que Enzo falou comigo. Ele é tão mandão que mesmo sem forças dá ordens. Sorrio, satisfeita por ele ter exigido meu corpo ao lado do seu.

Verifico se ele está bem. O soro está no final; vou retirá-lo, pois não há mais necessidade dele. Em breve, meu moreno vai estar com seus olhos castanhos sobre mim. Apresso-me em tomar banho, prendo meus cabelos em um coque alto e me dou por satisfeita por minha aparência. Minha atenção agora é no paciente mais bonito que já tive. Retiro a agulha do seu braço, limpo o local com soro. Verifico sua temperatura.

— Você está muito melhor, meu amor, só falta despertar. Preciso que acorde para poder se alimentar, quero você bem forte e saudável. Não sei como, mas seu pai conseguiu licença para mim sem uma data determinada para voltar. Confesso que achei estranho, mas estou adorando. Tudo que mais quero é cuidar do meu mandão bem-humorado.

Os enfermeiros chegam. Aproveito e desço para que eles deem banho no Enzo, é muito íntimo, prefiro não ficar. Desejo banhar seu corpo, porém de outro jeito, fico com tesão só de imaginar. Na sala, encontro Perla com sua filha. Ela é linda, sua fisionomia é toda do Lorenzo. Nina se aproxima com uma bebê linda e um garoto ao seu lado, deve ser o Rico.

— Crianças, essa é a *zia* Kiara, ela é namorada do *zio* Enzo. Kiara, essa é Luna, minha filha, e esses são Giane, bebê gostosa da *zia*, e Enrico, que chamamos de Rico, filhos da Nina.

Ao ouvir a tia falar seu nome, Giane se joga, querendo seu colo. Perla prontamente a segura. A pequena Luna caminha com suas pernas curtas na

direção da *zia*, que a suspende e brinca, fazendo cócegas em sua barriga. A risada da pequena Giane é maravilhosa.

— Muito prazer, senhorita. Enrico Mancinni Ferri — Enrico se apresenta como se fosse um rapaz. É incrível a semelhança dele com o pai, ambos são muito bonitos. Ele segura minha mão e a beija ao se apresentar.

—O prazer é todo meu, Enrico. Você é um rapazinho muito educado e galante — digo, e ele sorri satisfeito. Perla e Nina estão orgulhosas, as duas babam em cima do menino. Quem não babaria? Tem muito adulto que nem chega aos seus pés.

— Permita-me saber quando poderei ver meu *zio*.

— Deixei-o com os enfermeiros, nesse momento ele está tomando banho, mas assim que terminar, fique à vontade para visitá-lo. Sei que ele ficará muito feliz.

O menino sorri satisfeito com minhas palavras. Caminhamos para sala de jantar. A mesa já está posta. Aos poucos, os demais integrantes da família vão chegando. Pietro e Bianca vêm da rua; soube que eles moram próximo, por isso não dormiram na mansão. O senhor Ferri foi embora direto do aeroporto, não veio conosco para Roma. Depois de todos estarem reunidos, arranho minha garganta para poder chamar atenção e começo a falar:

— Ontem à noite, depois de uma longa conversa que tive com meu... quer dizer, com o Enzo, em que só eu falei — sorrio — , apliquei um remédio para dor. Me certifiquei de que ele estava bem, fui para a poltrona, pois passaria a noite nela.

— Na poltrona? Por quê? — Bianca pergunta, e fico sem graça de responder, mas respondo.

— Sou um pouco agitada quando durmo, fiquei com medo de o machucar. Enfim, o ouvi me chamar.

— *Mio figlio* acordou?

— No início pensei que era coisa da minha cabeça, pois sua voz saiu quase inaudível, mas um pouco depois ele disse “deite-se”, um pouco mais forte e adormeceu.

Todos começam a fazer perguntas ao mesmo tempo. Eles estão felizes. Não sei o que passa em suas cabeças, de repente eles pensaram no pior, mesmo que eu dissesse que ele estava bem. Enquanto subimos para o quarto, noto que eles sempre usam terno, devem ter vários em seu closet, estão sempre bem vestidos. Abro a porta e os deixo entrar. Ouço a voz do Enzo.

— Que porra é essa de deixar um monte de homem me bolinando? — Sua voz não sai tão forte, mas seu tom é sarcástico, seguido uma risada. Estava sentindo falta, muita falta desse seu humor. Uma lágrima escorre em meu rosto.

Fico afastada, observando à interação dele com a família. Lorenzo desaba no choro. Ele está ajoelhado ao lado do irmão, pede perdão repetidas vezes. Enzo, com dificuldade, levanta o braço e segura em seu rosto, exigindo que o olhe.

— Você não teve culpa, *cazzo*. Estou bem, daqui a pouco estou

pronto para guerra. Não quero que se culpe, se tem algum culpado aqui sou eu, porque fui imprudente.

Pronto para guerra? O que ele quis dizer com isso? Lorenzo se levanta e volta à sua postura de antes. Nina não sai do lado do irmão, ela está deitada ao seu lado.

— Enzo, Enzo, o que faço contigo? — Perla diz como estivesse reprovando-o.

— Lorenzo, você sabia que sua esposa me ameaçou? Ontem ela disse que vai me dar uma surra, assim que eu melhorar.

Todos riem, menos eu, porque isso quer dizer que ele ouviu o que eu disse. *Mio Dio*, ele ouviu-me dizer que o amo.

CAPÍTULO 24



KIARA

Meu coração bate descompassado. Estou com receio de como Enzo vai agir depois da declaração que fiz. Minha esperança é que ele não tenha me ouvido como ouviu a Perla. Antes de o dizer que eu o amo, preciso saber o que ele sente por mim. Tenho que ter a certeza de que seu desejo não é só carnal, que depois de me ter na cama, a sua forma de agir para comigo não vai mudar. Não quero apenas seu corpo moreno, quero-o todo. Sua arrogância, seu sarcasmo, seu sorriso. Quero senti-lo sobre mim e em mim.

Nunca me senti assim, tão intensamente envolvida por um homem, homem esse que em nenhuma circunstância me atrairia, muito pelo contrário, me afastaria o máximo possível. Enzo tem uma escuridão sobre si que me amedronta e me atrai. Lembro-me da primeira vez que o vi, naquele dia que me traz à memória coisas ruins e, ao mesmo tempo, boas, porque foi nesse dia, um dia como outro qualquer de corrida pelo parque, que conheci o homem que me salvou, que me apaixonei. Eu o quero na minha vida.

Continuo observando-o com sua família, distraída. Não percebo que Rico está ao meu lado até que ouço sua voz.

— *Zia Kiara, por que não vai falar com meu zio?*

Sorrio para a xérox do Enrico.

— É melhor seu *zio* ficar um pouco com a família, todos estavam muito preocupados. Por que você, mocinho — seguro em seu nariz — não vai lá falar com seu *zio*? Tenho certeza de que ele ficará feliz.

— Eu vou. Passei em meu quarto antes para pegar uma carta que fiz para ele.

O menino sorri e vai em direção ao tio. Ao verem que ele se aproxima, os membros da família se afastam. Enrico e Nina olham para o filho, orgulhosos; posso dizer que todos têm o mesmo sentimento. Ele não é só o xodó do Enzo, mas de toda a família.

— Hei — Enzo diz com a voz embargada e olhos fixos no sobrinho. Rico se aproxima; os braços do Enzo estão abertos e logo se fecham em torno do menino.

— *Zio*, que bom que o senhor acordou, estava com tanto medo.

As lágrimas escorrem no rosto do meu moreno. Ele sussurra no ouvido do menino, que está igualmente emocionado.

— Sabe, *zio*, quando eu trabalhava nas minas, pedia todos os dias a *Dio* para me tirar de lá, e ele me ouviu. Fui morar com o *zio* João, e depois ele ainda fez melhor, me trouxe de volta para casa, me deu de presente o *papà*, a *mamma*, o *nonno* e todos os meus *zii* e *zie*. Então pedi muito a *Dio* que o senhor ficasse bom. Nas minhas orações, disse a ele que o amava e que eu não podia ficar sem meu *zio* favorito.

A última parte ele diz praticamente sussurrando, mas é audível. Provavelmente ele não queria que seus outros tios ouvissem sua declaração

para meu moreno. Olho em volta do amplo quarto, e é nítida a emoção que eles estão sentindo. Não podia ser diferente, Rico é um menino especial. Essa é a primeira vez que vejo meu moreno demonstrando nitidamente seu sentimento, sem fazer brincadeiras com a situação. Rico entrega a carta e pede para Enzo ler depois. Os dois se abraçam novamente. Depois, Enzo pede que Rico o coloque a par de tudo que ele fez por esses dias.

Fico um pouco pensativa, rebobinando em minha mente as palavras que Rico acabou de dizer. O que ele quis dizer quando disse que trabalhava? Uma família como essa nunca colocaria um garoto como ele para trabalhar. E sobre ganhar de presente seus pais, como assim? Nina e Enrico não são pais dele? Não pode ser, ele é a cara do Enrico. Afasto meus pensamentos, olho no relógio e vejo que está na hora de verificar os pontos do meu lindo. Daqui a dois dias, vou retirá-los. Ele vai se sentir bem melhor, mas terá que permanecer de repouso.

— Sinto muito ter que interromper, mas preciso verificar os pontos do meu paciente.

Aproximo-me devagar e, quando seus olhos encontram os meus, não me abandonam. A família segue seu olhar. Fico presa nele e ele em mim, como se estivéssemos só nós dois.

— Vamos, família, vamos deixar os pombinhos sozinhos. Eles têm muito que conversar — Perla diz, pegando seu marido pelo braço e levando-o para fora do quarto. Ao passar por mim, ela pisca. Um por um, eles vão saindo, até que ficamos só nós dois.

— Você não sabe a vontade que estou de levantar dessa cama e te

agarrar, mas mal consigo me sentar — Enzo diz.

— Não faça esforço, você ainda está com pontos.

— Venha aqui, Kiara. — Ele bate ao lado dele na cama.

Aproximo-me ainda com os olhos fixos nos seus. Meu coração acelera. Ele acordado e chamando por mim era tudo o que eu mais queria e, agora que está acontecendo, meu corpo e meus sentimentos estão uma bagunça. Durante a fração de segundos enquanto caminho, penso na minha declaração. Tenho dúvidas se ele ouviu ou não. Se ouviu e não disser nada, é porque não sente o mesmo; se disser que não me ama, não sei o que vou fazer.

— *Cazzo*, mulher, como eu estava louco para acordar. Sentir seu cheiro e não poder te tocar estava me deixando puto.

Sem esperar, ele segura em meus cabelos e cola sua boca na minha. Seu beijo inicia terno, depois se torna faminto. Enzo faz um movimento brusco e geme de dor. Afasto-me, preocupada. Levanto sua blusa e observo atentamente seus pontos, enquanto meu moreno diz uma meia dúzia de palavrões.

— Não posso nem beijar direito minha mulher.

Confirmo que não houve dano e sorrio. Ele continua resmungando.

— Hei, não fique nervoso, estou aqui. Você tem que tomar cuidado, até tirar esses pontos tem que ser cauteloso para não arrebentar e não inflamar, ok?

— Você fica a porra de uma gostosa falando desse jeito, toda doutora. — Rio alto. — Não vejo a hora de te fazer totalmente minha, já até cheguei a sonhar com minha língua deslizando pelo seu corpo. *Cazzo*, isso tudo é uma porra.

— Amor, também não vejo a hora que isso aconteça, mas primeiro você tem que se recuperar, ou acha que vou querer você pela metade? — sussurro em seu ouvido. — Você não faz ideia o quanto sou gulosa.

Ele grunhe.

— Não provoca, mulher, senão vou esquecer essa porra de ponto e te colocar sentada no meu pau.

— Sossega, garanhão. — Ajeito seu travesseiro e o faço deitar. — Daqui a pouco está na hora do almoço. Descansa um pouco, você fez muito esforço hoje.

— Sim, senhora, doutora Vitalle. Posso saber de quanto tempo será meu castigo?

— Vou pensar. — Ele me olha sério. — Daqui a dois dias, vou tirar seus pontos e você vai poder fazer as refeições lá embaixo com toda família. Depois, mais dez dias e estará novinho em folha.

— Dez dias?

— Sim, Enzo, seu ferimento foi grave. Não quero nem lembrar o medo que tive de te perder. Quero que fique bem. — Beijo sua boca. — Você vai ficar bem, confia em mim.

Deito-me ao seu lado na cama e ficamos conversando até o seu almoço chegar. Ainda estou sem saber se ele ouviu ou não minha declaração, mas estou aliviada por ele dizer que sou sua mulher.

CAPÍTULO 25



KIARA

Segurar meu moreno todos esses dias foi bem difícil. Assim que retirei seus pontos, ele achou que já estava pronto para outra. Queria voltar as suas atividades e, principalmente, ter relações comigo; por pouco não cedi. Teve um dia que acordei com ele entre minhas pernas. Foi muito difícil dizer não, ainda mais depois de gozar. Os dias que sucederam foram sempre assim, ele me proporcionando os melhores orgasmos todas as manhãs. Sei que estava sendo egoísta, ainda mais por não retribuir, mas eu sabia que se fizesse nele, não conseguiríamos parar.

Cinco dias após retirar os pontos, Enzo quis voltar para sua casa. Seu pai não ficou muito satisfeito, nem o restante da família, mas garanti que ele estava bem e que iria continuar cuidando dele. Em Florença, meu moreno não deixou que eu fosse para casa. Insistiu, melhor dizendo, ordenou, que eu pegasse minhas coisas e ficasse com ele. Sua desculpa era que precisava de uma doutora linda e gostosa vinte quatro horas do dia.

Seu pai ligou todos os dias. Nesse período após ter voltado para casa, cada membro da família esteve aqui duas vezes. Sinto-me parte dessa família, eles me receberam de braços abertos. O membro que mais gosto é o Rico, ele é simplesmente encantador.

Dois dias depois que Enzo chegou em Roma, os gêmeos foram visitar.

Os dois estavam abatidos, são mais que guarda-costas, são como da família. Ficaram muito tristes de não poderem estar ao lado dele, mas Enzo os agradeceu por terem tomado conta de seus negócios e sua casa em sua ausência.

Nesse instante, os três estão trancados no escritório, e eu estou na cozinha conversando com Marieta enquanto ela prepara o almoço.

Ontem completaram os dez dias de repouso depois da retirada dos pontos do meu moreno. Pela manhã, fomos ao hospital fazer exames mais detalhados e correu tudo bem; desde então, ele não para de trabalhar, não que não estivesse trabalhando antes, mas não com essa intensidade.

— Kiara, vou precisar sair — Enzo diz, vindo em minha direção, acompanhado dos gêmeos. — Fique pronta, às oito iremos jantar fora — diz com sua habitual arrogância, mandando como sempre.

— Enzo, preciso conversar com você.

— Depois, *bella*. — Ele beija minha boca. Os gêmeos saem, o aguardam lá fora. — Tenho alguns problemas para resolver, no jantar a gente conversa. Também tenho algo muito importante para dizer.

— Não vai almoçar em casa?

Ele sorri.

— Mais tarde, pequena *uccello*. Mais tarde — diz e se retira após um breve beijo em minha testa. Observo-o sumir porta afora. Já aprendi que não adianta argumentar, uma vez dito, está definido.

Tenho que o dizer que sinto falta do meu trabalho, que agora que ele está bem, tenho que voltar à minha rotina. Tenho minha vida, minha casa. Sinto falta de cuidar das pessoas. Estudei muito para me formar, perdi muitas noites de sono na faculdade e na residência. Amo que faço, nasci para ser médica, para fazer o possível para salvar vidas.

Enzo ficou o dia todo fora. A ansiedade para o nosso jantar é grande, o que será que ele quer conversar comigo?

Fico na dúvida do que vestir, ele não disse onde iremos, mas, como se trata do meu moreno, o lugar deve ser chique. Ele gosta e pode ostentar. Decido colocar um vestido vermelho, de alça na largura de um dedo. O decote desce entre meus seios, e possuí um cinto da mesma cor. Fica justo ao meu corpo, sua saia é fluida com fenda frontal. Uma peça que não é tão chique e nem simples. Faço uma maquiagem bem leve, apenas para dar cor ao meu rosto pálido; desde que Enzo foi ferido, não saí mais pela manhã para caminhar, fazia isso sempre que não estava de plantão.

Assim que termino de me arrumar, desço e fico esperando-o na sala. Já são quase oito horas. Ele costuma ser pontual, estou começando a ficar preocupada. A porta da frente se abre junto com meu sorriso. Para minha decepção, não é o meu moreno, e sim Assis, um dos gêmeos.

— Senhorita Vitalle, o senhor Enzo me pediu que a levasse ao seu encontro.

Sigo seus passos até o carro sem dizer nada. Meu coração acelera, estou ansiosa, algo me diz que não será um simples jantar como tantos outros.

Suas palavras não saem da minha cabeça. “No jantar a gente conversa, também tenho algo muito importante para dizer.”

Será que agora que ele está bem, quer terminar? Não, não deve ser isso, estamos nos dando bem, mas o que deve ser? Será que finalmente ele vai falar que ouviu minha declaração? Não consigo pensar mais em nada. Minha mente faz inúmeras suposições e não chega à nenhuma conclusão.

— Chegamos, senhorita.

O carro estaciona na porta de um belíssimo hotel. Assis abre a porta, caminhamos juntos para o saguão. Um funcionário com seu uniforme vinho com detalhes em branco se aproxima, Assis diz que ele me levará ao encontro do Enzo. Ele se despede e vai embora. Sigo o funcionário, que parece ser mexicano; em seu crachá, diz que seu nome é Ruan García.

No elevador, paramos no último andar. As portas metálicas se abrem, sou contemplada com o vento sobre meu rosto e um belíssimo moreno vestido em mais um terno feito sob medida, na cor azul, e camisa branca.

Sorrio, encantada com a figura do homem mais lindo que já vi. Em suas mãos, há um lindo buquê de flores. Rosas vermelhas, a cor do amor. As portas do elevador se fecham, levando Ruan junto. Dou alguns passos em direção ao homem que me tira o fôlego. Seu sorriso, que lhe é peculiar, ao menos comigo e sua família, moldura seu lindo rosto. Não espera que eu chegue até ele e se aproxima. Seu braço envolve minha cintura e sua boca cola na minha. Seu perfume, seu cheiro me envolve, minha pele reage ao beijo. Estou pronta para ser dele nesse exato momento.

— Oi — digo. Ele sorri e me entrega o buquê. Levo-o até o nariz e

sinto o cheiro suave das rosas. — Obrigada.

— Vem, minha pequena *uccello*, vamos jantar.

Enzo segura em minha mão e caminha entre as mesas até chegarmos à nossa, que está devidamente decorada. O terraço do hotel é enorme, tem um espaçoso bar e, do outro lado, uma enorme piscina. A vista da cidade e a impressão do céu estar bem próximo deixa esse lugar ainda mais bonito. Sento-me, e ele se senta na minha frente, seus olhos me observam atentamente.

— *Bellissima, molto bella.*

Sorrio com seu elogio e repito suas palavras.

— *Bellissimo, molto bello.* — Ele ri alto. — Amei a surpresa, obrigada, moreno.

— Hoje é um dia especial.

— Posso saber por quê?

Meu moreno fica sério, serve nossas taças com vinho branco. Ao terminar, seus olhos alcançam os meus novamente, mas dessa vez eles estão escuros, a cor de mel não está presente. A ausência de palavras permanece, há apenas o som da música ambiente, os sons externos e de nossas respirações. Seu olhar faz com que minha pele fique arrepiada. Ele me tem, me domina sem precisar me tocar.

— Porque finalmente você vai ser minha.

CAPÍTULO 26



KIARA

Suas palavras vão ao encontro do meu sexo. Sorvo o vinho, tentando acalmar os ânimos. Nossa bolha é interrompida pelo som do elevador. Um garçom com um carrinho e outro o acompanhando saem de lá. Nosso jantar é servido, meu moreno já tinha previamente escolhido o cardápio. Para a entrada, um garçom nos serve calamari grelhado, creme de batata e limão, alcaparra frita, e pesto de foguete. O outro garçom repõe o vinho em nossas taças e coloca água em outra. Depois de nos servir, retornam para o elevador.

— Espero que goste do que escolhi.

— Está divino, Enzo. Obrigada — digo após dar uma garfada exagerada. Etiqueta passa longe de mim quando se refere a comida.

Fazemos nossa refeição em um silêncio confortável, de vez enquanto nossos olhares se encontram e há intensidade neles. Meu moreno alcança minha mão e faz carinho, sinto minha pele arrepiar com seu toque e seu olhar, pego minha taça e em uma tentativa de conter meu corpo, sugiro um brinde. Enzo ergue suas sobrancelhas, e sorrio.

— Vamos brindar à sua saúde, moreno. Enfim o pesadelo acabou.

Ele sorri e bate sua taça na minha que está erguida.

— Não via a hora de ter alta.

Enzo fica sério e me olha com desejo. Levo a taça à minha boca. O elevador se abre e apenas um garçom vem com o prato principal. Tagliatelle com camarão vermelho cru, cogumelos da estação, sementes de gergelim, nos é servido, até agora meu lindo moreno acertou em suas escolhas. Conversamos sobre assuntos aleatórios, aos poucos vou introduzindo o meu trabalho.

— Moreno, estou pensando em ir ao hospital amanhã e acertar a minha volta. Você está bem e preciso voltar ao trabalho.

Ele me ouve sem dizer nada, continua comendo, mas atento às minhas palavras. Descrevo minha paixão pela medicina e a falta que me faz. Ao finalizar minha sobremesa que não perdeu em nada para o restante dos pratos, um delicioso creme de chocolate branco e azeite, lama de lavanda, geleia de maracujá. Ele se levanta, estende a mão para mim, que prontamente me ponho de pé e a seguro. Suas mãos vão em volta da minha cintura, encosto minha cabeça em seu peito e o abraço de volta. Movimentamo-nos ao som da música, que até agora era ambiente e que está um pouco mais alta. É uma música instrumental, romântica, como nosso encontro.

Dançamos em silêncio por vários minutos, uma canção após a outra. Sinto-me segura em seus braços, aqui é meu porto seguro, como se nada de ruim pudesse me acontecer. Meu coração está repleto de amor, de paixão. Desejo-o tanto, meu corpo precisa dele. Desde a primeira vez que sua língua invadiu minha intimidade, não penso em outra coisa que não seja tê-lo dentro de mim.

Suas mãos descem e descansam em meu bumbum, gosto disso, essa atitude me acende. Sua respiração em meu pescoço me deixa arrepiada. Ouso em afastar minha cabeça do seu peito, ele tira a sua do meu pescoço. No instante que nossos olhos se cruzam, são notórios o desejo e a necessidade. Enzo saqueia minha boca que o aguardava ansiosa. O gosto do vinho é compartilhado por nossas línguas e, junto com ele, paixão e tesão. Meu moreno segura meu rosto e interrompe nosso beijo.

— Vou te fazer minha, Kiara. Depois disso, não tem mais volta. Haja o que houver, você não pode mais voltar atrás.

Ele me pega pela mão e me conduz em passos rápidos para o elevador. Digo que quero minhas rosas; ele olha para sua direita e manea a cabeça, só nesse momento que noto um dos seus seguranças. No elevador, ele soca o botão. Sorrio; ele olha para mim com um sorriso que diz “me aguarde”. Meu corpo treme, ele percebe e ri alto.

Descemos apenas um andar. No corredor, há dois seguranças; um deles abre a porta, entro um pouco envergonhada, pois eles sabem o que nós vamos fazer. Enzo fecha a porta e me observa. Desliza sua mão em meu rosto e pescoço.

— Não tem do que se envergonhar.

Esse homem lê todos os meus pensamentos. Sua boca vai ao encontro da minha, seu beijo é calmo, delicado. Sua língua envolve a minha em um ritmo sincronizado. Nosso beijo é longo, romântico e sexy. Minha intimidade responde com a umidade que se forma nela, meus bicos dos seios se manifestam, ambos sabem que finalmente, depois de tanto imaginar com esse

momento, vai acontecer. Suas mãos suspendem meu vestido. Com delicadeza, ele o retira. Meus seios dão boas-vindas; ele os olha e diz:

— *Bello.*

Suas mãos traçam o contorno do meu rosto, pescoço, clavícula e seios. Ele não toca meus bicos eretos, apenas contorna meu seio com adoração. Suas mãos descem, contornando toda minha silhueta, até chegar ao cócs da minha calcinha. Ele a desliza nas minhas pernas; levanto meus pés para ele a descartar.

De joelhos, ele contorna minha silhueta da cintura até as pernas, aproxima seu nariz do meu sexo e o cheira; sua respiração é forte e seu ato me deixa mais úmida. Ele se põe de pé e, com tranquilidade, retira seu terno azul de duas peças. Sua camisa branca de botão é aberta bem devagar. Chego a salivar quando vejo seu tórax, seus gominhos que clamam por minhas mãos.

Em todo o processo, seus olhos sempre estão sobre mim. Não consigo disfarçar minhas reações, elas são espontâneas. A demora em ficar nu está me angustiando. Quero arrancar suas roupas, mas, mesmo sem dizer uma só palavra, é ele quem domina, e eu obedeço.

Seu sapato preto, meias, relógio, são todos descartados. Anseio ver sua glândula que está empurrando a calça. Já tive um rápido vislumbre dela dormindo, mas, agora, está em sua plenitude. O cinto é aberto. Não me contenho e passo minha língua em meus lábios. Suas calças caem em seus pés, e tudo que vejo é uma boxer da mesma cor do terno e um pau furioso, sentindo-se preso dentro dela.

Ele me pega em seu colo, ainda sem me exhibir sua potência. Frustrada e ansiosa, agarro-me em seu pescoço e dou tudo de mim no beijo que me é oferecido. Minhas costas encontram o lençol macio. Ainda com nossas bocas coladas, ele se deita sobre mim.

— Kiara — ele chama ao se desfazer do nosso beijo.

— Diga, moreno. — Minha voz sai fraca, mal consigo respirar. Ele consumiu meu fôlego.

— Tem certeza de que você quer isso? Depois que eu estiver dentro de você, será completamente minha, não terá mais volta. Não importa o que acontecer depois, você me pertencerá e não poderá viver sem mim.

Sua voz é calma, mas firme. Seus olhos estão sombrios, tenho certeza de que suas palavras não se referem apenas à nossa relação; há um peso em cima disso que terei que pagar se quiser ficar com ele.

Esperei muito por esse momento. Ele não disse que me ama, mas suas atitudes dizem que sim. Seu pau ereto entre minhas pernas confirma seu desejo por mim. Os sexos orais que recebi durante dez dias também confirmam isso. Seja o que for que vier no pacote para me entregar a Enzo Mancinni, aceito. Não tenho mais como voltar atrás, não desse ponto que estamos. Ele busca resposta em meu olhar.

— Quero você, Enzo. Eu o amo com todo meu coração, quero tudo que venha com você. Faz-me sua com nossos corpos, porque no coração e na alma te pertenço desde o dia que te conheci, só não sabia disso.

Sua boca saqueia a minha, agora nosso beijo é luxurioso. Seus lábios

percorrem meu pescoço até meus seios. Sua boca praticamente os engole; com destreza, sua língua envolve meus mamilos. Como isso é excitante, arrepia a pele, me leva a pensamentos pecaminosos, deliciosos. Ele mama gostoso, chupa, lambe. *Dio mio*, gemo.

Seus beijos e lambidas descem pelo meu corpo. Gemo de novo, meu corpo reage, excitado. Faz um pedido silencioso de mais. Ele quer mais, eu quero mais. Um sopro suave no meu sexo me tira de órbita. Abro-me sem que ele peça. Esse lugar tão íntimo é dele, pertence a ele. Sua invasão é imediata, o que sua língua faz na minha carne é de enlouquecer. Gemo uma, duas, várias vezes, cada vez mais alto, mais enlouquecida, até derramar minha essência em sua boca.

Enzo age com gula e sorve tudo. Meu corpo é uma bagunça gelatinosa, estou mole, gozada, feliz. Não satisfeito com seu feito prazeroso, ele introduz não só dois dedos, mais sim três, e é recebido com louvor por tamanha umidade. Seu entrar e sair são ligeiros, a palma da sua mão bate em meu clitóris duro e inchado. Com a voz rouca, grito seu nome. Ele usa a outra mão no meu clitóris. Penso por uma fração de segundos se os seguranças não estão a me ouvir; segundos depois, digo foda-se a mim mesma. Gemo alto e, pela primeira vez na minha vida sexual, ejaculo, molho a cama. Meu moreno sorri, feliz com seu feito.

Ele pula da cama, retira sua *boxer*. Meus olhos saltam junto com seu belo exemplar de pau. Engulo em seco e passo a língua nos lábios. Meus olhos passeiam por seu corpo. É quase imperceptível a marca de onde foi feita a cirurgia, alguns pelos escondem a cicatriz. Ouso ir até a beirada da cama. Sem dizer nada, ele entende o que quero e se aproxima.

Olho sua preciosidade. Seguro-a com reverência, ele grunhe. Minha língua explora, faz reconhecimento, logo depois minha boca o reivindica. É uma delícia ouvir seus gemidos a cada investida. Suas mãos nos meus cabelos apenas acompanham meu ritmo. Sinto-o inchar em minha boca, então o tiro e lambo suas bolas. Ele grunhe alto e me joga na cama. De pernas abertas, sinto a cabeça do seu pau na minha entrada.

— Entende que não terá mais volta?

— Sim, entendo.

Ele grunhe e escorrega para dentro de mim. Meu gemido é uma mistura de luxúria e redenção. Seus olhos, que estão escuros como o tardar da noite, me observam. Suas estocadas são lentas e profundas. Meus gemidos se misturam a palavras desconexas. Minhas pernas são suspensas e o ritmo aumenta.

— *Cazzo*. Finalmente. Essa. *Fica*. É. Minha — ele diz pausadamente. Sua respiração é pesada. Sinto sua falta quando ele sai de dentro de mim. Sou puxada para a beira da cama e ele fica de joelhos no tapete. Abre minhas pernas e sua língua volta a envolver minha boceta. Um novo orgasmo é derramado em sua boca. Meu moreno vira-me; fico de quatro e recebo com prazer tudo que tem a me oferecer.

Como um selvagem, ele me fode. Forte. Com tapas em minha bunda. Nossos gemidos se misturam, ele diz coisas em italiano e em inglês. Fico ainda mais excitada e encantada. Seus dedos começam a manipular meu clitóris, rebolo feito louca e gozo, mais uma vez. Meu moreno selvagem urra, retira seu pau de dentro de mim e goza nas minhas bochechas. Seu leite

quente me marca. Única e exclusiva de Enzo Mancinni.

Fica - Boceta

CAPÍTULO 27



ENZO

Observo minha pequena *uccello* dormindo e sorrio, feliz. Finalmente Kiara é minha, minha mulher. Ter unido nossos corpos foi a melhor experiência que tive em minha vida. Já fodi muitas mulheres, algumas vezes mais de uma ao mesmo tempo, mas nada se compara, nem sequer chega perto do que vivi nessa noite. A única vez que senti algo que chegasse próximo a isso foi com a vagabunda que me traiu.

Antes de irmos embora, vou colocar Kiara a par da nossa situação. Ela sabe que não tem mais volta, que a partir do momento que a tornei minha, não existe mais eu e ela, e sim nós dois. Vou contar que sou um mafioso, sem dar muitos detalhes das minhas atividades, mas ela precisa saber, por ser minha e principalmente por causa da sua segurança. Quando meus inimigos souberem que ela é especial para mim, vai viver em um constante perigo. Tenho feito sua segurança sem que ela saiba, agora vou intensificar, quer ela queira ou não.

Retiro com cuidado sua cabeça do meu braço. Minha pequena *uccello* está linda em seu sono. Levanto-me sem fazer barulho e caminho para o banheiro. Preciso de uma ducha. Ao terminar, retorno para o quarto e sou presenteado com suas pernas abertas e sua intimidade exposta para mim. Não resisto e me aproximo. Ponho-me entre suas pernas e me deleito. Todo seu corpo me pertence, única e exclusivamente a mim, para meu deleite, para

nosso prazer.

Ouçõ seus gemidos, que sãõ tímidos e manhosos, e sorrio com seu clitóris preso entre meus dentes. Seu quadril se movimenta e o prendo no lugar. Não será nada além da minha língua para que sua essência seja derramada. Conheço seus pontos de excitação, sei de como e do que ela gosta. Bastaram dois dias para que eu me tornasse *expert* na sua feminidade.

Como previsto, sua essência inunda minha boca. Saboreio seu orgasmo com gula, tudo por mim e para mim. Deslizo minha língua sobre seu corpo nu, mordo, lambo, chupo todo ele. Foram dias imaginando que gosto teria, qual seria a sensação de tomá-lo, e, não me decepcionei em nada. Foi e está sendo melhor que eu esperava.

— Deliciosa — digo antes de tomar seu mamilo rijo, desejoso por mim. Deleito-me em ambos, faço tudo que meu instinto selvagem anseia. Ao prender em meus dentes, ela grita, dor e prazer se misturam e isso me deixa ainda mais duro. Como um vampiro, mordo seu pescoço. Amo seus gritos, eles sãõ sexys, me excitam ainda mais.

Penso por um segundo que não deveria ter me entregue à luxúria, que esse era o momento em que a contaria sobre mim, sobre minha família, porém, o animal dentro de mim não se segurou ao ver sua fêmea aberta para o receber, e aqui estou, tomando sua boca. Revisto minha glânde, elevo suas mãos e uno nossos sexos, boca com boca. Sigo meu ritmo, lento e profundo. Engulo seus gemidos, enquanto movimento meu quadril. Fica quente e apertada, latejante em meu pau. Ponho-me sobre meus joelhos e a coloco encaixada sobre mim. Seus cabelos e seus seios se movimentam em um sobe e desce delicioso.

Com delicadeza, deito seu corpo até sua cabeça encostar na cama. A visão é perfeita. Seguro em sua cintura e invisto contra ela. Seus gemidos já não são mais tímidos, não depois de meus dedos fazerem movimentos em sua carne. Não preciso mais puxá-la contra mim, apenas apoio com uma mão, pois seu corpo está ensandecido, seus movimentos me deixam à beira.

— *Bella. Perfetto.*

Seu orgasmo umedece minha glândula, suas contrações tornam inevitável que minha liberação venha junto com um urro alucinado de prazer. Nossos corpos são um emaranhado de suor e tesão. O ambiente exala o odor da nossa excitação, nossos corpos se completam, feitos um para o outro.

— Mulher gostosa pra caralho — digo em tom de brincadeira, e ela ri.

— O que deu em você, hein, para me acordar desse jeito? — pergunta, tentando ficar séria.

— Vai dizer que não gostou?

Arqueio minha sobrancelha, aguardando sua resposta. Ela finge pensar por alguns segundos, depois se joga em cima de mim, sorrindo, e encosta sua boca na minha.

— Por mim, você pode me acordar assim todos os dias. — Rio alto.
— Fiquei mal-acostumada — ela completa.

Tomo sua boca, minha vontade é de tomá-la mais uma vez, mas precisamos conversar. Levanto-me, segurando-a.

Ela grita, vou para o banheiro. Entramos juntos debaixo do chuveiro. Entre uma brincadeira e outra, nos beijamos. Seguro-me para não ir além disso. Finalizamos e voltamos para o quarto. Peço nosso café da manhã e, enquanto ele não chega, nos vestimos.

— Kiara — digo após tomar um gole de café após nos sentarmos para comer quando o que pedi chega.

— Fala, amor. Hum, esse croissant está uma delícia.

Sorrio, tem horas que minha pequena *uccello* se comporta como criança. Amo isso nela.

— Você nunca se perguntou o que eu faço para viver, de onde vem toda minha fortuna?

Ela descansa o copo de suco sobre a mesa, observando-me por alguns segundos.

— Uma vez você me disse que tem algumas casas de evento, e sei que seus negócios são de família, porém confesso que no início achava estranho o fato de você ter seguranças armados sempre ao seu redor, mas depois que conheci sua família, vi a casa onde foi criado, compreendi. Sua família possui muito dinheiro, por isso a necessidade de proteção.

— É exatamente isso. Nosso negócio é de família, e não só a nossa, somos responsáveis por muitas famílias.

Ela me olha como não estivesse entendendo meu ponto.

— Família Mancinni. Nós somos da máfia.

Ela estaciona o garfo com um pedaço de mamão perto da boca, que está aberta. Seus olhos arregalam.

— Nós somos a própria máfia.

Seu garfo cai no prato, fazendo barulho. Kiara está inerte, seu rosto vermelho. Deixo-a assimilar bem o que acabou de ouvir. Gostando ou não, ela é minha, deixei bem claro que não tinha mais volta. Os minutos passam e ela me olha, me observa. Minha expressão é neutra.

— Isso é umas das suas brincadeiras? — Meneio minha cabeça em negação. Ela abaixa a cabeça e esconde seu rosto em suas mãos. Não consigo examiná-la, pois seus cabelos ajudam esconder qualquer traço. De repente, ela se levanta. — Você sabe o que eu penso sobre mafiosos, bandidos, ladrões, enfim, toda essa corja?

Ela anda de um lado para o outro. Não digo nada, deixo-a dizer tudo que ela queira, ao menos por hora.

— Por mim, todos deveriam no mínimo pegar prisão perpétua. Não pode ser, Enzo. Você, um mafioso? Sua família? Seu pai? Lorenzo? Os outros até que combinam, Pietro e Enrico têm todo o perfil, ao menos do que eu imagino. E as esposas, elas sabem? Sua irmã? Lógico que sim, mas Bianca e Perla... Meu Deus, Perla é mafiosa também, agora lembro das palavras dela — Kiara dispara, diz uma coisa atrás da outra. Apenas a observo. Sei que para ela vai ser difícil de assimilar, minha pequena sempre foi um pássaro assustado, que tinha medo da própria sombra.

— Sente-se, Kiara — digo firme. Ela para de falar e se senta sem dizer nada. — Minha família e eu somos como qualquer outra família. — E la sorri com deboche. — Você mesma disse que gostou de todos, o que fazemos não interfere em nada. Você é minha mulher e precisava saber o que faço, porque preciso aumentar sua segurança.

— Sua mulher? Você acha mesmo que vou continuar contigo depois disso?

Sorrio debochadamente, ela não sabe o que está dizendo.

— Deixei bem claro que depois que tomasse seu corpo, você se tornaria minha, não tem mais volta.

— Você armou isso tudo, me fodeu de tudo quanto é jeito pra depois vir com essa bomba como não fosse nada demais. Perfeito, Enzo, é tudo que uma mulher espera ouvir depois que faz amor com o homem que ela ama. Vou embora.

Ela se levanta, pega sua sandália e as calça. Depois, pega a bolsa. Eu a sigo em silêncio, pego minha carteira, chaves, relógio e o paletó.

— Vamos, em casa conversamos.

— Vou para minha casa, Enzo. Preciso ficar sozinha.

Estou relevando porque sei que para ela é um choque. Eu a deixarei só, apenas hoje. Fazemos todo caminho até seu prédio em silêncio. Meu soldado a acompanha até sua porta; quando ela abrir, ele vai entrar na frente e verificar que está tudo bem. Ela saiu do carro sem dizer nada, meu *uccello*

está em conflito, precisa desse tempo e eu a darei.

CAPÍTULO 28



KIARA

Entro em casa e vou direto para o banheiro. Desfaço-me das minhas roupas pelo caminho. Estou atordoada pelo tanto de informações que minha mente está processando. Enzo é um mafioso, estou apaixonada por um homem da máfia, um homem que é a própria máfia.

A água jorra sobre mim. Com os olhos fechados, tento assimilar tudo que está acontecendo. Por mais que eu tenha ouvido da sua própria boca, não consigo acreditar. Eu fazia uma ideia completamente diferente desse tipo de criminoso. Difícil aceitar e entender que famílias tão incríveis como os Mancinni e Ferri possam fazer parte do crime organizado, ou seja, possam ser a própria organização.

Esquecendo o armamento e deixando os seguranças de lado, eles são uma família como qualquer outra. O amor que eles têm um com para o outro é raro em muitos ambientes familiares. A preocupação e a dedicação que eles tiveram com o Enzo foi incrível, abandonaram seus afazeres para cuidar dele. Receberam-me como eu fosse da família. Os assuntos entre eles eram sobre o dia a dia, sobre seus filhos. E o Rico? Quem em sã consciência vai dizer que aquele menino é criado por um pai mafioso? Isso tudo é muito louco.

Máfia, família Mancinni é a máfia, repito diversas vezes isso como um mantra, até que minha mente possa assimilar essa triste realidade. Como uma louca, gargalho cada vez mais alto, chega a fazer eco no banheiro.

Minha barriga dói de tanto que eu rio. Rio de quê? Só pode ser da piada que sou.

Kiara Vitalle é uma piada.

Passei minha vida toda longe de encrenca, sempre fui considerada a nerd da turma. Eram poucas as vezes que me permitia me divertir como normalmente os jovens fazem. Nunca pulei uma cerca, nunca traí, nunca usei drogas. Sempre fui contra a toda espécie de bandidos. Sempre tive medo da minha própria sombra e sempre evitei os cafajestes. *Para que tudo isso, para que ser sempre certinha?* Pergunto-me, rindo do quanto sou patética.

A piada começou quando fui salva por um homem, que até então era um empresário bem-sucedido. O homem por quem me apaixonei. Tudo agora faz sentido. Homens armados, ferimento à bala. Como fui burra. Estava tudo ali na minha frente. Sou mesmo uma piada.

Saio do banheiro, visto um short e uma regata, vou para lavanderia pego umas roupas que estão há dias na corda e coloco sobre o armário. Preparo a tábua de passar roupa e o ferro. Preciso fazer alguma coisa, minha mente está trabalhando intensamente. Tenho que me manter ocupada, senão acabo fazendo besteira.

Meia hora depois, minha campainha toca. Assusto-me. O porteiro deixou alguém subir sem me avisar. Desligo o ferro e caminho para a sala. Meu coração acelera, só pode ser uma pessoa. Enzo Mancinni. Ninguém mais conseguiria subir sem que eu soubesse. Ele disse que me daria o dia de hoje, mas pelo visto desistiu. Respiro fundo antes de abrir a porta e, quando abro, para minha surpresa não é o Enzo, e sim o John, meu ex-namorado. Fico

parada, sem reação.

— Hei, sou tão feio assim? — Sua voz tão conhecida me traz de volta. Ainda surpresa, sorrio e o convido para entrar. — Pensei que depois de tanto tempo sem nos vermos, mereceria ao menos um abraço.

É tão inesperada sua visita que nem o recebi direito. Abraço-o e nos sentamos no sofá.

— Quanto tempo, John! O que te trouxe de volta à Itália?

— Trabalho. Fui contratado para cuidar de um paciente, vou ficar por volta de um mês.

— Estive em Nova Iorque a trabalho há quase um mês.

— Por que não me procurou?

— Realmente fui a trabalho, o paciente inspirava muitos cuidados, praticamente não saí do hospital.

Pulo a parte que o paciente era um cara que estou saindo, que foi baleado e que ele é um mafioso. Nem eu mesma consigo acreditar no que estou dizendo. Ouço batidas em minha porta, é a segunda vez que não sou avisada antecipadamente. Dessa vez, se for o Enzo, não será nada bom ele ver o John aqui. Agora que sei que ele é um mafioso, temo por sua vida e a vida de qualquer um que se aproximar de mim. Nesse pouco tempo que nos conhecemos, vi o quanto ele é possessivo.

— Senhorita Vitalle — diz um dos homens do Enzo assim que abro

a porta. Meneio minha cabeça e aguardo. — Está tudo bem? A senhorita precisa de alguma coisa? — pergunta com um olhar de intimidação para o John, que não se sente ameaçado.

— Está tudo bem sim, obrigada.

— Precisando, estou aqui fora.

Sorrio e fecho a porta. Se o segurança relatar ao Enzo sobre minha visita, em breve ele estará aqui. Tenho que dispensar o John o quanto antes, não quero que ele se machuque porque a idiota e burra da sua ex se envolveu com um mafioso.

— Hei, o que te fez contratar segurança? Você sempre foi um pouco paranoica — ele ri — , mas segurança?

— Fui atacada no parque.

— *Oh my God*, Kiara.

— Fiquei quatro dias internada, depois disso tenho medo da minha própria sombra.

Tenho que mentir, não posso dizer que namoro um mafioso e que esse homem aí fora trabalha para ele.

— Sinto muito, eu não sabia.

— *No problem*.

Ele ri porque disse “sem problema” em seu idioma.

— Temos muito que conversar.

— Sim, temos, mas em outra hora. Tenho que me arrumar, tenho um compromisso.

— Desculpa vir sem avisar, queria fazer uma surpresa.

Sorrio.

— Foi bom te ver, John Wolf.

Ele sorri. Terminamos, porém, continuamos amigos.

— Certo. Posso te ligar para marcarmos alguma coisa?

— Sim, quando quiser.

Acompanho-o até a porta. Detesto mentir, mas faço por sua própria segurança. Volto para a lavanderia, termino de passar as roupas e as levo para meu quarto. Tento me distrair, mas é inútil. Saber que o homem que amo pertence à máfia está sendo foda. Ainda não sei o que vou fazer, a única certeza que tenho é que não posso prosseguir com essa relação. Só não sei como, nem se quero fazer isso.

Guardo as roupas nas minhas gavetas e outras no meu guarda-roupas. Ajeito meu rabo de cavalo e volto para sala. Dou um grito e elevo minhas mãos para o peito. Enzo está sentado na poltrona. Sua expressão é séria, ele não diz nada.

— Que susto, porra. Você está querendo me matar? — p raticamente grito. Meu coração está acelerado. Sento-me no sofá e tento me refazer do

susto.

— Quem é que estava aqui com você, Kiara?

— Um amigo que veio me visitar — digo em um tom baixo, mas furioso. Quem ele pensa que é para escolher quem eu devo ou não devo receber? Bate-me um arrependimento. Tenho que ser cautelosa, ele pode querer ferir o John. — Você disse que me daria o dia de hoje, o que está fazendo aqui?

— Quem é esse amigo? Você que o convidou?

— Ele é de Nova Iorque e veio a trabalho. Amigos se visitam. Não sei como isso funciona para você, mas pessoas normais fazem isso. E não, eu não o convidei.

Ele se levanta e vem na minha direção. Levanto-me do sofá e me afasto, dou passos para trás até que a parede me impede de prosseguir. Ele pega meus pulsos e levanta meus braços. Estranhamente, não estou com medo.

— Quer dizer que não sou uma pessoa normal? — ele diz com o sorriso sarcástico que lhe é peculiar e beija meu pescoço. Minha mente diz não, mas meu corpo está querendo mais. — Uma pessoa que não é normal faz isso, Kiara?

Ele abocanha meu seio esquerdo por cima da blusa. Com uma mão, esfrega meu sexo por cima do short. Involuntariamente, um gemido escapa da minha garganta. Ouço-o sorrir e fico com raiva de mim, mas não consigo evitar. Seus olhos ficam presos nos meus, minha vontade é de beijar sua

boca. Ele sorri e enfia sua mão dentro do meu short. A essa altura, estou toda vermelha, sei disso porque sinto a quentura no meu rosto. Ele me penetra, seus dedos me invadem. Gemo e movimento meu quadril.

— Isso que estou fazendo, uma pessoa que não é normal faz, Kiara?
— Fecho meus olhos quando ele afunda ainda mais seus dedos. —
Responde, *cazzo*!

— Não, Enzo.

Ele sorri. Não sei nem mais o que estou dizendo, nem o que estou fazendo. Enzo Mancinni me tem em suas mãos. Nesse momento, não existe máfia, só eu e ele. Estou tão perto. Meu moreno retira sua mão; quase grito, imploro, faltava muito pouco para minha liberação. Ele chupa seus dedos, me olha com arrogância e me dá as costas. Caminha em direção a porta, antes de sair, se vira para mim.

— Seu prazo termina hoje à meia-noite.

Abre a porta e sai.

CAPÍTULO 29



ENZO

Será que vai ser sempre assim? Basta eu ter sentimentos por uma mulher para ela me trair?

Chuto o poste de lustre no meu quarto e a luminária se espatifa no chão. Meu soldado entra no quarto com a arma em punho; com um olhar, dispenso-o. Sento-me em minha cama e tento colocar minha cabeça em ordem. Lembro-me da primeira mulher que me despertou esse tipo de sentimento, essa obsessão, esse desejo de ficar o tempo todo ao seu lado, de tocar, beijar, ou apenas contemplar seu sorriso. Assim era com Antonella e assim é com Kiara.

— *Vem cá, gostosa. Estou muito puto que vou ter que passar o dia inteiro longe de você.*

— *Não se preocupe, amor, à noite a gente compensa.*

— *Cazzo, quando você me olha assim, fico duro. Pena que estou atrasado.*

Despeço-me da minha pérola negra com um longo beijo e ajeito meu pau antes de me encontrar com Dante e Assis na sala. Ambos são como irmãos para mim, porém sei que eles não gostam da mia moglie, por isso não deixei a segurança dela a cargo deles. Assim que chego na mansão

Mancinni, sou recebido por um caloroso abraço da mia madre.

— Figlio mio, que saudades.

— Estive aqui há dois dias, madre. — Sorrio. Ela bate em meu ombro e faz bico.

— Vejo seus irmãos todos os dias.

Mia madre não ficou nada satisfeita com a decisão de morarmos longe da mansão. Aqui no mesmo condomínio tinha uma casa à venda, mas mia moglie não quis. Ela me convenceu que precisávamos de privacidade. Como faço tudo que ela quer, concordei.

Mia madre, como sempre, diz que estou magro, que Antonella não tem me alimentado direito e me leva até a cozinha. Coloca um pedaço de bolo em um prato, me serve uma xícara de café e um copo com suco de laranja. Mio padre se junta a nós, depois de um abraço diz que está me esperando no escritório. Mia madre olha para meu bolo ainda intacto e para mio padre, que sai sem dizer nada. Esses dois se entendem apenas com um olhar. Rio alto, e ela aponta para o prato. Como antes de levar uns tapas.

Na sala de reunião, estão Enrico, zio Ferri, Pietro e mio padre. Pela descontração, vejo que o problema já foi resolvido.

— Bom, acho que posso voltar para casa e ficar com mia moglie, pelos risos não há mais problemas.

— Esse virou uma maricas mesmo, só quer ficar brincando de casinha.

— Não fode, Pietro.

— Pietro, deixa o bebezinho da mamãe em paz — diz Enrico.

— Dois fodidos do caralho — reclamo.

— Meninos, chega, vamos ao que interessa.

— Obrigado, padre.

— Antes, me diga uma coisa: comeu o bolo todo? Está bem alimentado?

— Cazzo. Até o senhor.

Mio zio Ferri diz que eles combinaram de pegar no meu pé. Depois de tirarem bastante sarro, mio padre comunica que Lorenzo está de volta do Brasil, logo chegando em casa, e que achou melhor ele ir à operação com Pietro e Enrico. Segundo mio padre, mio fratello não acha justo me tirar de casa, porque não tenho nem um mês de casado.

Ao término da reunião, dedico algumas horas a mia madre, que me intima a ficar até o almoço. Depois do almoço, converso um pouco com mia sorella Nina, me despeço de todos e retorno ansioso para casa. Ao passar pela porta da sala, imagino o quão surpresa e feliz Antonella vai ficar. Procuro-a no andar de baixo e na piscina, e ela não está. Subo as escadas, desfazendo-me do paletó e da gravata.

No corredor, ouço suas risadas. Sorrio junto, ela deve estar assistindo tv. Ao me aproximar, ouço não só suas risadas, mas de um homem,

e não me é estranha. O ciúme me deixa cego. Quem é esse homem que faz com que mia pérola sorrir desse jeito? A fúria me domina. Aumento meus passos e abro abruptamente a porta. Minhas pernas ficam paralisadas com a cena que vejo. Não consigo acreditar na imagem à minha frente. Minha mulher está nua, sentada no pau do soldado que faz sua segurança, na nossa cama.

— Sente prazer quando cavalgo em você na cama do corno do seu chefe?

Ouvi-la dizer isso é pior que um soco em minhas bolas. Não penso duas vezes, jogo-a no chão, retirando-a de cima do bastardo. Ela grita. Pego a arma que está em minha cintura e mando Costas se levantar. Meu medo é tão grande que seu pau murcha no instante que me vê. Dante e Assis entram em meu quarto. Os gritos da vagabunda devem ter os alertados. Eles suspendem o maledetto.

Olho para a vagabunda no chão e não sei o que pensar, o que fazer. Ela me chamou de corno com prazer, debochando de mim. Ando de um lado para o outro batendo minha arma em minha cabeça. Será que ela me traiu outras vezes ou essa é a primeira vez? Será que fui tão cego, tão burro, ao ponto de não enxergar que essa mulher não presta?

— Amor, ele me obrigou, ele estava abusando de mim.

— Na cama do corno do seu marido, era assim que ele estava te obrigando? — Desfiro um tapa em seu rosto.

— Sempre ouvi que os Mancinni não batem em mulheres — ela diz debochadamente.

— Para tudo tem exceção, e vagabundas é uma delas. — Dou-lhe outro tapa.

— Chefe, o que quer que a gente faça? — Dante pergunta.

Meu corpo todo treme, flashes passam por minha cabeça, como no dia em que fui até sua casa e seu segurança pessoal estava em seu quarto. Na ocasião, ela me disse que ele tinha ido pegar para ela uma caixa que estava em um lugar que ela não alcançava. Usava apenas um roupão e o idiota aqui acreditou. Foram várias situações, como no dia do nosso casamento. Nosso casamento, cazzo. A bastarda ficou muito tempo no banheiro e esse maledetto já fazia sua segurança; ele não estava do lado de fora-a aguardando, sendo esse o procedimento. Lembro-me que ela saiu ajeitando o cabelo, me disse que havia se sentido mal. O pior é que todas as vezes eu sabia que tinha algo que não batia, meu instinto me alertava disso, mas eu, enfeitiçado, um tolo apaixonado, não via nada na minha frente, acreditava em tudo o que a hooker dizia.

— Chefe? — Assis me tira das recordações que me fizeram ver o quanto fui tolo. Um Mancinni que foi enganado por uma mulher, por uma piranha. Agora entendo por que os gêmeos nunca gostaram dela. Eles são como meus irmãos e nunca apoiaram nossa relação.

— Vocês sempre souberam? — pergunto, apontando a arma para eles.

— Nunca presenciamos nada, mas sempre ouvimos alguns soldados falarem a respeito dela — Dante diz e Assis concorda.

— Soldados? Com quantos você dormiu, sua vagabunda?

Chuto suas pernas, ela grita de dor e se encolhe. Vou até o maledetto do Costa.

— Você não traiu só a mim, você traiu a famiglia. Sabe que não tem perdão.

Costas não clama por sua vida, mantém sua cabeça baixa depois que termino de falar. Dante solta seu rosto.

— Tenho uma última missão para você antes de tirar sua vida.

— Faço o que o senhor quiser, sei que não será nada diante do que fiz.

— Já que você gostava tanto de foder minha mulher, e pela cena que presenciei ela gostava de ser fodida por você, vou conceder um final não tão feliz para vocês, mas será tipo Romeu e Julieta, ou próximo disso. Porém, não aqui. Leve-os para o porão.

Enquanto Dante e Assis fazem o que pedi, ligo para mio padre, que atende no segundo toque.

— Padre, vou matar Antonella.

— Enzo, isso não é tipo de brincadeira que se faça.

Fico mudo. Ele percebe a seriedade do assunto e diz para eu não fazer nada antes que ele chegue. Sento-me na beirada da minha cama. Ao me lembrar que ela estava fodendo nela com outro, levanto-me e jogo tudo no chão. Meu sentimento é de fúria, decepção, raiva e um ódio mortal.

Em menos de meia hora, a cavalaria chega. Mio padre e meus fratelli, incluindo Enrico e o zio Ferri. Eles me encontram com um copo de uísque, sentado em minha poltrona.

— O que aconteceu aqui? Cadê Antonella?

Gargalho.

— Vocês querem mesmo saber o que aconteceu?

Lorenzo retira o copo da minha mão, depois de olhar a garrafa e ver que bebi quase todo seu conteúdo.

— Ela estava bem ali, sabe ali, onde era minha cama — a ponto para o amontoado de lençóis, edredom, travesseiro e colchão — sentada em cima do pau do Costas.

Todos me olham, uma mistura de surpresa, raiva e preocupação. Enrico e Pietro grunhem praticamente juntos.

— Não fiquem preocupados, ela ainda está viva, os gêmeos a levaram para o porão, e o bastardo também. Já sei o que vou fazer, só estava esperando vocês para assistirem ao show.

— Vou ter que ligar para o Deputado e contar o que aconteceu. Sei que virão algumas retaliações.

— Diga àquele figlio di una cagna o quão pura sua figlia é...

Levanto-me e caminho para o porão. Todos me seguem em um silêncio que só é quebrado pelos rosnados do Pietro e do Enrico. Conheço-os

bem. Pelo Pietro, Antonella já estaria com uma bala na cabeça. Pelo Enrico, ela seria torturada até a morte, mas tenho outros planos. Como ela vai morrer, não vai depender de mim. No porão, encontro os dois sentados, ambos nus, do jeito que os encontramos.

— Prometi um final romântico para vocês, então vamos lá.

— Você é louco, Enzo. Meu pai é um deputado, você não pode me matar, senão ele vai acabar com sua família.

Rio da piada que ela acabou de contar. Lorenzo inesperadamente esbofeteia seu rosto.

— Lava essa sua boca imunda para falar da minha família — ele grita.

— Vamos dar início à última cena do filme. Só que nesse filme o Romeu, representado por Costa, vai matar a Julieta. Depois veremos o que fazer com ele, não falta gente aqui para fazer o serviço. E aí, acham romântico?

Antonella grita, pede por sua vida, tudo em vão. Pego uma pistola e entrego ao Costa. Lorenzo o alerta para não fazer besteira.

— Agora é sua cena, Romeu.

Ele olha com pesar para Antonella, que o implora para não a matar. Sem hesitar, ele dispara duas vezes. Antes que façamos alguma coisa, põe a arma na boca e dispara, tirando a própria vida.

— Não é que no final Romeu se matou por causa da Julieta? —
digo ironicamente.

CAPÍTULO 30



ENZO

Estranhamente, não sinto nada ao lembrar-me daquele maldito dia. Durante todos esses anos, os flashes daquele dia me trouxeram dor, uma mistura de ódio, tristeza e, por incrível que pareça, amor. Apesar de tudo que aquela vagabunda me fez, eu ainda a amava. Lembrar-me que seu corpo pertencia a outros me causava dor. Muita dor.

Essa é a primeira vez que essas lembranças não bagunçam meus sentimentos. A única coisa que esse fatídico dia me traz nesse momento é experiência de saber que amor não é para todos, que não posso confiar, me entregar cem por cento; que, por mais que Kiara seja a única mulher que despertou em mim os sentimentos ainda mais intensos do que sentia pela Antonella, não devo baixar a guarda. Vou viver o que tiver que viver, mas sem uma entrega total, ainda mais agora.

Depois de a fazer minha e a contar sobre minhas atividades, dei um tempo para que ela digerisse todas as informações. Entendo que para ela vai ser difícil aceitar que está apaixonada por um mafioso, porém, mal a deixo sozinha e ela se encontra em seu apartamento com esse tal de John? Desde que a conheci, as únicas pessoas que estiveram em sua casa foram seus pais. Minha dúvida é: será que ela que o convidou? O que esse John significa para ela?

Estou aguardando um relatório mais profundo sobre esse cara. Meu

detetive ficou de me entregar ainda hoje, quero saber quem é esse bastardo e qual sua relação com a minha pequena *uccello*.

— Senhor, desculpe incomodá-lo, mas o detetive Amauri o aguarda no seu escritório — minha funcionária Marieta diz, um pouco receosa por causa do estado do meu quarto. Agradeço-a e peço que mande alguém dar um jeito na bagunça. Marieta trabalha comigo desde que me casei; quando me mudei para Florença, ela veio comigo. Faz parte da *famiglia*, gosto dela como se fosse minha mãe.

— Então, o que tem para mim?

Amauri me entrega um envelope. Puxo minha cadeira atrás da minha mesa de madeira e sento-me. Leio as informações descritas em cada folha e descubro por que esse nome me era familiar.

— *Cazzo!* Ele é o neurologista que a Kiara namorou. Ela tinha me dito que ele estava morando em Nova Iorque. Porque esse *maledetto* está de volta?

— No seu registro vem dizendo que ele veio a trabalho, mas não consegui encontrar nada que confirmasse isso. Provavelmente ele está mentindo, agora nos resta saber por quê.

Dispenso o detetive Amauri depois de conversamos durante meia hora. Tenho que descobrir se Kiara tem a ver com a vinda desse bastardo para Florença. Se não tem, qual é o intuito dele, já que a primeira coisa que fez assim que colocou os pés na minha cidade foi procurá-la.

No clube, organizo alguns documentos que preciso enviar para o Don Lorenzo. Ainda bem que já havia o lido antes, porque não consigo prestar atenção em uma só linha escrita nessas folhas; todos os meus pensamentos estão na Kiara. O prazo dela está terminando, já passam das dez da noite. Eu poderia esperar até amanhã, mas depois dessa visita inesperada, vou me acertar com ela ainda hoje. Meia-noite em ponto estarei em sua casa.

Depois de separar todos os documentos necessários, entrego-os ao Assis para que ele providencie o envio. Eles são sigilosos e devem ser entregues em mãos.

Trabalho finalizado, caminho para minha suíte. Faço minha higiene pessoal e, em vez de vestir um terno, coloco uma calça de tecido preta, uma camisa de algodão preta e por cima uma blusa de botão e um casaco de flanela. Nós pés, um par de sapatos pretos. Complemento o *look* com meu cordão e meu relógio igualmente de ouro. Dou uma última olhada no espelho e converso com minha imagem.

— Kiara não tem uma alternativa. Foda-se que sou mafioso. Ela é minha.

Quando chego ao seu apartamento, abro a porta e apenas a luz da cozinha está acesa, o silêncio reina nesse lugar. Sabia que encontraria esse cenário. Kiara tem por hábito dormir cedo, pois acorda um pouco depois das cinco para ir trabalhar.

Entro em seu quarto e a visão dela dormindo com uma camisola rosa-claro transparente, que está com a alça caída do seu lado direito, dando-me um lindo e delicioso vislumbre do seu seio, faz com que o júnior acorde.

Desfaço-me do sapato, da meia e dos meus acessórios, sentando-me na beirada da cama. Não a toco, apenas a observo. Minha pequena *uccello* é ainda mais deslumbrante enquanto dorme. Kiara se mexe algumas vezes. Como sentisse minha presença, abre seus olhos.

— *Cazzo*, Enzo! — Ela leva as mãos ao peito, sua respiração está rápida. Minha pequena *uccello* sempre está com medo. Ela ainda não percebeu que nunca vou deixar nenhum *figlio di una cagna* tocá-la. Não digo nada até que ela se acalme. — O que faz aqui, Enzo? Essa é a segunda vez que entra na minha casa, desde quando você tem as chaves?

— Bom, as chaves fiz desde o dia que comecei a cuidar de você, e isso aconteceu logo após ao seu ataque. Antes que me pergunte como consegui, foi fácil. Consegui com a pessoa que instalou suas trancas. Respondendo à sua primeira pergunta, estou aqui porque te dei o prazo até meia-noite.

— Você é maluco — ela diz e se levanta, ajeitando a camisola. Entra no banheiro e retorna cinco minutos depois. Em vez de voltar para cama, ela se senta em uma cadeira que tem em frente à sua penteadeira. — Poderia ter vindo pela manhã, não havia necessidade nenhuma de me assustar. Ainda não sei o que vou fazer.

Levanto-me e me aproximo dela. Faço-a se levantar e ela não protesta, segue meus comandos sem hesitar. Sento-me novamente na cama e a coloco em meu colo.

— Te dei esse prazo apenas para assimilar tudo o que te contei. Não tem o que decidir, você é minha mulher e não tem como fugir disso.

Antes que ela diga algo, coloco minha mão em seu sexo. Ela se movimenta em meu colo.

— O que seu ex veio fazer aqui? Você que o convidou? Você sabia que ele viria para Florença?

Enfio um dedo dentro dela. Minha *uccello* aperta com força meu braço; em seu rosto, há uma mistura de surpresa, medo e tesão.

— Foi uma surpresa para mim quando a campainha tocou. Na hora, pensei que era você.

— O bastardo subiu sem ser anunciado? — Ela confirma ao balançar a cabeça. Vou ter que ter uma conversa séria com o porteiro desse prédio e com os homens que estavam de plantão.

— Você ainda não disse o que ele queria.

Afundo meu dedo e ela mia, seu quadril mexe e meu pau só falta explodir. Com os olhos fechados, ela me responde com pequenas pausas.

— Ele me disse. Que. Veio. Fazer. Um trabalho. Particular. Aproveitou a visita à cidade. Para. Me visitar.

Esqueço o assunto referente ao bastardo, isso resolverei depois. Penetro outro dedo nela, Kiara tem que entender que me pertence.

— Você me pertence, Kiara. Seu corpo é meu, precisa entender isso. Vou cuidar de você, não precisa ter mais medo de nada, nunca mais ninguém vai tocar um dedo em você, e se isso acontecer, o *maledetto* irá para o inferno

da mesma forma que aquele outro que ousou te tocar quando ainda não era minha.

Seus olhos se abrem e ela me olha com um pedido silencioso para que eu confirme se é do homem que a atacou que estou falando. Dou um leve meneio com a cabeça e em seguida tomo sua boca, fodendo-a com meus dedos para que ela não volte àquele lugar, àquele *maledetto* dia.

Abro mais suas pernas, colocando-as por cima da minha. Beijo seu pescoço. Enquanto uma mão aperta seu seio, a outra a masturba. Ela encosta a cabeça em meu ombro e esfrega sua bunda em meu pau. Coloco seu seio esquerdo em minha boca enquanto a fodo mais rápido. Seus gemidos são uma delícia, são como um canto para mim, o canto da minha pequena *uccello*.

— A quem essa *fica* pertence?

— A você, Enzo — ela diz praticamente sussurrando.

— Vai gozar pra mim, Kiara? — Ela geme. — Responde. — Enfio o terceiro dedo.

— Vou, Enzo. Meu gozo é seu.

Grunho com sua resposta e a fodo ainda mais rápido. Ela grita e derrama sua essência em minha mão. Ofegante, coloco-a deitada sobre a cama e me perco entre suas pernas. Amo seu cheiro, seu gozo. Chupo o que ficou, lambo sua *fica* lisa e deliciosa. Deito-me ao seu lado, levanto sua perna e a reivindico. Tomo-a para mim.

— Isso. Nós dois. É loucura, mas não tenho como fugir disso. Amo

você, Enzo. Eu te amo.

Meu coração acelera, sei dos seus sentimentos por mim. Sou louco por essa mulher, não me vejo sem ela em minha vida, mas não posso dizer que a amo, nunca mais amarei ninguém.

Seguro-a ao máximo antes de me liberar. Nós nos entregamos mais uma vez depois de um banho e namoramos muito. Kiara diz-me que estará de plantão às sete da noite, então aproveitamos nossa madrugada nos dando prazer.

CAPÍTULO 31



ENZO

Kiara e eu adormecemos quando o sol dava seus primeiros sinais. Cochilei por volta de duas horas e me levantei. Depois de um banho e um gole de café, fui direto para o clube, não antes de deixar ordem para que ninguém a incomodasse. *Mia uccello* terá um plantão duro pela frente e eu a cansei o suficiente para que precise descansar. Sorrio ao lembrar-me dos seus gemidos toda vez que empurrava dentro dela, a simples lembrança me deixa duro.

No clube, sou obrigado a me livrar de um pé no saco; depois, faço visitas a alguns líderes da *famiglia* para ter certeza de que tudo está perfeitamente bem. Olho o relógio em meu pulso e vejo que passam das duas horas. Meu estômago reclama, estou apenas com o gole café que tomei pela manhã na casa da Kiara. Pego meu celular e ligo para o soldado que está protegendo *mia uccello*. Assim que ele atende, pergunto se ele ouviu algum movimento. Ao dizer que não, sorrio, minha pequena ainda deve estar dormindo.

Despeço-me dos gêmeos. Ao invés de voltar para o clube, vou ao encontro da minha pequena. Ligo para Marieta e peço que ela prepare uma refeição para dois e mande entregar no apartamento da Kiara. Abro a porta. A casa permanece silenciosa. Retiro meu paletó, carteira e chave, coloco sobre a mesinha que ela tem ao lado da porta. Retiro meu coldre com minhas armas e

guardo na gaveta para evitar que ela fique vendo.

Desfaço o nó da minha gravata, retiro-a e vou em direção ao seu quarto. Aproximo-me da cama, retiro meu sapato, coloco meu celular em cima do criado-mudo e deito-me ao seu lado. Sentindo minha presença, ela se move e se aninha junto a mim, ficando de conchinha, o que não é uma boa ideia. Levo meus pensamentos para outros lugares para não me perder entre suas pernas, minha pequena tem que descansar.

KIARA

Depois que Enzo me deixou a ponto de um orgasmo e foi embora, pensei que só o veria no dia seguinte, mas para minha surpresa ele cumpriu o prazo que tinha me dado e na primeira hora da madrugada estava em meu quarto. Para mim, tudo ainda é muito confuso. A meu ver, Enzo não agiu corretamente comigo. Ele tomou meu corpo, me fez completamente dele, para depois me dizer que é um mafioso.

Não sei se mudaria o que sinto por ele se me dissesse antes, mas seria o justo. Sei que tanto eu, quanto ele, não via a hora desse dia chegar. Foram muitos dias dormindo juntos sem podermos ir mais longe. Depois de retirar seus pontos, ele me levou todos os dias pela manhã, meu corpo sentia a necessidade de tê-lo dentro de mim.

Apesar de termos passado quase um mês sob o mesmo teto, nunca conversamos sobre métodos de prevenção contra a gravidez. Ele nunca me perguntou se eu tomava pílula, e eu nunca entrei no assunto preservativo. Quando comecei a namorar o John, esse foi uns dos nossos primeiros assuntos após o primeiro beijo. John deixou bem claro que não gostava de

usar preservativo, e eu disse que tomava anticoncepcional desde os meus quinze anos, para manter regular minha menstruação. Em comum acordo, nós dois fizemos exames para comprovar que não tínhamos nenhuma doença sexualmente transmissível para podermos ter uma vida sexual saudável.

Na nossa primeira noite, eu estava tão entregue ao momento que não o vi pegar o preservativo, só percebi que usava quando me penetrou, e para falar a verdade, naquele momento estava pouco me importando, meu corpo só queria ser dele. Nessa madrugada não foi diferente nas três vezes que ele me tomou.

Estou prestes a me levantar quando sinto seu cheiro que me é tão conhecido. Seu corpo quente se junta ao meu. Aninho-me junto a ele, encosto minha bunda em seu pau, que instantaneamente cresce. Ele se afasta e minha vontade é de rir. Permaneço quieta, pois estou um pouco dolorida, resultado da nossa sessão de sexo durante a madrugada.

No fundo, sei que Enzo me ama, apesar de não dizer. Tem algo que o prende, que o impede de se entregar totalmente. Percebo que todo esse excesso de segurança não é só para minha proteção. Sinto-me vigiada, como se ele não confiasse em mim. O celular dele toca e ele se mexe com cuidado para pegar. Atende e diz que está indo. Levanta-se com cuidado e sai. Sinto um vazio, a falta do seu corpo quente. Alguns minutos depois, ele volta.

— Pequena. — Passa as mãos em meus cabelos, abro os olhos. A visão do meu belo moreno em sua camisa branca de botão com as mangas dobradas no antebraço, três botões abertos dando um vislumbre do seu peito musculoso sem exagero, e seus olhos sobre os meus, faz meu sexo se manifestar. Sorrio e recebo seus lábios encostados nos meus para um breve

beijo. — Levanta, dorminhoca, vamos almoçar. Você tem dez minutos para um banho, é o tempo que levarei para esquentar nossa comida no micro-ondas.

— Mandão — digo e pulo da cama. Ele dá um tapa em minha bunda. Saio correndo para o banheiro, ouço sua risada. Amo demais sua risada. Difícil de acreditar que esse homem pertence à máfia. Enquanto a água cai sobre minha cabeça, penso em como dar início a uma conversa séria.

KIARA

— Hum, estava delicioso, obrigada.

— Quando for em casa, agradeça a Marieta.

— Sabia que conhecia esse tempero. — Sorrio.

Pego os pratos, os talheres e os copos da mesa. Na bancada, recolho as embalagens e coloco junto com o restante na lava-louça. Nesse pouco tempo juntos, aprendi algumas coisas sobre meu moreno; uma delas é que ele é um homem acostumado a ter pessoas fazendo tudo para ele, nunca vi Enzo lavar um copo.

Pego um pano úmido e dou em sua mão. Ele olha para o pano e para mim. Aponto para a mesa, ele resmunga algo baixo e desliza o pano sobre o tampo. Quando termina, olha para mim com a sobrancelha erguida. Verifico o quão limpo ficou e agradeço.

— Amanhã vou contratar uma empregada para sua casa — ele resmunga.

— Não, obrigada. Fico muitas horas fora, não há necessidade.

Encho dois copos com água, entrego-o um, sento-me no sofá e bato no assento ao meu lado para ele sentar-se. Viro-me em sua direção com uma perna dobrada. Fico em silêncio por algum tempo, tentando achar palavras para dar início à conversa. Diante do meu silêncio, Enzo solta o ar e começa a falar.

— Tenho consciência que meu comportamento nas últimas vinte e quatro horas não foi legal. Tenho agido como um Neandertal com você. Por mais que eu diga que é minha e que não tem escolha, não sou tolo de não saber que no final a escolha é sua. Por mais que seu corpo reaja ao meu toque, que você diga que me ama e eu não queira outra mulher que não seja você. A escolha vai ser sempre sua.

Fico surpresa com suas palavras, esperava que ele dissesse o oposto disso.

— Apesar de ser nascido e criado na máfia, minha família sempre teve princípios, nunca ninguém foi obrigado por nós a fazer nada que não queira. Digo isso a pessoas de bem. Aqueles que fazem parte da *famiglia* têm nossa proteção e sustento, por isso nos devem fidelidade. — Ele para por um instante e continua. — Tenho um clube onde trabalham muitas mulheres.

Fico de boca aberta com a informação. Enzo é dono de um prostíbulo. Fico sem saber o que dizer. Será que ele dorme com essas mulheres?

— Vejo um monte de ponto de interrogação em sua testa. — Ele ri. — Não durmo com nenhuma das mulheres do clube, antes que você pense errado sobre isso. O clube é um lugar onde homens da *famiglia* se reúnem, a

maioria solteiro, já que não permitimos traição por nenhuma das duas partes.

Ao falar sobre traição, seu tom é mais rude. Acho que isso foi um recado para mim.

— Todas as mulheres que trabalham no clube, assim o fazem por livre e espontânea vontade. Sei que há muitas meninas trabalhando sob escravidão, mas os Mancinni não escravizam nenhuma mulher, elas são livres para ir e vir.

Não sei nem o que pensar diante de tanta informação. Não imagino meu moreno, lindo, bem-humorado, educado, comandando um lugar como esse.

— Passo a maior parte do dia no clube, tenho um escritório, sala de reunião, que são independentes do salão. Ficam embaixo do clube. Todos os nossos clubes têm essa mesma estrutura. — Ele para por um instante, vejo que há uma luta interna, como se ele tivesse algo a me dizer e estivesse decidindo se diz ou não. Vasculho seu rosto em busca de sinais, mas sua feição é imparcial. — Desde que fiquei viúvo, nunca senti nada parecido do que sinto por você, por nenhuma outra mulher. Fui um louco, obcecado e apaixonado por...

Ele para de falar, como se fosse difícil para ele dizer a palavra esposa. O pior é que compreendo, tão jovem e viúvo. Ele dizer que só gostou dela, para mim tem muita importância.

— Compreendo, continua.

— Posso te dizer que o que sinto por você ainda é mais intenso. Não

sou bom com sentimentos, não espere um homem romântico como *mio padre* e *mio fratello* Lorenzo, porque não sou. Não espere palavras bonitas. A única coisa que posso te oferecer é minha total dedicação. Já sabe a vida que tenho, e com certeza é muito diferente daquilo que você esperava de um homem a quem fosse entregar seu coração, mas esse sou eu.

Uma lágrima escorre pelo meu rosto, ele a retira com seu polegar. Se fosse por escolha, jamais teria entregado meu coração a esse homem, mas essas coisas não escolhemos. Ele disse que a escolha é minha, conhecendo-o bem sei que para ele o que eu disser agora vai ser definitivo.

Minha mente me leva aos dias em que estive com sua família. Eles pareciam pessoas normais, uma família feliz. Todos tão educados e amorosos uns com os outros. As mulheres felizes e apaixonadas por seus esposos, por que comigo vai ser diferente?

CAPÍTULO 32



KIARA

— O que você decidir, está decidido. Um Mancinni não é de voltar atrás com suas palavras. Quando disse que quando você fosse minha não teria volta, fui sincero, porém não quero só seu corpo e seu coração, esses já me pertencem. Quero seu intelecto, sua decisão consciente. Se sua resposta for sim, você não dará um passo sem proteção. Não existirá mais meu e seu, e sim nosso. Portanto, você irá morar comigo, não a quero longe.

Ele faz uma pausa, mas em nenhum momento desvia seus olhos de mim.

— Tenho que saber quem são seus amigos, as pessoas em quem você confia, seus horários de trabalho, todas as suas atividades. Preciso saber de todos os seus passos. Tenho muitos inimigos e todo cuidado é pouco. Sempre serei sincero com você e, seja o que for, peço que sempre seja sincera comigo.

Ouçó atentamente cada palavra e o peso que elas têm. Sempre fui uma mulher que soube o que queria. Desde meus doze anos decidi que seria médica, para isso foram muitos anos de dedicação. Enquanto meus amigos viajavam ou aproveitavam a vida noturna, eu estudava. Por sorte, eu tinha o Matteo; de vez enquanto a gente fazia uma pausa para namorar um pouco. Por ele, os estudos ficariam em segundo plano, mas para mim sempre foram minha prioridade.

Sempre tive muito medo da violência, principalmente a sexual. Quando eu tinha quatorze anos, uma menina de nome Rita que estudava na minha escola e morava no meu bairro foi abusada sexualmente e teve sua vida interrompida com a mesma idade que a minha. Lembro-me como se fosse hoje a comoção que isso causou no bairro e principalmente na escola. Apesar de não sermos amigas íntimas, nos conhecíamos desde os primeiros anos escolares. Durante muitos anos, a imagem do seu corpo nu, com muitos ferimentos, permaneceu em minha mente. Desde que esse fato aconteceu, o medo se tornou meu fiel companheiro.

A partir do dia que Enzo entrou na minha vida, tenho me sentido protegida. Sua presença me dá segurança, me sinto confiante, como se nada de ruim pudesse me acontecer. Pode parecer estranho, mas mesmo depois de saber que ele pertence à máfia, me sinto assim.

Enzo aguarda minha resposta. Seus olhos estudam meu rosto enquanto minhas engrenagens movem veementes.

Por um breve momento, imagino minha vida sem ele. Sem seu sorriso, seu cheiro, seu sarcasmo, seu humor, sua proteção, seu carinho, suas exigências, seus toques. Não preciso prosseguir, porque só de pensar nisso fica bem claro que não consigo me ver sem meu mafioso, sem meu moreno, sem suas qualidades e defeitos. Enzo Mancinni me tem, não posso negar que fui envolvida em sua armadilha. Não tenho como e nem quero mais sair.

Levanto-me do sofá e me sento com as pernas abertas sobre ele, que apoia suas mãos nas minhas costas, sem perder meu olhar. Sorri de canto de boca.

— Sou uma mulher que, por questão de minuto, ou em muitas vezes segundos, precisa tomar decisões que definem se a pessoa vai viver ou não.

— Eu também — ele diz, e dou um tapa em seu braço, o que arranca um sorriso lindo dos seus lábios, fazendo seu corpo relaxar.

— No que se refere a você, as coisas sempre ficavam confusas para mim. Eu queria você perto, e ao mesmo tempo me afastar. Com o tempo, mais perto do que longe.

— E hoje, agora, nesse exato momento, o que você quer Kiara? — pergunta com seriedade. Desfiro beijos em seu rosto junto com minha resposta.

— Quero você, Enzo. Amo você.

Com uma mão, me segura pela cintura. A outra segura meu rosto, impedindo meus beijos.

— Você sabe no que isso implica. Não volto atrás em nada do que eu disse. Sua proteção para mim vem em primeiro lugar, se for necessário colocar um soldado dentro do hospital, colocarei. Quero sua dedicação total à nossa relação, do mesmo jeito que me dedicarei a você. Se tiver alguma dúvida sobre minhas atividades, é só perguntar. Também se quiser saber meus passos, te direi. Omitirei certos detalhes porque não há necessidade de você saber.

Ele fecha os olhos, fica em silêncio por alguns segundos.

— Vou te perguntar só mais uma vez, Kiara. Tem certeza de que

você quer isso, quer ser a mulher de um mafioso?

— Eu já sou sua, Enzo Mancinni.

— Foda-se — ele diz e se levanta do sofá comigo em seu colo. Coloca-me em seu ombro e me leva para o quarto, jogando-me sobre a cama.

Ele se despe.

Ele me despe.

Ele me reivindica.

É muito difícil sair de casa, particularmente da minha cama. Se não tivesse que ir trabalhar, ainda estaria nos braços do meu mafioso.

— Kiara, você me parece muito feliz — diz a doutora Yumi assim que coloca seus olhos sobre mim na enfermaria. Yumi é ortopedista, nasceu no Japão, mas se formou em medicina nos Estados Unidos e há a um ano decidiu morar e trabalhar na Itália. Sei pouco sobre sua vida e sua família, pois ela é uma mulher muito reservada.

— Até eu ficaria sorrindo à toa, com um moreno daquele para chamar de meu — a assanhada da enfermeira Andreia se pronuncia. Ela ficou se abanando quando esbarrou comigo e Enzo no corredor. Meu moreno se acabou de rir quando ela disse “Oh, lá em casa”. Andreia é a enfermeira mais antiga nesse hospital, tanto de anos de casa como de idade. Ela já é aposentada, mas continua trabalhando.

Yumi está com suas bochechas coradas. Sandra sabe o quanto ela é tímida e está relatando sua teoria do motivo da minha felicidade. Apenas sorrio, porque nada do que ela diz é mentira. Como ela mesmo supôs, meu moreno trabalha direitinho no quesito sexo.

Termino meu plantão às sete e dez da manhã. Ontem, Enzo me disse que achava perigoso eu ir dirigindo para casa depois de passar tantas horas acordada trabalhando. Ficou de mandar um dos gêmeos me pegar pela manhã, para me levar em casa para que eu pegue algumas coisas e vá para sua casa, que a partir de hoje será meu novo lar.

Na porta do hospital, avisto Dante. Recebo-o com um sorriso, que ele retribui, abrindo a porta do carro para mim. No caminho, digo o quanto estou cansada, que atendi muitos pacientes. Meu celular toca e atendo sem ver quem é por imaginar ser o Enzo.

— Bom dia — digo animadamente. Quando ouço a voz do John, meu sorriso esmorece. Gosto dele, mas não era quem eu esperava.

— *Bom dia, Kiara. Desculpe ligar a essa hora, mas como médico sei que ou estamos iniciando, ou terminando um plantão.*

— Você está certo. Me diz o que o doutor deseja.

— *Saber se você ainda quer almoçar comigo.*

— Claro que sim.

— *Pode ser hoje?*

Sim John, mas primeiro tenho que avisar meu namorado, ele é possessivo, mandão e da máfia, apenas isso. Então, para seu bem, vou comunicá-lo que vou almoçar com um amigo, o mesmo que fez com que ele me negasse um orgasmo.

— Tudo bem, está combinado.

— *Irei te esperar uma hora na porta do seu prédio.*

— Não estarei lá, me envia o endereço que te encontro no restaurante.

— *Se quiser te busco, para mim não tem problema.*

Mas para mim, tem querido. Meu mafioso não vai gostar de você indo me buscar na casa dele.

— Te vejo uma hora no restaurante.

Encerro a ligação e penso: será que vou ficar sem gozar de novo?

CAPÍTULO 33



KIARA

— Dante, se prepare que hoje seu chefe vai ficar louco — digo assim que estacionamos na minha mais nova residência. Dante ri alto. — Está rindo? É sério. Espere um pouco.

Pego meu celular e ligo para meu mafioso antes de descer do carro. Dante me olha sorridente pelo espelho. Enzo atende no primeiro toque, devia estar esperando minha ligação.

— *Buongiorno, pequena.*

— Bom dia, moreno. Liguei para te avisar que já estou em nossa casa.

— *Hum, gostei muito de ouvir isso.*

Sorrio.

— Que bom que você gostou, porque me sinto bem em dizer essas palavras. Nossa casa. — Ele ri. — Amor...

— *Diga-me.*

— Liguei para te avisar que o John me convidou para almoçar. — Ele grunhe. — E eu aceitei, pois havia o prometido no dia que ele esteve lá

em casa. — Ele fica um pouco em silêncio. Ouço-o falar rudemente com alguém e silêncio de novo. — Enzo?

— *Kiara, esse cara não é confiável. Antes que você pense que digo isso por ciúmes, quero que saiba que ele mentiu quando disse que veio a trabalho. Ainda estou investigando para saber qual o real motivo da sua vinda a Florença. Só quero que você tome cuidado.*

— Nós somos amigos. Se ele mentiu, deve ter seus motivos. Não se preocupe, o conheço bem e não há o que temer. Caso haja alguma coisa, sei que meu namoradinho mafioso vai cuidar de mim.

— *Cazzo! O que faço com você Kiara?*

— Hum, tenho muitas ideias.

— *Fico puto só de pensar em você com outro homem, ainda mais com o bastardo do teu ex.*

— Hei, tenho amigos, do mesmo jeito que você tem amigas. Como te disse, somos apenas amigos, o único que tem o meu amor é você.

— *Sabe que esse almoço vai te custar algo, não sabe?*

— Não, Enzo, por favor, sem castigo.

— *Vou pensar. Descansa, Kiara, mais tarde a gente se fala. Vou estar fora o dia inteiro, estarei em casa à noite. Me espere para jantar, caso você não tenha outro compromisso.*

Ele desliga antes que eu retruque suas palavras. Ele diz que não tem

ciúmes, imagine se tivesse? Dante e eu descemos do carro e eu brinco com ele.

— O Enzo vai te ligar em um, dois... — Antes de contar três, seu celular toca e nós dois rimos.

Retiro-me enquanto eles conversam e entro na casa, já que Dante não permitiu que eu o ajudasse com minhas bolsas. Vou direto para o quarto. Depois que Dante entrega minhas bolsas, tomo um banho e me deito para dormir. Coloco meu relógio para despertar para não perder a hora. Com a cabeça sobre o travesseiro, penso que Enzo foi mais tranquilo do que eu esperava e que a sua revelação sobre John ter mentido me pegou de surpresa. Não vejo a necessidade de ele ter mentido sobre sua vinda a Florença.

Aos poucos, o cansaço vai me vencendo e pego no sono. Sou despertada pelo meu celular, que marca meio-dia e dez. Ele deve estar tocando desde o meio-dia, que foi a hora que programei. Há uma batida na porta, que em seguida ela é aberta por Marieta. Ela me diz que o almoço está pronto. Esqueci de avisá-la que vou almoçar fora; assim que a comunico, ela se retira.

Arrumo-me e me apresso em sair para não chegar atrasada. Na sala, encontro Dante. Como eu já previa, Enzo não me deixaria ir a esse encontro com outro que não fosse ele ou o Assis, meus dois cunhados, assim posso dizer, já que meu moreno os tem como irmãos que a vida o deu.

— Muitas recomendações? — pergunto. Ele sorri.

— A doutora nem imagina.

Sorrimos. No caminho, lembro-me que Enzo me disse no dia que John esteve lá em casa, que ele foi direto do aeroporto me ver. Juntando essa informação com a de que ele mentiu sobre sua vinda, estou começando ficar incomodada.

— Dante, você acha que John quer me fazer algum mal? Namorei com ele por dois anos, ele sempre foi bom comigo, mas tem mais de um ano que não temos contato e as coisas que Enzo me disse estão caindo como um tijolo em minha cabeça.

— Não sei te dizer, Kiara, mas não se preocupe. Não vou deixar nada de ruim te acontecer.

Dante entra comigo no restaurante e se senta em uma mesa próxima. Dois soldados que estavam nos seguindo em outro carro, o que percebi só quando chegamos aqui, ficam do lado de fora. Tão logo o garçom traz a água que pedi, John chega. Beija meu rosto e se senta. Estou tensa, tentando ao máximo agir naturalmente.

— Está me esperando há muito tempo?

— Não, acabei de chegar.

Pedimos nossos pratos, e ele começa a falar de assuntos relacionados ao tempo que trabalhamos juntos no hospital. A tensão se dissipa e meu corpo relaxa. Terminamos o almoço e continuamos conversando. Do nada, o assunto muda e John começa a dizer que sentiu minha falta, que depois de mim não teve relacionamento sério com ninguém. Essas palavras me deixam desconfortável, ainda mais agora que estou com o Enzo. Desconverso e vou direto ao ponto.

— Me diz o que te trouxe a Florença.

Ele segura meu olhar, parece estar pensando no que responder. Ajo como se não soubesse que ele mentiu.

— Fui um idiota em não ter insistido para que você fosse comigo para Nova Iorque.

Ele volta a falar sobre nós. Antes que ele continue por esse caminho, falo sobre o Enzo.

— Estou feliz, John. O que nós vivemos foi bom enquanto durou, mas hoje estou amando pela primeira vez em minha vida.

— Posso saber quem é o felizardo?

— Você não o conhece. O nome dele é Enzo, Enzo Mancinni.

John fez uma expressão de choque, mas logo em seguida fica parcial, difícil definir. Ele muda completamente de assunto, falando um pouco sobre seu local de trabalho em Nova Iorque. Pergunta sobre algumas pessoas que ele conheceu quando trabalhava no hospital. Pede a conta e, antes de eu entrar no carro, diz que me ligará para outro almoço. Dessa vez, eu que não vou querer me encontrar com ele, algo nesse almoço não se encaixou, só não sei dizer o que.

No caminho de volta, digo minhas impressões sobre a conversa para o Dante, que ouve atentamente sem dizer uma só palavra. Olho para trás e não vejo o carro com os dois soldados; pergunto por eles e Dante me diz que eles estão fazendo seu trabalho.

JOHN WOLF

No caminho para o carro, pego meu celular e ligo para o último número que disquei. “Como eu suspeitava, Kiara e Enzo estão juntos”. Desligo o celular, entro no meu carro e vou para nosso ponto de encontro.

Até agora não entendi como Kiara foi se envolver com um mafioso. A Kiara que conheci sempre foi uma mulher correta, contra a violência, uma pessoa que chegava a ser chata de tão certinha. Tinha sempre um discurso contra qualquer tipo de malfeitor, nunca faltou o trabalho, nem chegou atrasada. Muitos médicos tiram seu tempo de descanso, ela parava apenas para almoçar; enquanto não atendia a todos, não descansava.

Sempre que eu desviava medicamentos do hospital, tinha que entregar direto ao receptor com medo dela descobrir e me entregar. Nunca duvidei que ela seria capaz de fazer isso. Mesmo que eu a tenha visto na clínica que pertence à máfia em Nova Iorque, não pude acreditar que ela teria algum envolvimento com eles, mas ouvir da sua própria boca que ela está envolvida com um Mancinni me deixou chocado, tive que disfarçar minha decepção. Sei que todos têm um preço, mas por conhecê-la sei que esse não é o caso.

Apesar do choque inicial, para mim essa relação é uma boa notícia. Minha doce Kiara será a isca perfeita.

CAPÍTULO 34



ENZO

Não consigo me concentrar nessas malditas contas; fiz e refiz duas vezes. Saber que Kiara está almoçando com aquele *maledetto* está me desconcentrando, ainda mais porque estou distante. Tive que vir em Pisa. Estamos com problemas no Porto, descobrimos que nossa mercadoria vem sendo extraviada. Estou tentando calcular o prejuízo, mas está sendo inviável.

Se soubesse desse almoço, não teria vindo. Por mais que seja necessário, minha mulher vem em primeiro lugar. Kiara tem que me avisar sua movimentação com antecedência, situações como essa podem foder tudo. Não sou paranoico e não tem nada a ver com que a vadia da Antonella me fez, é por sua segurança. A aproximação repentina do bastardo do seu ex é estranha, meu instinto me diz que isso não se trata apenas de ciúmes ou medo de ser traído outra vez. Meu faro de caçador fareja a quilômetros quando outro caçador quer dar o bote em uma presa. Preciso saber o quanto antes quais são as reais intenções de sua aproximação, sinto que não tem nada a ver com amor ou algo nesse sentido.

— Chefe, meu irmão na linha. — Assis me entrega seu celular. Antes de qualquer coisa, pergunto por Kiara. Dante me diz tudo que Kiara o contou, que nossos homens seguiram o bastardo e que estão de tocaia. Mais tarde terei todas as informações. Agora me sinto mais tranquilo de saber que Kiara está em casa.

Entro em casa e vou direto para o quarto. Já passa das oito horas, prometi a Kiara que jantaria em casa. Ao chegar no quarto, sou surpreendido ao ver minha pequena *uccello* em um lindo vestido preto, quase um palmo acima do joelho, justo, modelando suas curvas. Não possui alças, a parte superior destaca seus seios redondos. Seu lindo cabelo loiro está solto com ondas nas pontas. Kiara não percebe minha presença, está em seu mundo cantando uma música que não conheço, enquanto coloca alguns itens em sua pequena bolsa.

Meu coração se alegra ao ver minha Kiara feliz, na minha casa, no meu quarto. *Cazzo*, o júnior não fica quieto. O movimento do seu quadril está me deixando excitado. Caminho sem fazer barulho e abraço-a pelas costas, envolvendo seu corpo. Minha pequena dá uma risada gostosa. Esfrego minha glândula em seu bumbum.

— Pode parando de assanhamento, Enzo. — Sorrio com meu rosto escondido em seu pescoço. Kiara se vira e me beija, um beijo terno. — Vai tomar banho, amor, que hoje vou te levar para jantar.

— Tem certeza? — pergunto segurando o júnior. Kiara ri, vira-me de costas e me conduz até o closet. Facilito para ela, porque senão ela nem conseguiria me tirar do lugar. Infelizmente o júnior vai ter que esperar.

Kiara reservou um restaurante no Centro. Quando chegamos no local e o gerente me vê, pede desculpas por não ter reservado uma mesa melhor. Apresento Kiara como minha mulher e digo-lhe que ela merece um

tratamento igual ao meu. Em poucos, minutos eles conseguem uma mesa mais reservada.

Minha pequena está linda e leve. Rimos muito durante nosso jantar. Ela me contou sobre seu almoço com o bastardo e me diz que não vai mais se encontrar com ele. Ela ter tomado essa decisão sem minha interferência me deixa satisfeito, Kiara não faz ideia quem ele é ou do que faz.

Saímos do restaurante e vamos para uma casa que é uma mistura de bar com casa de show. Kiara me diz que frequentou esse bar algumas vezes com seus colegas de trabalho. No bar, há uma banda tocando. O estilo de música não me agrada muito, não sou fã de rock, mas minha intenção é que Kiara se divirta e aos pouco ser introduzido no seu mundo. Espero que em breve possamos ir para casa, não vejo a hora de me enterrar nela.

Os gêmeos se sentam no bar, Kiara e eu vamos para uma mesa. Minha pequena está sorridente, fala sem parar. Ela me conta algumas situações que aconteceram com seus colegas de trabalho depois de exagerarem na bebida.

— A enfermeira Andreia... — ela para de falar e ri. Coloca as mãos na boca, tentando conter o riso. — No seu natural, ela passa um pouco do ponto. Não faz ideia o que ela fala sobre você.

Arqueio minha sobrancelha, aguardando-a concluir, mas ela continua com a história anterior.

— Amor, ela bebeu muito. — Toda vez que a ouço me chamar de amor, meu coração bate mais forte. — Sem a gente perceber, Andreia subiu no palco. Ela dançava ao lado do vocalista, até aí tudo bem, a gente aplaudia, assobiava, mas depois ela começou a passar a mão no vocalista da banda. Ele

até se atrapalhou com a letra, foi necessário segurança a tirar do palco. Ela batia as pernas, gritava, foi a maior cena.

As lágrimas escorrem dos seus olhos de tanto que ela ri. Pelo que ela me disse, essa enfermeira deve ser aquela que fica se abanando toda vez que me vê no hospital. Kiara me pede para contar sobre meus amigos. Conto mais coisas referentes à minha família, pois meu tipo de diversão é bem diferente da dela. Ficamos conversando por mais de uma hora, a música no bar é ambiente. Quando chegamos, estava no final da apresentação da banda local. A banda convidada vai tocar em alguns minutos.

Estou tendo que me conter com os olhares masculinos em cima da Kiara. Quando ela vai ao banheiro, sinto vontade de entrar junto, mas me contento em esperar na porta. Quando a banda convidada é anunciada, sou surpreendido com o grito da Kiara.

— NÃO ACREDITO! — Assim que cospe essas palavras, ela sai correndo. Sem entender vou, atrás dela. Kiara para na frente do palco e grita.
— Matteo.

Ela chama diversas vezes, acenando com as mãos. O vocalista olha para ela, sorri e joga um beijo.

— *Cazzo!*

Observo Kiara se desmanchando para o cantorzinho de merda. Também sei cantar, caralho! Minha vontade é de pegá-la pelos cabelos e levá-la para casa, agir como um verdadeiro neandertal. Seguro meus instintos, chego bem próximo dela, seguro em seu braço e falo bem perto do seu ouvido.

— Se você gritar mais uma vez por essa merdinha, vou te pegar pelos cabelos e te arrastar para fora daqui, e quando chegar em casa você vai me pagar.

Seu corpo treme debaixo do meu aperto em seu braço. Solto-a e me afasto, caminhando de volta para nossa mesa. Assim que me sento, Kiara se senta em meu colo. Mantenho-me ereto, sorvo todo o uísque que Dante colocou sobre a mesa.

Kiara beija meu pescoço. Fico arrepiado, porém não dou confiança. Estou muito puto. Essa é a nossa primeira noite depois de estarmos morando juntos e ela me desrespeita dessa forma. Não estou nem me reconhecendo. Se fosse outra mulher, teria ido embora; ou se fosse na época da Antonella, teria a colocado no ombro e levado para casa, não antes de socar a cara do cantor do caralho.

— Amor. — Ela segura meu rosto, forçando para que eu olhe para ela. — Me desculpe, é que essa banda é do Matteo. Somos amigos desde a infância, fiquei feliz quando vi que era ele. Nos vemos apenas uma vez por ano quando vou passar o final de ano na casa dos meus pais.

— Não quero minha mulher babando por causa de outro homem.

Ela ri e junta sua testa à minha.

— Amo você, Enzo Mancinni. Só fiquei feliz por ver um amigo.

Tomo sua boca, reivindicando-a como minha, minha mulher.

Kiara se levanta, deixando meu pau duro. Diz que vai terminar de

assistir ao show. Mesmo puto, concordo. Ela disse que o cantorzinho é seu amigo de infância, tenho que aceitar, mas ficarei de olho. Meia hora, depois ela retorna, me beija e pede água. Ela começa a contar sobre sua amizade com o cantorzinho de bar, dez minutos depois ele vem ao nosso encontro. Quer dizer, de Kiara.

Os dois se abraçam, e eu grunho para a cena nada agradável. Ela me apresenta ao seu amigo, e ele nos apresenta ao restante da banda. Conversamos animadamente, até que eles são caras legais. Fazia tempo que eu não tinha um programa como esse. Meu mundo é sempre tão escuro que esqueço que existem outras coisas além da escuridão em que vivo. Kiara, no pouco tempo que estamos juntos, tem tornado meu mundo mais leve.

Um dos rapazes da banda, sob o efeito das doses de gim, pergunta:

— Essa é a vizinha que você namorou?

Kiara responde que sim, que eles namoraram quando eram adolescentes. *Cazzo*, mais um? Quantos ex a Kiara tem?

CAPÍTULO 35



KIARA

Minha noite foi perfeita. A cada dia que conheço o Enzo, me apaixono mais. Durante o jantar, tivemos um papo bem descontraído. Na minha cabeça, homens da máfia não tinham uma vida normal, passavam o dia matando pessoas ou traficando. Durante os dias que estive na mansão Mancinni, pude ver que eles são uma família como qualquer outra.

Para deixar minha noite ainda mais perfeita, pude assistir um show do Matteo. Ao me lembrar disso, o sorriso vem aos meus lábios. Meu moreno mafioso ficou com ciúmes, ameaçou me levar pelos cabelos se eu continuasse a gritar no show. Confesso que quando ele segurou firme em meu braço, não tive medo, fiquei excitada com seu toque e com seu jeito possessivo. Depois de cuspir suas palavras ameaçadoras, ele se retirou, mas fui atrás dele. Chegando em nossa mesa, sentei-me em seu colo, me movi disfarçadamente, senti sua glândula crescer. “Não quero minha mulher babando por causa de outro homem”, disse ainda irritado. Meu moreno com ciúmes é a coisa mais linda do mundo. Enzo Mancinni me ama, ele só não sabe disso.

No final do show, conversamos com Matteo e os rapazes da banda. Enzo ficou mais descontraído, porém fazia questão de me manter ao seu lado; quando Matteo fazia demonstração de carinho, ele me puxava para si. Senti-me muito bem com isso. Enzo só não gostou muito quando descobriu que eu e Matteo fomos namorados, por conta disso me manteve mais afastada

possível dele. Reclamei com Matteo de ele não ter me avisado que estaria em Florença; ele disse que o convite foi de última hora e que chegou à tarde. Ofereci meu apartamento para eles ficarem, Enzo disse que arrumaria outras apresentações em suas casas de show. Não sei se ele quis ajudar ou deixar o Matteo bastante ocupado; de qualquer forma, agradei.

Seguimos para casa em silêncio. No caminho, eu o provocava deslizando minhas mãos em seu corpo, e ele resmungava coisas que não conseguia entender. Desferi beijos em seu pescoço, passei minha língua no lóbulo da sua orelha enquanto descia lentamente minha mão até o volume em sua calça. Quando coloquei minha mão em seu pau, ele segurou meu pulso e grunhiu. Cinco minutos depois, chegamos em casa.

— Sobe, Kiara, que eu vou ver minha garota.

Ele seguiu para a parte externa da casa e fiquei sem entender o que ele quis dizer com isso. Pensei que eu era sua garota. Será que ele se referia a sua moto, já que ela tem o nome de sua mãe?

Agora no quarto, desfaço-me da minha sandália. Antes de tirar o vestido, penso um pouco e decido ir atrás dele. Desço as escadas descalça, vou para a área externa, olho em volta da piscina e nada. Vou até a garagem e nada do Enzo. O restante da gigantesca área externa está com pouca luminosidade, decido voltar e o esperar na sala. Quinze minutos depois, nada do Enzo. Começo a caminhar de volta para o quarto. Ao pôr meus pés no terceiro degrau, sou interceptada. Uma mão segura minha boca e a outra envolve minha cintura. Não grito porque sei que é ele, seu cheiro o denuncia.

— Você gosta de gritar por outro homem que não seja o seu?

Pensei que ele tinha entendido que Matteo é apenas meu amigo de toda uma vida. Enzo enfia a mão debaixo do meu vestido e esfrega seus dedos por cima da minha calcinha. Gemo e esfrego minha bunda na sua glândula, que se encaixou perfeitamente em meu bumbum por eu estar um degrau acima dele.

— Quantos fodidos ex-namorados você tem Kiara? *CAZZO!*

Não posso responder, pois sua mão em minha boca me impede. Ele afasta minha calcinha e penetra no meu sexo, não com um ou dois dedos, e sim com três. Meu gemido sai abafado por causa da sua mão em minha boca. De repente, meu corpo é virado de frente para ele, que suspende meu vestido, me encosta na parede, abre minhas pernas e retorna com seus dedos ao lugar de onde nunca deveria ter saído.

Seu semblante é uma mistura de raiva e tesão. Minha mão automaticamente vai de encontro à sua glândula e mais uma vez sou impedida. Seus dedos me fodem com rapidez, enquanto seu polegar sobe e desce em meu clitóris.

— Você é minha mulher, que caralho que estava pensando? — Gemo feito louca, estou tão perto. — Responde o caralho da minha pergunta.

— Desculpe-me Enzo, prometo não fazer mais isso — digo quase miando. — Sou sua mulher, amo você meu moreno. — Aperto seu braço com firmeza, a onda está se formando dentro de mim. Enzo percebe meu estado de pré-orgasmo e retira seus dedos. Leva-os até a boca, sorri e sobe as escadas.

— FILHO DA PUTA! — grito. Meu corpo mole e necessitado de liberação desaba sobre a escada. Fico por volta de meia hora tentando me recuperar da punição do mafioso vingativo.

Entro no quarto e o vejo debaixo do edredom. A luz do abajur me mostra seu cabelo molhado. Entro no closet, pego uma camisola preta e sigo para o banheiro, necessitada de um banho, para acalmar meu interior. Meus planos para essa noite foram frustrados, não imaginei que minha noite terminaria assim, Enzo dormindo e eu com um tesão da porra. Saio do banheiro e sou pega de surpresa. Enzo vira meu corpo e deixa meu rosto encostado na porta do banheiro. Ele desliza a camisola pelo meu corpo, deixando-a amontoada em meus pés. Pega-me pela cintura, suspende meu corpo com facilidade e me leva até a nossa cama, mas não me coloca sobre ela.

Enzo se senta na beirada da cama e ordena que eu me ajoelhe. Seu pau firme, ereto, com as veias expostas, me dá água na boca. Sigo suas ordens e o ponho dentro da minha boca. Cada movimento da minha língua o faz gemer. Minha vontade é fazer o mesmo que ele fez comigo, não permitir sua liberação, mas esse pensamento morre, porque o que mais quero é me embriagar com sua essência.

Ele não permite que eu o toque, será que isso ainda faz parte do castigo? Tento mais uma vez tocar seu pau, inutilmente. Com a minha teimosia, ele amarra minhas mãos com uma gravata que pegou sobre a cama. Meu moreno fica de pé, seu corpo é pura luxúria, uma tentação. Segura firme meus cabelos, bate com seu pau duro como ferro em meu rosto. Sinto-me uma puta, sua puta. Nunca imaginei que gostaria de ser tratada assim na cama, minhas relações sexuais sempre foram “normais”.

— Abra a boca. — Obedeço à ordem. Sua invasão é crua, dura. Ele fode sem dó. Engasgo-me, babo, realmente me sinto uma puta. Olho para ele, sua boca está aberta e seus olhos estão atentos em mim. Sinto-o inchar e me preparo para seu jato, mas ele retira antes da sua liberação. Joga-me sobre a cama, beija minha boca, lambe e chupa meus seios. Desliza sua língua em meu corpo até tomar meu sexo em sua boca. Seus dedos trabalham junto com sua língua e a onda se forma rapidamente. Enzo não permite mais uma vez meu orgasmo.

— Caralho — digo, e ele rir. Beija minha boca e eu, como uma tola, permito. Seu pau me invade, gemo abafado em sua boca. Ele desfaz nosso beijo e fica me observando enquanto estoca duro e forte. Não contenho meus gemidos, a onda surge novamente, mas ele para. Queria socar seu peito, porém, minhas mãos presas me impedem.

— Quem é seu homem, Kiara? — pergunta com a voz rouca. Isso tudo é por ciúme?

— Você, Enzo — digo, demonstrando todo o tesão que sinto por ele. Ele grunhe e volta a me penetrar. Dá algumas estocadas bem fortes, retira seu pau e despeja seu sêmen sobre mim. Urra feito animal. Meu abdome, seios, rosto, são marcados.

— Nunca se esqueça disso — diz antes de se levantar e ir ao banheiro. Puta que pariu, vou ficar mesmo sem gozar.

CAPÍTULO 36



ENZO

Levanto-me e observo Kiara em seu sono. Seus cabelos estão espalhados e sua boca meio aberta. Minha pequena parece uma menina. Uma linda e gostosa menina. Estou tentando assimilar o turbilhão de sentimentos que está fodendo a minha mente. Ontem, enquanto ela sorria genuinamente para seu amigo, meu coração se entristeceu. O brilho em seus olhos para outro homem despertou em mim um sentimento selvagem, por pouco não a levei arrastada pelos cabelos para casa. Diferente do que sentia pela Antonella, meu sentimento não era de posse. Parecia mais como se ela estivesse dando a outro homem algo que fosse meu, algo que eu queria só para mim.

Minha *uccello* age naturalmente, não faz nada calculado, simplesmente sente vontade e faz. Estou aprendendo a lidar com isso, pois seus impulsos acabam me fodendo. A forma que ela saiu gritando quando ouviu o nome da banda, apesar de ter sido uma merda, mostrou que ela teria o mesmo comportamento eu estando presente ou não.

Quando a adverti, ela me contou que a banda era do seu amigo e fez com que eu me sentisse seguro em relação ao seu sentimento por mim, me mostrou que pode gostar de outro cara, como seu amigo de infância, independente dos seus sentimentos por mim. Trouxe-me para perto, fez com que eu participasse do seu mundo. Para mim, apesar do sentimento chato que

sinto, fez toda diferença. Pela primeira vez, sei que posso confiar em alguém que não seja minha família e os gêmeos. Pela primeira vez depois do meu fracassado casamento, sei que posso confiar em uma mulher, a mulher linda e loira que me pegou pelas bolas.

Vivi muitos anos com a dor da traição, a dor de ter me entregado a uma mulher que não existia. Antonella era uma versão criada por minha mente. Todos a enxergavam como ela era, menos eu. O amor que eu sentia me fez ficar cego. Meus instintos sempre me alertavam que algo não estava bem, mas bastava uma palavra, um gesto falso de carinho daquela vagabunda para que eu deixasse de lado minha intuição.

Ontem o meu lado vingativo fez com que eu a castigasse, de uma forma prazerosa para mim e não tão prazerosa para ela. Minha pequena me xingou. Achei graça disso, ninguém nunca ousou me tratar assim. Minha pequena *uccello* abandonou de vez a gaiola em que vivia.

Retiro minha camisa de malha e minha *boxer*. Em seguida, retiro o edredom que está sobre seu lindo corpo. Minha pequena dormiu do jeito que a deixei, com a camisola embolada em sua cintura. Afasto suas pernas e me perco em sua bela e deliciosa *fica*. Aos poucos, ela vai se movimentando. A princípio seus gemidos são como miado, aos poucos vão se tornando mais fortes e mais altos.

— Enzo, por favor, chega de castigo — ela praticamente implora. Penetro meus dedos e sua vagina os recebe com gula. Trabalho minha língua em seu clitóris enquanto a fodo com os dedos. Seu corpo estremece, aguardo sua deliciosa essência. Sorvo todo o seu prazer sem deixar uma gota.

Minha gostosa mulher precisa de mais. Deixei-a na mão duas vezes. Levo meu dedo úmido para sua fenda apertada, trabalho nela até que ele entre em sua totalidade. Ao mesmo tempo, me delicio em sua *fica* para que ela relaxe, aproveite minha invasão. Aos poucos, ela relaxa e introduzo outro dedo e mais outro. Fodo-a até que ela goza outra vez em minha boca.

Levanto-me, vou até o closet e pego um plug anal que comprei para ela. Aos poucos, vou introduzindo-a em meu mundo sexual. Minha mulher vai aprender o que me satisfaz; o mais importante é que sei que ela sentirá muito mais prazer. Kiara olha o plug e não diz nada. Lubrifico-o e insiro em seu buraco que está mais receptível.

— Está tudo bem? — pergunto. Ela apenas meneia a cabeça e sorri.
— Você é maravilhosa. — Dou-lhe um beijo repleto de luxúria. — Vem cá.

Sento-me na cama e a chamo. Minha pequena imediatamente se encaixa em cima de mim. Ela se entrega à luxúria, e eu a deixo no comando. Observo seus movimentos, suas expressões *sexys* como um inferno. Se não me concentrar, gozo feito um menino antes de aproveitar todo seu corpo.

Quando minha pequena diminui o ritmo, coloco-a em seus joelhos com as mãos na cabeceira da cama, penetro-a e a fodo com força. Ela grita, e pede mais. Minhas mãos batem em suas bochechas redondas. Quando sinto que estou perto, levo minha mão ao seu clitóris, quero que ela goze comigo. Faço movimentos rápidos e seu orgasmo chega junto com o meu.

KIARA

“Kiara, vamos para Roma”, disse meu moreno logo depois de sairmos do banho. Perguntei sobre o plug e a resposta foi que por hora poderia tirar. No início, me incomodava, mas me acostumei. Espero que esse objeto faça diminuir minha dor quando eu for recebê-lo.

Enzo foi ao clube para deixar tudo em ordem antes de viajarmos. Ele me disse para eu não me preocupar com o hospital que terei o fim de semana livre. Gosto muito do que faço, mas estou adorando poder passar o final de semana livre, ir para Roma e estar mais uma vez com a família do Enzo, dessa vez oficialmente como sua namorada. Segundo meu moreno, a reunião familiar é mensal. Isso é um belo exemplo para todas as famílias, muitas se reúnem somente no Natal.

Fui tão bem recebida pelos Mancinni e Ferri que estou me sentindo em casa. “Você faz parte da família, Kiara, minha nora”, disse o senhor Guiseppe, enchendo meu coração de alegria. Queria tanto que Enzo se casasse comigo. Ele me ama, mas não verbaliza seu sentimento. Algo me diz que tem a ver com sua falecida esposa. Ele nunca tocou no assunto comigo, não sei quanto tempo ficou casado, nem como e quando sua esposa faleceu. Esse assunto provoca uma reação ruim, por isso, apesar da minha curiosidade, nunca perguntei nada.

Estamos na área da piscina. Enzo e meu sogro se divertem com as crianças na água, enquanto os demais rapazes batem uma bola. As esposas estão comigo em uma mesa. Como sempre, Perla é a mais falante, seguida de

Nina. A tímida, Bianca, segue na dela, pouco se expressa. Aproveito que estamos apenas nós quatro para fazer algumas perguntas.

— Posso fazer uma pergunta?

— Claro que sim, minha querida, sinta-se à vontade, pergunte o que quiser — Perla diz com sua mão sobre a minha, há doçura em seu olhar.

— Sei que para você isso tudo é novo, como foi para Perla, que até os dezoito anos viveu uma vida “normal” — Nina faz aspas com os dedos. — Diferente de vocês, nasci nessa família, sempre convivi cercada de soldados, armas, violência, mas também muito amor. Meus pais e meus irmãos sempre me deram amor, respeitaram meu espaço, não me envolvendo em seus negócios. Sempre zelaram por minha integridade — desabafa.

— Confesso que foi difícil aceitar que uma família tão carinhosa como a sua pudesse ser da máfia. Quando Enzo me contou, a princípio encarei como mais uma das suas piadas. Por mais que eu o ame, ainda estou em processo com tudo isso.

— Te entendo, Kiara. Vamos para o escritório para não sermos interrompidas. Vamos responder todas as suas perguntas, e vou te contar como o amor do Lorenzo e o amor dessa família me salvou.

Aviso ao Enzo que entrarei com suas cunhadas e sua irmã. No escritório, antes que eu pergunte qualquer coisa, Perla me conta sobre sua vida. As lágrimas jorram no meu rosto. Difícil de acreditar em tudo que ela passou, principalmente a perda da sua filha Donna. Toda a agressão que ela sofreu a tornou uma mulher forte e respeitada. Agora entendo toda a admiração e respeito que a família tem por ela.

Bianca conta que o mais difícil é foi o fato de Pietro ser um mafioso, porque ela também vem de uma família da máfia. Relata que o mais difícil foi se adequar ao seu temperamento. Todas nós rimos, pois Pietro é um homem muito fechado. Só quem o conhece bem sabe o interpretar.

O refresco à dor que eu estava sentindo depois de ouvir Perla foi muito curto, pois depois da Bianca, Nina conta sobre sua infância feliz, sobre sua paixão por Enrico e, em seguida, sobre o assassinato de sua mãe, logo depois da expulsão da família do Enrico. Nina relata sobre sua gravidez, a fuga para o Brasil, a morte do bebê e como ela descobriu que seu filho estava vivo e todo o processo para o encontrar. Sinto tanta dor ao ouvir seu relato, como se aquilo estivesse acontecendo comigo. As palavras do Rico no jantar fazem todo sentido para mim. Muito triste uma criança ter sofrido tanto como ele sofreu.

É muito difícil me recuperar depois ser informada de tanto sofrimento. O que me conforta é que elas têm uma vida feliz, maridos que as veneram e uma família unida que se ama.

Perla pede que eu conte sobre mim e o Enzo. Conto de como nos conhecemos até os dias de hoje. Falo que Enzo não fala sobre seu casamento, que isso o afeta, o deixa irritado. Pergunto a Perla se ela sabe o motivo; ela pede a Nina para contar, pois ainda não fazia parte da família quando Enzo era casado. Nina diz que só contará por que tem certeza que o irmão me ama, e que eu o amo; que esse assunto é proibido na família, nem Perla, nem Bianca sabem o que realmente aconteceu.

As palavras da Nina caem com um bloco de concreto sobre minha cabeça. Muitas coisas passam a fazer sentido para mim. Meu moreno tem que

esquecer seu passado e acreditar que nunca o trairia, que eu o amo e quero ser sua esposa.

— Meninas, preciso da ajuda de vocês. Meu moreno mafioso que me aguarde.

CAPÍTULO 37



NINA

Conversar com a Kiara e contar sobre a traição por ele vivida, me trouxe a memória todo o seu sofrimento. O humor leve do meu irmão se tornou ácido, ele já não mais é aquele cara que me levava para dar uma volta em sua moto mesmo sob protestos dos nossos pais. Seu sorriso se apagou, sua forma leve de levar a vida se foi com a traição e morte da Antonella. Ele se entregou aos negócios, em pouco tempo ganhou Florença para ficar sob seus cuidados.

É a primeira vez desde o ocorrido que vejo sorrir com o coração. Os únicos que conseguem tirar um sorriso tão genuíno são nossos sobrinhos, principalmente o Rico. Kiara tem transformado a vida do *mio fratello*, trouxe de volta o Enzo de antes, de antes da Antonella. No fundo, Enzo sempre soube que havia algo de errado em seu relacionamento. Ele vivia tenso, só a deixava sozinha quando era estritamente necessário. Ele vivia em função da Antonella, e ela se aproveitava da sua cega paixão. Para mim, ele nunca a amou, se tratava de uma louca obsessão misturada com paixão.

Kiara é a mulher perfeita para ele. Ela é espontânea, honesta e o ama. Ele também a ama, não tem como negar, vemos isso em suas atitudes e em seus olhos cheios de amor quando a vê. Kiara tem uma ideia para se tornar a mais nova Mancinni. Durante o almoço, pensei muito sobre seus planos e, conhecendo meu irmão, sei que ele pode cagar tudo por ainda estar preso no

passado, por isso vou dar uma força para que tudo dê certo.

Chamo-o para conversar, peço que viesse ao meu quarto para termos privacidade. A conversa não vai ser fácil, pois tocar no assunto Antonella é proibido, mas ele tem que ser feliz, se livrar de vez do passado. Enzo não pode perder uma mulher como Kiara por causa de uma *hooker*.

— Magrela — diz assim que abre a porta. Desde criança, ele me chama assim. Também, sempre pareci um inseto perto dos meus irmãos, que são uns verdadeiros brutamontes. Mostro-lhe a língua, e ele ri.

— Sente-se aqui. — Bato na cama ao meu lado. O abusado se joga na cama e se deita em meu colo. Esse ato me lembra da nossa adolescência. Por muitas vezes, eu e meus irmãos ficávamos na cama conversando, eles disputavam quem iria se deitar em meu colo para receber carinho.

— Algum problema com o Rico? — ele pergunta enquanto acarinho seu cabelo.

— Não. — Respiro fundo. — Quero te falar sobre você e a Kiara.

Ele se levanta abruptamente e se senta na cama. Sua expressão é de desconfiança.

— O que aconteceu? Você descobriu alguma coisa?

Seguro em suas mãos.

— Preste bem atenção no que vou te dizer, me ouça sem me interromper. Sei que você pode não gostar do que tenho a dizer, mas ouça-me

para seu bem.

Faço-o deitar-se de novo. Ele grunhe, mas deita-se em meu colo.

— O maior erro que cometi em minha vida foi não estar ao lado do Enrico quando ele mais precisava de mim, não assumir perante a família que nos amávamos e que estávamos juntos. Por conta disso, minha vida foi uma sucessão de erros. Perdi o homem que amava e os primeiros anos do meu filho. Reconquistar isso e ter a vida que tenho hoje me custou muito caro, foi com muito sofrimento.

— Sei o quanto você e Enrico sofreram, mas o que isso tem a ver com a Kiara?

— Não quero que você cometa o mesmo erro que eu. Não quero que você estrague a oportunidade de ser feliz por causa de um passado fodido. Kiara não é Antonella, ela está com você porque o ama. Tem noção de como está sendo difícil pra ela passar por cima de tudo que acredita, tudo que sempre foi contra, para poder ficar com você?

Ele não responde.

— Enzo, olha para mim.

Ele se senta. *Mio fratello* está atento às minhas palavras. Por sua feição, sei que ficou tocado e está assimilando o que ouviu.

— Pode me dizer que vocês estão juntos, que nunca firmou compromisso com ninguém depois que ficou viúvo, que a convidou para morar em sua casa, mas isso não é o suficiente. Kiara precisa de mais, merece

mais. Ela precisa ouvir você dizer que a ama, e isso não é mentira, ou eu estou enganada?

Ele abaixa a cabeça.

— Foda-se passado, foda-se Antonella, foda-se tudo o que aconteceu. Enterre de uma vez essa história e seja feliz. Seja feliz com a mulher que você ama e que é louca por você, a torne uma Mancinni antes que ela desista. Por mais que ela, o ame, não vai querer passar o resto da vida em dúvida dos seus sentimentos por ela.

Enzo me abraça, beija minha testa e se retira sem dizer uma só palavra. Essa conversa me deixou cansada. Deito-me, tentando apagar todo o meu sofrimento, todo o sofrimento dele. Reviver isso ainda me traz dor, muita dor.

ENZO

Estar em casa, ou seja, na casa onde nasci e fui criado, me dá uma sensação de liberdade. Esqueço-me um pouco de todas as minhas responsabilidades. Estar com minha família me traz um pouco mais a humanidade, ainda mais agora com a Kiara junto comigo. Por falar na Kiara, ela está radiante. Se deu muito bem com minhas cunhadas e *mia sorella*. *Mio padre* é só orgulho. Ele ama estar cercado por toda família, principalmente pelos netos.

Depois do almoço, Nina pede que eu vá ao seu quarto para termos uma conversa em particular. Fico um pouco tenso, penso ter alguma coisa a ver com o Rico, porque se fosse sobre ela e o Enrico, não seria a mim que ela

chamaria. Nina sempre foi mais agarrada ao Lorenzo, e eu entendo. Lorenzo sempre exerceu a função de pai para todos nós, apesar da diferença pouca de idade. Sempre foi um cara maduro, responsável e sensato. Na ausência do nosso pai por conta dos negócios, ele era o nosso refúgio.

— Magrela — digo assim que abro a porta e entro em seu quarto. Nina pede para que eu me sente ao seu lado na cama, e me joga nela, deitando-me em seu colo. Adoro receber seus carinhos em meu cabelo. Quando éramos adolescentes, eu e meus irmãos disputávamos; ganhava quem se deitava primeiro em seu colo. Pergunto se há algum problema com o Rico, ela diz que não, que quer falar sobre mim e a Kiara.

A princípio, fico apreensivo, penso em mil bobagens, mas ela me faz deitar-me novamente e começa a cuspir suas palavras.

Ouçó-a atentamente e com o coração apertado só de lembrar tudo que *mia sorella* sofreu. As palavras da Nina invadem meu coração e minha mente. Ela tem toda razão, Kiara merece mais, muito mais. O problema é colocar em prática, é atravessar a porra dessa barreira chamada decepção, medo de ser fodido outra vez. “Kiara não é Antonella”, no fundo sei disso, mas *cazzo...*

Ao sair do quarto da Nina, sou interceptado pela Perla nas escadas. Luna está dormindo em seu colo. Ela pede que eu a aguarde; ainda impactado pela conversa com a Nina, apenas meneio a cabeça, beijo minha linda sobrinha e Perla a leva. Deve estar indo colocá-la para dormir em seu quarto. Desço e a espero na sala onde está *mio padre* e Kiara. Os demais se recolheram para descansar. Kiara está vendo algumas fotos de família e se divertindo com as histórias contadas por *mio padre*.

— Amor, sua *madre* era linda — diz assim que me vê. Observo a foto e meu coração se acalma com o seu sorriso.

— Realmente, ela era *molto bella*.

Vejo outras fotos, até que Perla me chama para irmos ao escritório.

— Você sabe que o amo como se fosse *mio fratello* — ela começa dizendo. Sorrio para ela.

— Eu também a amo, maninha. — E la ri. — Diga logo o que quer. Já aviso que não tenho dinheiro.

Ela ri alto. Perla é umas das pessoas que mais respeito. Lorenzo é um fodido de um sortudo, não poderia ter esposa melhor. Ao menos não foi um idiota como eu que escolheu uma *hooker*.

— Vou direto ao ponto porque você bem sabe que me meto na vida de todo mundo. — Ela sorri. — Sempre visando a felicidade de todos que amo.

— Diga .

— É sobre Kiara.

— *Cazzo*, vocês combinaram? Primeiro Nina, agora você?

— Não sei o que a Nina disse, mas pode ter certeza de que é bem diferente do que quero te dizer. Sabe que sua cunhada tem uma mente fértil, se assim podemos dizer. — Concordo, e ela sorri. — Perla é muito criativa quando se trata em defender a família.

— Diga-me logo, Perla, joga a bomba.

Ela fica séria.

— Você é parecido comigo. As atitudes têm mais efeito que as palavras. Por conta disso, quero pedir sua autorização para que você elimine qualquer dúvida que possa ter em relação a Kiara.

— O que você vai fazer?

— Confia em mim?

— Você sabe que sim.

— Então, posso?

Meneio a cabeça, confirmando.

— Perfeito, vamos acabar de vez com isso, quero comer bolo de casamento.

A palavra casamento não me cai bem. Perla se levanta, pega em meu braço e voltamos para sala.

Chamo Kiara para nos deitarmos. Ela pega rapidamente no sono, já eu não consigo dormir. As palavras da Nina passeiam em minha mente, e a minha curiosidade sobre o que Perla vai fazer não permite que eu durma. Vou até a garagem e pego minha moto. Há anos que não a piloto. Quando venho a Roma, fico poucas horas e não tenho tempo de pilotar minha Harley Davidson. Em Florença, sempre que possível dou uma volta com minha Ducati. Piloto sem destino, peço a *Dio* que me ajude dessa vez fazer a

escolha certa.

CAPÍTULO 38



KIARA

Acordo e não encontro meu moreno. Vou ao banheiro, desfaço-me das minhas roupas e entro debaixo do chuveiro. Lavo meus cabelos, enxáguo e fico um bom tempo debaixo da água quente, pensando se meu plano vai dar certo, se devo agir sem saber se realmente Enzo me ama, se ele vê um futuro ao meu lado. Tenho medo de que, quando eu me ajoelhar na sua frente e o pedir em casamento diante de todos, ele não reaja como espero.

Ao terminar de me arrumar, ouço uma batida na porta e logo em seguida ela se abre. São Nina e Perla. Pelos sorrisos em seus lábios, estão aprontando alguma coisa.

— Cunhada, amanhã faremos uma festa.

— Festa?

— Sim. Não é bem uma festa como meu sogro costuma fazer, é uma reunião de amigos, com meu irmão de coração, Giovanni, que quero muito que você conheça, Leonel, o *consigliere* do Lorenzo, entre outros.

— Meu pai deixou tudo por nossa conta, então vamos começar a organizar pra ontem. Contratar um DJ, o buffet, vamos fazer alguma coisa mais despojada. Nada de música clássica, nem decoração pomposa.

— O que seus esposos estão achando disso? — pergunto.

— Eles não irão gostar muito, principalmente Enrico e Pietro, mas não me importo. Quem manda nessa casa é o sogrão, mesmo meu esposo sendo o Don. Tudo que se refere à família, meu sogro que dá a última palavra — Perla diz.

— Se é assim, posso aproveitar a festa para fazer meu pedido. Se vocês concordarem, tem um amigo que está na cidade com sua banda. Enzo até conseguiu umas casas para eles se apresentarem, posso ver se estarão livres amanhã. É um pouco em cima da hora, mas quem sabe?

— Perfeito, Kiara.

Passamos o final de tarde organizando a festa. Escolhemos os aperitivos, a decoração e o DJ. Perla insiste em contratar alguns dançarinos, alegando que nossos esposos são donos de clubes onde trabalham todos os dias cercados de *puttane*. Conhecendo bem nossos homens, porém, achamos melhor não os provocar, senão a festa acabaria antes de começar.

Enzo chega e diz que estava dando uma volta de moto. Ele me dá um caloroso abraço e um beijo apaixonado. Fico toda vermelha de vergonha por causa das meninas, que se manifestam com assovios e algumas palavras constrangedoras. Ele nos deixa e vai se reunir com os rapazes. Pietro e Bianca retornam, eles tinham ido em casa. Ela se junta a nós, e Pietro também vai se reunir com os rapazes.

Nós a colocamos a par de tudo. Bianca dá a ideia de fazermos na área externa, contratar a mesma equipe que fez o casamento dela para fazer a cobertura; assim, teremos uma pista de dança, iluminação e deixaremos a

casa livre caso o senhor Guiseppa queira descansar e para o barulho não atrapalhar o sono das crianças.

Lorenzo reserva um restaurante para nosso jantar. Ao chegar lá, fico surpresa ao ver que o restaurante foi fechado ao público somente para nos receber. Meu sogro faz questão que as crianças compareçam, por conta disso a segurança é reforçada. As babás só servem de apoio, pois tanto Nina como Perla gostam de exercer o papel de mãe, fazem questão de cuidar pessoalmente da alimentação e cuidados com seus filhos. Rico, como sempre muito educado e inteligente, é o orgulho e a paixão da família. Depois de saber toda sua história, passei a ter o mesmo sentimento por ele.

Peguei um anel do Enzo. Vou aproveitar que vou às compras com minhas cunhadas para comprar o anel do nosso noivado. Perla me deu a ideia para fazer o pedido próximo ao final da festa. Segundo ela, Enzo vai estar um pouco altinho e não vai recusar. Depois de aceitar, ele não poderá voltar atrás. Meu estômago dá um nó só de pensar em pegar o microfone. Na verdade, nem cogitei isso, tudo invenção da Perla, adoçada pela Nina.

— Bom, vou fazer da seguinte forma: vou convidar o Enzo para dançar, aí no meio da pista eu me ajoelho e o peço em casamento.

— Não gostei disso, cunhada, que sem graça.

— Nina, o que você quer que eu faça? Já vai ser difícil fazer isso.

— Já que quer fazer, tem que fazer direito. Você vai combinar uma música com a banda, ao meu sinal eles vão tocá-la, aí você sobe no palco,

pega o microfone e começa a falar. A partir daí, é com você.

— Por isso que te amo, Perla — Nina diz empolgada. Pelo visto adorou a ideia.

— E você, Bianca, não vai dizer nada?

— Concordo com elas.

Elas aplaudem a Bianca, que sorri alegremente. Reviro meus olhos e faço uma careta, elas se divertem com isso.

ENZO

As mulheres dessa casa ficaram malucas. Inventaram uma festa de última hora, estão agitadas e não largam o celular. Não vou dizer que não gostei, pois adoro festa, quem não ficou muito satisfeito foram Enrico e Pietro. Ambos são antissociais e a ideia de casa cheia não agrada. Lorenzo não se importa. Ele, como meu pai, sempre faz o que a Perla quer, e quem não faz? Perla trouxe vida para essa casa.

Mia uccello está parecendo uma menina no colegial com suas amigas de classe, não desgruda da *mia sorella*, nem das minhas cunhadas. Até se esqueceu de mim. Lorenzo anuncia que vamos jantar fora. Subo para me arrumar e, alguns minutos depois, Kiara se junta a mim.

— Amor! — Kiara se aproxima de mim e me beija.

— Hum, lembrou que existo?

Cruzo meus braços.

— Deixa de ser bobo.

Ela bate em meu peito. Abraço-a e beijo seu pescoço.

— Estou tão animada com essa festa, faz tempo que não vou a uma, muito menos organizo. Está tudo bem pra você?

— Sim, amor. O bom dessa festa ser aqui é que ninguém vai ousar se engraçar com minha mulher na minha casa, e posso aproveitar sem me preocupar.

Ela fica me olhando com a expressão neutra, sem dizer nada.

— O que foi? — pergunto.

— Sério que é nisso que você estava pensando?

Ela não me espera responder e vai para o banheiro. Sigo-a.

No banheiro, coloco-a debaixo do chuveiro. Enquanto a água desce sobre seu corpo, eu o lavo com a esponja. Sem dizer uma palavra, ela segue meu direcionamento. Ao finalizar, entrego a esponja a ela. Minha pequena a preenche com sabonete líquido e a desliza sobre meu corpo. O júnior vai ficando ainda mais ereto, a tensão sexual se torna grande. Viro-a de costas, seu rosto vai ao encontro do azulejo. Minha safada empina sua bunda e coloca a mão em meu pau. Passeio uma mão em seus seios e com a outra a masturbo. Beijo seu pescoço enquanto meus dedos a fodem. Nossos gemidos

fazem eco no banheiro. Penetro em sua *fica* quente e úmida. Tomarei seu buraco apertado em outro momento. Minha pequena grita e se apoia na parede. Continuo masturbando-a, quero seu gozo derramando em meu pau. O orgasmo da minha pequena é liberado a umidade fazem que minhas estocadas sejam audíveis. Meu orgasmo a preenche. É a primeira vez que transamos sem preservativo e é a melhor de todas. Pele com pele foi a melhor sensação.

— Não imaginava que viriam tantas pessoas — diz Pietro, irritado.

— Mas são todos da *famiglia*. Os únicos de fora são os rapazes da banda, porém, o vocalista é amigo de infância da Kiara.

— Nina quando se junta com a Perla, dá nisso — Enrico resmunga.

— Vocês são um bando de fodidos. Aprendam com *mio padre*, em vez de ficarem resmungando.

Aponto para a pista onde ele está dançando com o Rico e a Nina. Procuro por Kiara e não a encontro. Pergunto ao Matteo se ele sabe para onde ela foi, pois, a última vez que a vi ela estava conversando com ele. Ele diz que Perla a chamou e as duas saíram.

Caminho para a área externa onde está sendo realizada a festa, procuro ao redor e não a encontro. Meu coração acelera, mil coisas transitam em meus pensamentos. Entro na mansão e encontro Perla saindo do escritório. Assim que me vê, se assusta.

— Onde está Kiara? — pergunto ríspido. Meus instintos dizem que

tem algo errado. Perla segura em meu braço e me põe a caminhar junto com ela.

— Vou te levar até ela.

Caminhamos em silêncio. Perla me leva até a rua, na parte de trás de fora da casa, onde temos camuflado o acesso para uma eventual fuga. Caminhamos em silêncio pelo longo corredor. Meu corpo fica tenso. Não sei o Kiara está fazendo em um lugar como esse nem porque Perla quis o acessar pela saída e não pelo escritório.

Atrás da estante do escritório, temos um QG montado onde eram feitas reuniões secretas. Nesse local, temos suprimentos, dormitórios e uma saída que nos leva diretamente para rua, na qual entramos. Esse local foi construído pelo meu avô, pois havia uma constante guerra entre os Mancinni e os Bazzoti. Ele o fez para proteger a família. Aqui, temos equipamentos que monitoram cada cômodo da casa. Há muitos anos não são usados. Desde que meu pai assumiu a máfia, não houve necessidade.

— Por que você me trouxe aqui, Perla?

— Veja você mesmo.

Perla exhibe no monitor a imagem do escritório. Kiara está sozinha. Ela pega uma caixa pequena em sua bolsa e a abre. Nela, contém uma aliança. Não consigo ver os detalhes.

— O que significa isso?

— Kiara vai te pedir em casamento.

As palavras da Perla fazem com que eu caia sentado na cadeira. Observo minha pequena, ainda sem entender por que Perla me trouxe aqui. Minutos depois, Giovanni entra no escritório. Ao ouvir o barulho da porta se fechando, Kiara guarda a pequena caixa em sua bolsa e vira-se, chamando por mim. Quando vê que é outra pessoa, seu sorriso some.

CAPÍTULO 39



ENZO

— *Desculpe se eu a decepcionei* — Giovanni diz, e Kiara relaxa os ombros. Eles sempre ficam tensos quando ela sente medo ou se sente acuada.

— *Perdoe-me, pensei que fosse meu namorado.*

— *Lógico que uma mulher tão linda como você tem namorado* — diz como estivesse decepcionado. Ela sorri sem muita vontade. — *Se incomoda se eu me sentar aqui* — ele aponta para o sofá — *e esperar com você? É que não estou me sentindo bem.*

— *Dio mio!* — ela diz. Seu instinto de médica faz com que ela coloque sua bolsa em cima da mesa para cuidar de um provável paciente. — *Posso verificar sua temperatura?*

Ele meneia a cabeça e ela verifica seu pulso. Põe as costas da mão em sua testa.

— *Bom, com febre você não está.*

— *Deve ter sido algo que comi.*

— *Sinto muito, a família sempre contrata esse buffet.*

Ela tenta se levantar, e ele segura seu pulso. Rosno, e Perla apoia sua

mão sobre a minha.

— Hei, calma — ela diz. Continuamos olhando para o monitor.

— *Frequento essa casa há anos, sei o quanto eles são cuidadosos com os serviços contratados. Pode ser que eu tenha comido e bebido demais.*

Kiara sorri.

— *Sente-se, vamos conversar um pouco enquanto Enzo não vem.*

Em vez de se sentar ao seu lado, ela se senta na poltrona. Gosto disso.

— *Você o conhece?*

— *Claro, aqui todos são da famiglia.*

Giovanni fala sobre sua amizade com Perla, e Kiara fica um pouco mais relaxada. Aos poucos, ele vai introduzindo assuntos que estão me deixam desconfortável.

— *Você pensa em se casar com o Enzo?*

— *Não conta pra ninguém* — ela diz como se alguém pudesse ouvir seu segredo. — *Eu vou pedi-lo em casamento. Perla deu a ideia de fazer o pedido durante o show, mas fiquei com medo dele negar na frente de todos, então vim para o escritório. Perla foi o chamar, por isso estou aqui.*

Olho sério para Perla, que finge não perceber.

— *Já pensou na hipótese de ele não aceitar?* — Giovanni pergunta.

— *Só penso nisso.*

— *O que você vai fazer se isso acontecer?*

— *Não sei ainda. Eu o amo muito, mas não posso ficar a vida toda brincando de casinha.*

Ao ouvir Kiara dizer isso, meu coração aperta. Imediatamente lembro-me das palavras da Nina. Ela estava certa, com o tempo minha pequena vai querer me deixar.

— *Posso te dizer uma coisa? — Ela concorda. — Se ele te ama, não há motivos para negar. Apesar de que acho que esse pedido teria que partir dele. Caso ele negue, parte para outra. Uma mulher tão bonita como você não precisa ficar mendigando afeto, muito menos compromisso. Seria o homem mais feliz do mundo se tivesse todos os dias em meus braços uma mulher como você.*

— *Figlio di una cagna!* — Esbravejo e soco a mesa, que estremece, derrubando meu celular no chão. Kiara se levanta, ela está desconfortável. Vai até a porta e abre, olha do lado de fora e entra. Em vez de fechar a porta, a deixa encostada.

— *Se Enzo demorar mais um pouco, vou atrás dele* — ela diz, mais para ela do que para ele.

— *Me fala um pouco sobre você.*

— *Melhor não, a gente não tem intimidade para isso. Nós fomos apresentados há pouco mais de uma hora, já falei mais do que devia. O que*

sei sobre você é através da Perla.

— Isso, Kiara, não dá confiança para esse fodido — digo para sua imagem, como se ela pudesse ouvir.

— *Nada impede que possamos nos conhecer.*

— *Você está certo, mas não aqui e não agora. Você é casado, e eu comprometida, não pega bem ficarmos sozinhos. Se estiver se sentindo bem, é melhor você ir.*

Giovanni se levanta em silêncio e caminha até a porta. Em vez de sair, ele a fecha. Levanto-me e pego minha arma.

— Calma, Enzo, é o Giovanni — Perla diz, apoiando suas mãos em meus ombros. Sento-me e coloco a arma sobre a mesa.

— *Sabe o que eu queria agora?* — Minha pequena vai para trás da mesa, usando-a como barreira. Está sendo foda ficar assistindo outro homem se insinuando para ela. — *Você é tão linda.*

— *Pouco me importa o que você quer.*

— *Mas pra mim, sim. Não vejo a hora de beijar essa sua boca, tocar seu corpo e te foder sobre essa mesa.*

— Eu mato esse *figlio di una cagna!* — grito.

— Enzo, por favor, não é verdade o que ele está dizendo — Perla intervém. Com o corpo trêmulo, não tiro os olhos de tela.

Minha pequena abre a gaveta e pega uma arma. Mal consegue segurar, mas ela aponta para Giovanni.

— *Dio mio*, se ela atirar no *mio fratello* não vou me perdoar! — Perla grita ao meu lado. Dou zoom na imagem e vejo que a arma não está engatilhada.

— *Hei, calma, loira*. — Giovanni está tranquilo porque ele sabe que ela não teria coragem de atirar. Segundo porque, se ele quiser, toma a arma dela com facilidade. Terceiro porque ele sabe que não está engatilhada.

— *Me responde só uma coisa* — minha pequena diz em um tom áspero.

— *É só você perguntar*. — Ela balança a cabeça, incrédula com a tranquilidade dele.

— *Por que você casou?*

— *Simples. Porque amo minha esposa*.

Ela ri.

— *Como pode dizer isso depois de ter dito o que você me disse?*

— *Porque amor não tem nada a ver com sexo* — Giovanni explica.

— *Isso para você, mas não para mim. Amo o Enzo e não me vejo com outro homem que não seja ele, não aceito esse discurso hipócrita que amor é uma coisa e sexo é outra. Se é para ter vida de pessoa que não quer compromisso, melhor não casar. Tenho nojo de pessoas como você, que*

prometem amor e lealdade, e não cumprem.

— *Quero ver você fazer esse discurso quando tiver dez anos de casada .*

— *Não sei o tipo de mulheres que você conhece, mas se um dia eu não sentir mais desejo pelo meu marido, serei a primeira a dizer a ele. Sabe por quê? Um relacionamento tem que ser baseado na sinceridade, melhor que agir pelas costas de alguém que dedica seus dias a uma pessoa. Tenho dó da sua esposa, nenhuma mulher nem nenhum homem merece passar por isso.*

Giovanni levanta as mãos como estivesse rendido. Ele olha para umas das câmeras, que ele sabe muito bem onde estão, e sorri. Sai do escritório sem dizer nada.

— E aí, já posso encomendar o bolo? — Perla pergunta sorrindo, satisfeita com seu feito e o resultado disso. Ainda estou com vontade de meter uma bala na cabeça do Giovanni, mas retribuo seu abraço.

— Lorenzo sabe disso?

Só agora me passa pela cabeça fazer essa pergunta.

— Quem você acha que me contou sobre essa passagem secreta? Meu maridinho e eu somos cúmplices. — Ela pisca, e eu grunho. Perla ri e me abraça. Retribuo em agradecimento.

Fazemos o caminho de volta em silêncio. Penso em tudo que a Nina e a Kiara disseram e tomo uma decisão.

— Perla, faça de tudo para que Kiara não me peça em casamento. Sei lá, dá seu jeito. Some com o anel, faça qualquer coisa, sei que você é boa nisso

— Mas, Enzo...

— Confia em mim.

Ela assente. Perla vai para a festa, e eu vou para o escritório.

— Enzo! Amor, por que você demorou? — Ela enxuga as lágrimas quando a encontro e se joga em meus braços.

— Shiii, estou aqui. — Acarinho seus cabelos.

— Tenho que te contar uma coisa.

— Está tudo bem, pequena, tudo bem.

Beijo sua boca com ternura. Ela se derrete em meus braços. Somos interrompidos pelo toque insistente do meu celular, no visor vejo que é o Assis.

— *Chefe, nosso homem infiltrado no QG do John nos informou que eles vão atacar o clube ao amanhecer.*

— *CAZZO! Convoque nossos homens, vamos atacá-los antes de eles saírem. Daqui a pouco estarei chegando.*

— *Sabia que você diria isso, chefe, o senhor nunca me decepçiona. O que o senhor acha de levarmos sua garota para nosso anfitrião?*

— Faz tempo que minha garota não se diverte, boa ideia.

— O que aconteceu, Enzo? — Kiara pergunta quando desligo o telefone.

— Problemas com o clube, pequena, não se preocupe. Terei que expulsar alguns ratos, mas amanhã estarei de volta.

— Pelo amor de *Dio*, tome cuidado. Ainda não estou cem por cento preparada para ser a mulher de um mafioso.

— Você está mais do que você pensa. — Beijo sua testa, ela se afasta e cruza os braços.

— Pensei que eu fosse sua garota.

Puxo minha pequena de volta para meus braços. Sorrio para o seu bico emburrado e desconfiado.

Conto-a sobre minha garota. Ela se espanta, a princípio fica incrédula, depois faz uma pergunta atrás da outra. Respondo-a rápido e me apresso em sair. Aviso ao Don Lorenzo sobre o ocorrido, Enrico e Pietro se oferecem para irem comigo. Eles que aguardem, a cavalaria está chegando.

CAPÍTULO 40



E NZO

Assis me passou as coordenadas do local onde o *maledetto* do americano está reunido com seus comparsas. Nossos homens já estão no local, aguardando nossa chegada. Ainda não entendi o motivo do envolvimento do americano, sei que não tem nada a ver com a Kiara. Meus instintos me dizem que está relacionado ao ataque que fizemos ao clube onde trabalhavam escravas sexuais em Nova Iorque, porém, o que o John tem a ver com isso?

Desde o dia que minha pequena saiu para almoçar com o doutor de merda, mantivemos dois homens de tocaia, Adamo e Damiano, os melhores quando se trata de espionagem. Em um vacilo da segurança do galpão, Damiano conseguiu acessá-lo. Nele encontrou todo o planejamento para o ataque ao meu clube, fez boas imagens.

Por um instante, meus pensamentos me levam à minha *uccello*. Queria estar com ela em meus braços agora. Algo mudou dentro de mim a partir da noite em que conheci Matteo. Naquele dia, vi que posso confiar na Kiara, sua atitude espontânea me fez ver que ela não é dissimulada como Antonella e como muitas mulheres que fodi. Quando estavam em minha presença, eram perfeitas demais, poucas agiam naturalmente.

A primeira vez que a levei para jantar, ela comeu sem parar. Aquilo me divertiu. Estava cansado de sair com mulheres que mal tocavam na

comida. Ela diz o que vem em sua cabeça, sem ficar medindo as palavras. Muitas conduzem a conversa de acordo com a situação, querendo sempre agradar. Muitas vezes, ela me estuda, mas seu intuito é tentar decifrar o que estou pensando; esses são os únicos momentos que ela fica em silêncio, ou quando minha boca está colada na dela.

Minha pequena *uccello* me ama, e, *cazzo*, ela iria me pedir em casamento. Estamos juntos há alguns meses, porém dentro de mim sei que ela é a mulher que meu coração, meu corpo e minha mente escolheram para passar o resto dos dias. A armação de Perla serviu para tirar o resquício de medo de um *déjà vu* que me impedia de me entregar totalmente.

— Chegamos. — Pietro me tira do meu devaneio.

— Vamos acabar logo com esses fodidos.

Avisto Assis, me junto a ele e recebo todas as informações. Segundo Amadeo, os reforços chegaram em menos de uma hora. Perfeito para acabar com todos de uma vez. Amadeo me informou que metade dos homens são americanos, isso só confirma minha suspeita.

Vinte minutos de espera depois, não damos tempo suficiente para que os *maledetto* deixassem seus carros. Meus soldados disparam contra eles, enquanto Pietro, Enrico, os gêmeos e meus espiões adentramos no galpão. Tiros e mais tiros são disparados. Cessamos fogo quando uma minoria se rende, jogando suas armas no chão. Dou passos firmes em direção ao doutorzinho de merda, que está escondido atrás de uma mesa. Se eu não estivesse com tanta raiva, seria cômico. O *maledetto* que quer foder minha vida por sei lá qual motivo, escondido, *cazzo*!

Dante o pega pela gola da camisa antes que eu me aproxime. Faz com que ele se sente em uma cadeira velha de madeira. Ao seu lado direito, tem um homem bem vestido. Não tinha o visto quando entrei, devia estar escondido feito uma mocinha. Ao lado esquerdo, está um homem com várias tatuagens, mal conseguimos ver seu rosto. Pietro e Enrico estão próximo a eles, cada um de um lado com suas armas apontadas em sua direção. Caminho de um lado para o outro, observo os três, porém meu foco é o doutorzinho. Sorrio, pensando comigo mesmo. Bato duas vezes com a arma na minha cabeça e rio alto.

— Vocês realmente acharam que conseguiriam me derrubar, é sério isso? Na minha cidade, *cazzo*!

O de terno olha para mim, fúria em seus olhos.

— Está com raivinha, amor?

Deslizo minha pistola em seu rosto, meus soldados riem.

— Vocês mataram meu irmão. — Ele cospe essas palavras asperamente, em inglês.

— Então deixe-me entender. Isso tudo se trata de vingança?

— Seus malditos italianos, acabaram com meu negócio e mataram meu irmão. — Ele cospe em minha direção, porém não me acerta. Enrico desfere um soco em seu rosto.

— Mais respeito com um Mancinni, *cazzo*! — ele diz rudemente.

— Vamos ver se eu entendi. O clube de escravas sexuais lhe pertencia, então aquele *maledetto* que matamos pensando ser o dono era seu irmão. Aí vocês vieram atrás de mim, logo de mim, em busca de vingança.

— Você seria o primeiro Mancinni, depois acabaríamos com os outros.

— *Cazzo!* Ouviram? Isso me deixou muito magoado. Por que não começaram pelo Pietro ou pelo Enrico? Sou um cara tão legal.

Os dois rosnam e me olham com suas carrancas habituais. Ambos estão loucos para dar um fim nesses *maledetto*, mas antes preciso saber de tudo.

— Onde o doutorzinho entra nessa história?

— O doutor é um pau no cu — diz o tatuado. Está ficando interessante. John tenta atingi-lo, mas como está preso na cadeira e não consegue.

— Desenvolve — digo, fazendo movimento circular com a mão. O tatuado olha para o John e sorri, exibindo seus dois dentes de ouro. Isso é tão de mau gosto.

— O doutor trabalha na clínica da máfia.

Ao ouvir isso, meu coração gela. Enrico e Pietro me olham, cúmplices. Sabem no que isso implica.

— O chefe deu uma boa quantia a ele para tirar sua vida, mas, como

pode ver, não conseguiu. Quando foi fazer o serviço, você estava acompanhado de uma doutora que ele conhecia e ela não poderia saber que ele trabalhava para a máfia. Qualquer procedimento que ele fizesse, ela saberia que não estaria correto, por isso abortou a missão, porém prometeu usar sua amizade com a ex-namoradina para chegarmos até você. Mas esse pau no cu não serviu para nada. É tão burro que no primeiro encontro com a garota fez com que ela rejeitasse todas os seus convites posteriores.

A fúria se apossa de mim em saber que esse *maledetto* queria usar minha mulher.

— JÁ CHEGA. Vocês são patéticos, um bando de amadores.

Olho para o Enrico e para o Pietro. Meneio minha cabeça. Ambos me entendem e estouram os miolos do chefe e do tatuado.

— Antes de me matar, me diga uma coisa — pede o doutor. Vejo que realmente ele está curioso.

— Se esse é seu último desejo, quem sou eu para negar, pergunte.

— Kiara sabe que você é a porra de um mafioso? — Observo-o sem responder. — Vejo que não, sempre soube disso, pois a Kiara que conheço nunca namoraria um homem como você. Ela sempre teve medo da própria sombra.

— Conhece uma coisa chamada amor? — Assis pergunta e todos riem. Peço-o que traga minha garota.

— Vou satisfazer seus dois desejos. — Ele ergue sua sobrancelha.

— Vamos lá. Kiara sabe que sou um Manccinni e que os Mancinni são donos da porra toda. A Kiara que você conheceu não existe mais. Você queria minha garota, então vou compartilhar ela com você.

Sua expressão demonstra surpresa e falta de entendimento.

— Você é foda! — Enrico diz, acompanhado de risos.

— Maluco do caralho — Pietro resmunga assim que Dante me entrega a caixa com minha garota dentro.

— O último *maledetto* que esteve em contato com minha garota ficou excitado.

Os soldados riem. Dante, Assis e alguns soldados gargalham, pois presenciaram.

Retiro minha garota com cuidado. Ela se pendura em meu pescoço. Acarinho seu comprimento de dois metros e a coloco aos pés do doutorzinho. Minha garota sabe muito bem o que fazer. Ele fica imóvel e não diz uma palavra sequer. Observo-a se enroscar em sua perna aos poucos, como se fosse uma dança sensual. Ela explora o corpo do doutor, que permanece inerte, creio que essa é sua tática para não ser picado. Minha garota faz o trajeto inverso quando chega ao seu pescoço. Pela primeira vez, ela se depara com um *maledetto* que não grita de medo. O doutor se mantém parado, mesmo quando sua língua desliza em seu rosto.

O chão debaixo dos seus pés está molhado, a urina que escorre de suas pernas se mistura com o sangue e os miolos espalhados por ali. Ao sentir o cheiro de sua urina, ela estaciona em sua calça molhada e se enrosca no

local, dando diversas voltas.

— Sua garota é uma puta, adora um pau — Amadeo diz, arrancando risos dos demais.

— Será que ele vai ficar excitado? — brinca Dante.

— Aposto que sim — complementa Assis. Como era de se esperar, o pau do doutor marca sua calça.

— Caralho! O doutor ficou excitado — Enrico compartilha como se não estivesse acreditando no que vê. As gargalhadas fazem eco no espaço vazio. Minha garota começa seus ataques, uma picada na perna, uma na barriga e, como uma vampira, dá outra em seu pescoço. Retiro-a de cima do doutorzinho, que está completamente molhado de suor, agradeço-a pelo seu excelente trabalho e coloco-a na caixa.

— Chefe, o doutor nem gozou ainda — Damiano alerta, fazendo com que todos concordem com ele. É uma questão de minutos para que o doutorzinho de merda esteja sem vida. Aproximo-me dele e sussurro:

— Kiara é minha mulher, minha.

Sua morte será lenta, não estarei aqui para ver. Ordeno meus homens para que chamem a equipe de limpeza. Assim que saio do galpão, reúno todos.

— Se preparem para irem a Roma. Semana que vem vocês têm um casamento para celebrar. Meu casamento.

Eles se alegram e disparam tiros para o alto. Pietro e Enrico me abraçam.

CAPÍTULO 41



ENZO

Aterrissamos em Roma pela manhã. Chegamos na mansão famintos e cansados da viagem, somado à adrenalina. Entramos na mansão. Ela está silenciosa, todos devem estar dormindo por conta da festa. Comemos feito verdadeiros animais, praticamente zeramos a cesta de pão, os bolos e a maioria das frutas. Pietro vai para casa, Enrico e eu seguimos para nossos quartos.

Tomei banho e troquei de roupa no avião para tirar o cheiro e os vestígios de sangue do meu corpo. Ao entrar no quarto, retiro minha roupa. Fico apenas com a minha cueca *boxer* preta. Antes de me deitar ao lado da minha pequena, fecho as cortinas, me aconchego ao seu lado e, mesmo dormindo, ela junta seu corpo ao meu. Seu cabelo, que está uma bagunça, tampa meu rosto. Retiro-o com cuidado para não a acordar. Beijo sua cabeça e deixo que o cansaço me domine, logo adormeço.

Acordo e a cama está vazia. O relógio em cima do criado-mudo marca três e dez da tarde. Levanto-me, faço minha higiene, visto-me e ligo para minha cunhada Perla.

— Perla, está sozinha?

— *Boa tarde, cunhado* — ela diz ironicamente. — *Estou no jardim com seus sobrinhos. Sua irmã, que é uma mãe desnaturada, deve estar*

fodendo em algum canto da casa com Enrico.

— *Cazzo! Como você fala assim para mim da minha irmã?*

— *O Enrico e a Giane foram concebidos pela obra do espírito santo, fala sério, Enzo. Diz logo o que você quer.*

— *Organize meu casamento para a próxima semana, não diga nada a Kiara.*

Tenho que afastar o celular do ouvido devido aos seus gritos. Ainda bem que Kiara não está em sua companhia, mas onde ela está?

— *Enzo, sempre soube que você é louco, mas agora acabei de ter certeza. Como vou organizar um casamento em uma semana, ainda mais sem a noiva saber? E o vestido?*

— Não sei.

Antes que ela diga algo, desligo o celular. Ainda a ouço gritar meu nome. Terei que voltar hoje à noite para Florença, tenho muito o que organizar antes de me casar. Casar, cazzo! Nem acredito que vou fazer isso.

Desço à procura da Kiara. Encontro Nina e Enrico vindo da biblioteca, sorridentes. Lembro-me do que Perla disse e mudo meu caminho. Falar com eles agora, não dá. Nina é minha irmã. Vou até o escritório e encontro meu pai concentrado na tela do computador. Assim que o cumprimento, ele diz que Kiara está na casa do Pietro, que Bianca não está se sentindo bem. Pego meu celular e ligo para ela.

— *Oi, amor. — Sinto alívio ao ouvir sua voz. — Como está, dorminhoco? Tentei te acordar de diversas formas, até um oral eu fiz e nada de você acordar* — ela brinca.

— Então vem aqui terminar o serviço, creio que não foi bem feito.
— Rio.

— *Está colocando em xeque minhas habilidades, Enzo Mancinni?*

— Acho bom você parar com isso se não quiser que eu vá te buscar pelos cabelos e te colocar de joelhos na minha frente. — Ela gargalha, e eu ajeito meu pau. — Me diz como está Bianca? Digo o motivo da minha ligação, além de saber dela, claro.

— *Ela vai conosco para Florença, terei que fazer uma bateria de exames.*

— É tão grave assim?

— *Amor, infelizmente não posso te dizer. Entende que é sigilo médico?*

— Mas ela vai ficar bem?

— *Sim, vai ficar muito bem .*

— E o Pietro? Você disse apenas que a Bianca iria.

— *Amor, acabei de passar pelo portão, quando chegar aí conversamos, beijo.*

O que será que a Bianca tem?

Faz três dias que Kiara e Bianca saem cedo, antes mesmo de eu acordar, para irem ao hospital. Quando retornam, Bianca se tranca no quarto e dorme o restante do dia, às vezes nem almoça. Kiara apenas me disse que ela está fazendo uma bateria de exames para saber se está apta para fazer uma cirurgia. Fico preocupado de ser essa semana, por causa do nosso casamento, mas ela disse que, se tudo der certo, a cirurgia será daqui a quinze dias.

Aparentemente, Bianca está bem. Desde que se casou com Pietro, pouco conversamos. Ela é um pouco tímida. Durante esses dias aqui em casa com a falante da Kiara, sente-se mais à vontade. Kiara se aproximou mais dela do que Perla e Nina em todos esses anos.

Nosso casamento será no domingo. Perla me liga várias vezes ao dia, está enchendo minha paciência para que eu conte a Kiara porque ela precisa escolher o vestido, flores, essas coisas. Faltam cinco dias para o casamento. Planejei algo para nós dois, espero que minha pequena aceite meu pedido, já que passarei na frente dela, e que goste do presente que comprei para ela.

KIARA

Enzo tem andado tão ocupado e tão misterioso. Sinto que ele deve estar se preparando para algo grande, pois tem feito reuniões atrás de reuniões. Os gêmeos então, são solicitados a todo instante. Espero que não seja nada que coloque sua vida em risco. Pode parecer irônico dizer isso sobre um mafioso.

Meus pais me ligaram e minha mãe disse que eles virão amanhã nos visitar. Estão ansiosos para conhecer o Enzo. Eles o conhecem superficialmente. O estranho foi que meu moreno não pareceu surpreso com essa notícia, arrisco dizer que ficou feliz. Nunca vi um genro ficar feliz de conhecer a sogra. O problema é: como vou contar que namoro um cara que é a própria máfia?

À tarde, Dante acompanhou Bianca e eu para fazermos umas comprinhas. Enzo disse que jantaríamos fora hoje, quis renovar minhas roupas. Chega de ficar me escondendo com medo de ser atacada. Incentivei Bianca a comprar algumas lingerie, portanto, eu que acabei escolhendo. Digamos que seu gosto não agrada um homem. Escolhi peças bem sensuais, em breve meu cunhadinho vai ficar de quatro.

Enzo está lindo como sempre. Meu moreno parece esses modelos de capa de revista. Durante o dia, está sempre impecável em seu terno de três peças feito sob medida. À noite quando saímos, é um verdadeiro desfile de roupa de grife, combinações atuais e perfeitas. Das poucas vezes que tivemos oportunidade de passear à tarde, ele deu um show com suas roupas, seja calça ou bermuda, e com seus acessórios, como óculos e chapéu. Finjo não ver os olhares cobiçosos em cima dele, e me sinto uma felizarda por ter um homem como esse para chamar de meu.

Saio do quarto e vou até o de Bianca. Para minha surpresa, ela não está arrumada. Conversa via internet com Pietro e diz que não vai. Despeço-me e vou ao encontro do meu moreno, que seguiu para a sala. Fico feliz quando chego no nosso destino e logo percebo que Bianca não viria de qualquer jeito. Enzo me trouxe no restaurante do hotel onde ele me fez dele.

Nosso jantar é perfeito, como da outra vez. Enzo já havia previamente escolhido nosso cardápio. Música em tom ambiente, palavras e gestos de carinho fazem com que eu sorria feito uma colegial. Meu coração está em batidas fortes desde que ele me conduziu para o elevador.

Durante esse tempo morando juntos, descobri um Enzo que gosta de certas peculiaridades durante o sexo. Brinquedos sexuais, fantasias e alguns acessórios usados por praticantes de BDSM. Não faço a mínima ideia do que ele preparou para hoje, mas seja o que for, sei que vou gostar. Enzo tem me apresentado o prazer de formas que nunca imaginei, muito menos achei que gostaria. Meus orgasmos têm sido intensos, meu corpo recebe tudo o que ele me oferece com total entrega.

Na sala, ele me despe devagar, beija cada parte do meu corpo por onde meu vestido preto e longo desliza. Ele se abaixa, levanta meus pés e retira o vestido do chão. Suas mãos deslizam pelas minhas pernas, deixando-as arrepiadas. Ouço-o rindo. Ele gosta do jeito que meu corpo reage. Seus dedos percorrem o cóis da minha calcinha, aos poucos é retirada. Com ela em mãos, ele a cheira.

— Úmida — diz e passa sua mão entre minhas pernas. Geme e leva meu líquido à boca. — Hum.

Ele se levanta e me conduz até o quarto sem dizer nada. Encosta-me na parede de frente para cama. Afasta-se, permaneço no lugar. Aprendi a esperar, a deixá-lo me conduzir, a me entregar sem reservas. Ele retorna com quatro algemas de couro, penso onde vai me prender. Em poucos segundos, minha dúvida é esclarecida. Enzo ergue meus braços e os prende em uma espécie de argola fixa na parede, será que ele mandou colocar isso aqui? Não

lembro de ter as visto antes.

Ele prende meu braço direito, desliza seu dedo em seu comprimento; depois o esquerdo e faz a mesma coisa. Meu corpo reage, uma mistura de tesão, luxúria e ansiedade. Minhas pernas são abertas e presas.

— *Bella* — ele diz a uma certa distância, observando seu feito.

Ele se desfaz das suas roupas. Assistio com água na boca meu show particular. Minha vontade é de percorrer seu corpo com minha boca. Ele abre uma caixa de tamanho médio que está em cima da cama, retira de dentro dela uma pequena caixa. Minha boca se abre automaticamente.

— Enzo! — Lágrimas escorrem pelo meu rosto. Ele se ajoelha, não consigo me mover.

— Nunca pensei que diria isso de novo, mas estou feliz porque dessa vez sei que você, Kiara, é a mulher que Dio tinha preparado para mim. Kiara Vitalle, você quer se casar comigo?

Não consigo responder, custo acreditar que isso está acontecendo. Mal consigo ver o anel, as lágrimas deixam tudo nublado. Enzo levanta sua sobrancelha direita, sempre faz isso quando não entende ou questiona algo. Em meio às lágrimas, sorrio.

— O seu plano sempre foi esse? — Ele finge não entender. — Me prender para me obrigar a aceitar?

Ele gargalha, se aproxima de mim e limpa minhas lágrimas.

— Eu te amo, pequena, te amo pra caralho. — Toma minha boca, nosso beijo revela tudo que sentimos.

— Lógico que aceito. — Ele ri, encosta sua boca na minha e em seguida põe o anel em meu dedo.

— Pedido aceito, agora vou foder minha noiva.

CAPÍTULO 42



KIARA

Nunca pensei que um dia que fosse amar alguém como Enzo. Estar ao seu lado é como descobrir um mundo novo a cada dia, mundo esse que tem partes que eu preferia que não existissem, mas para estar com ele, tive que adquirir o pacote completo. Para minha surpresa, não interfere na nossa relação. Estou aprendendo a lidar aos poucos com tudo que ele tem para me oferecer.

Ainda estou digerindo o que ele me contou sobre o John, nem nos meus melhores sonhos poderia supor que ele trabalhava para a máfia e que queria matar o Enzo, pior, usando-me como cobaia. Não consegui sentir nada quando Enzo disse que tirou a vida dele. Ainda estou trabalhando isso dentro de mim, mas não de uma forma condenatória; sei que Enzo fez isso para se proteger, nos proteger. Mesmo assim, é muita coisa para assimilar.

Acabei de chegar em Roma. Mal entrei na mansão, Perla e Nina me arrastaram para a rua. Estamos indo no ateliê para escolher meu vestido, o louco do meu noivo, sim, noivo, solicitou um casamento de última hora, por isso a visita inesperada dos meus pais. Minha mãe é só sorrisos, ela está apaixonada pelo Enzo, dá altas risadas com ele. Realmente meu moreno mafioso conquistou seu coração. Por falar em mafioso, Enzo já havia contado para eles. Sem que eu soubesse, ele foi na casa dos meus pais pedir minha mão e contou quem ele era. Aparentemente está tudo bem. Não sei dizer se

meus pais entenderam muito bem o que isso significa.

Quando voltamos para Florença depois da festa, Enzo me levou para jantar no restaurante do hotel onde ele me fez dele. O apartamento no último andar onde ficamos o pertence, descobri depois de perguntar como ele conseguiu colocar aquelas argolas na parede. Segundo ele, comprou depois da nossa primeira noite. Disse que lá será nosso cantinho especial.

Por falar nessa noite em especial, meu corpo se arrepia só de lembrar. Tenho que disfarçar, pois a coloração vermelha em minha pele me denuncia. Minha mãe acabou de perguntar se estou bem. Ela está me ajudando com o vestido.

Naquela noite, assim que prendeu meus braços e minhas pernas abertas, Enzo ficou parado, observando meu corpo nu. Minha umidade escorria entre minhas pernas por causa da intensidade do seu olhar. Sua mão apertava sua protuberância que crescia cada vez mais.

— Pequena *uccello*. Tão minha — disse enquanto deslizava sua mão na minha umidade. Com um vibrador em mãos, ele deu início à desconstrução do meu corpo, que parecia blocos de montar. A cada orgasmo, uma peça era desmontada. Se meus braços e pernas não estivessem presos à parede, certamente eu teria desabado no chão.

Ele alternava entre seus dedos e o vibrador. Muitas vezes, com os dois ao mesmo tempo. Mesmo com os olhos turvos, vislumbrei minha pele vermelha, cabelos revoltos, uma mulher gozada e mais do que satisfeita, através do espelho. Sem esquecer da bunda maravilhosa do meu moreno. A imagem me fez sorrir.

— O que foi? — ele perguntou. Sem conseguir me expressar verbalmente, fiz sinal com a cabeça para o espelho. Quando ele olhou, gargalhou, jogando a cabeça para trás. — Você gosta da minha bunda. — Balancei minha cabeça debilmente em concordância. Ele soltou minhas pernas, que fraquejaram; em seguida, meus braços. Apoiei-os em seus ombros. Ele me suspendeu na parede, minhas pernas envolveram sua cintura. Seu pau, duro, ereto, potente, deslizou para dentro de mim.

— Kiara, o que você acha desse véu? — Nina pergunta, afastando minha deliciosa lembrança. Escolho dois modelos diferentes, vou decidir qual fica melhor com o vestido. Perla está ansiosa para saber como os homens estão se saindo. Eles foram experimentar suas roupas, papai foi junto. Ele e meu futuro sogro estão se dando muito bem.

— Kiara, minha filha, você ainda não contou como foi que Enzo te pediu em casamento.

Todas olham para mim, curiosidade em seus olhos. Como posso dizer que ele me despiu, me prendeu na parede, fez o pedido e enfiou o anel em meu dedo? Acho que na face da Terra ninguém nunca foi pedida em casamento desse jeito. Acho não, tenho certeza. Coisas do meu mafioso.

— Vocês sabem. — Pigarreio. — Foi daquele jeito, ele se ajoelhou e fez o pedido.

— Ahhhhhh! — elas dizem em uníssono.

— Conta os detalhes — mamãe pede, curiosa. Penso um pouco.

— Bom, ele me levou no mesmo lugar em que me tornei dele. —

Meu rosto fica vermelho.

— Que romântico — Bianca diz com os olhos brilhando. Fico um pouco triste por saber que ela não tem uma relação romântica com Pietro. Desvio meus pensamentos dela e continuo:

— Nós jantamos, dançamos e depois ele fez o pedido.

— Desde o dia que eu o vi no hospital, sabia que vocês iriam ficar juntos, e agora estou aqui, prestes a ver minha filha subir no altar — mamãe diz emocionada. Abraço-a, limpo minhas lágrimas e volto para a cabine. Vou experimentar outro vestido. As madrinhas irão usar azul-bebê, decidimos quando vimos um vestido lindo nesse tom.

Chegamos na mansão depois das sete da noite. Os homens estão sorridentes. Pelas garrafas vazias de uísque, percebemos que eles beberam muito. Para minha total vergonha, meu pai está contando de quando me pegou comendo meleca. Poxa, eu só tinha cinco anos. Minha mãe pega em seu braço e sai arrastando-o para o quarto onde eles estão hospedados. Os engraçadinhos riem ainda mais, pois meu pai, que mal consegue ficar em pé, faz sinais para eles pelas costas da minha mãe.

— Amor, quando você comer meleca me avisa antes de eu te beijar.
— Olho para o Enzo bem séria, dou língua para ele, viro as costas e subo apressadamente as escadas. Minha intenção era dar o dedo do meio, mas penso no meu sogro, e também eles são mafiosos, né, não posso abusar. Se meu pai disser mais alguma coisa desse tipo, juro que o enforco.

No quarto, um pouco mais calma depois de um relaxante banho de banheira, rio sozinha. Eles só podem estar bêbados mesmo, um bando de homens mafiosos, rindo de uma bobagem. Até Pietro e Enrico estavam se divertindo com essa bobagem. A porta do quarto se abre e um Enzo cambaleando adentra.

— Minha pequena está cheirosa.

— Não posso dizer o mesmo de você, que só cheira à bebida.

— Não brigue comigo. — Ele faz bico, e eu rio. — Estava comemorando, eu vou casar. Casar com você, pequena.

— Sei disso. Ainda bem que você sabe que é comigo. — Ele tropeça em cima de mim quando tento tirar sua camisa. Ambos caímos na cama.

— Amor, eu quero foder você. O júnior também está feliz.

— Não tem como — digo.

— Por que amor?

— Porque comi meleca.

— *Cazzo!* Não vou foder sua boca e sim sua...

— Cala a boca, Enzo, você não está em condições de foder nada e nem ninguém. Quer dizer, a mim.

Viro seu corpo de costas na cama e retiro sua roupa sob seus

protestos. Levanto-o e o levo para o banheiro com muito custo. Abro o chuveiro e deixo a água caindo sobre seu corpo para aliviar um pouco o álcool. Deito-o na cama, fecho as cortinas e vou até a cozinha pegar uma xícara de café para o beberão. Sei que é só ligar para a cozinha e pedir, mas prefiro ir buscar. Ao chegar na cozinha, encontro Nina fazendo café. Ela me diz que Enrico está muito engraçado bêbado, que não o via assim há muito tempo. Minutos depois, chega Perla resmungando. Em seguida, Bianca, que nem conseguiu ir para casa.

Quando percebemos que estamos as quatro na cozinha pelo mesmo motivo, nos olhamos em entendimento e caímos na gargalhada.

— Homens! Os temíveis Mancinni. Como se diz no Brasil, estão na boca do palhaço.

Ao ouvir Nina, rimos ainda mais.

— E o Pietro... “Bianca, vamos pra casa”, ele disse, tentando se firmar em pé. Apoiei o braço dele no meu ombro e comecei a caminhar em direção à porta. “Bianca, pra casa”. Ele começou a subir as escadas. Subia dois degraus e descia um.

Perla cospe a água que acabou de colocar na boca.

— Eu vi. — Ela ri mais um pouco. — Ele estava muito engraçado.

— Para de falar e rir alto!

— Ele — Perla pausa e ri, segurando a barriga — perguntando “Bianca, por que estamos demorando pra chegar em casa?” E você dizendo

que estava perto. O pior foi Lorenzo. “Perla, eu sou o Don Lorenzo, responsável pela *famiglia*. Vai chamar, Perla.” — Ela não para de rir e nós também. — Eu perguntei “Chamar quem, Lorenzo?”. “A *famiglia*”.

Nossas risadas são tão altas que parecem que a gente que bebeu. Nina despeja o café em quatro canecas e entrega as nossas. Meu maxilar está doendo de tanto que rir.

— Kiara. — Nina olha em meus olhos com amor. — Obrigada por trazer a felicidade a vida do *mio fratello*, e conseqüentemente à família, pois estamos felizes por ver a felicidade do Enzo, a felicidade de vocês. Nunca pensei em vê-lo assim novamente.

Uma lágrima escorre em seu rosto, eu a abraço sem dizer nada. Os braços das meninas nos envolvem.

— Eu que agradeço por fazer parte dessa família.

EPÍLOGO



KIARA

— Meu Deus, Enzo, está querendo me matar? — digo tirando a água do meu rosto e batendo no meu ouvido. Ele quase me matou afogada. Exagero. Estamos feito dois adolescentes brincando de afogar um ao outro, porém, um pouco de drama é bem-vindo.

— Te machuquei, amor? Desculpa.

Aproveito sua preocupação e afundo sua cabeça. Tento fugir antes que ele se levante, mas ele segura minhas pernas. Quando menos espero, ele sai da água e prende meu corpo junto ao seu. Meu marido me suspende e beija descaradamente entre meus seios. Marido, amo dizer isso.

— Enzo por favor, alguém pode...

Não consigo concluir, porque ele desliza meu corpo para baixo e saqueia minha boca. Sua mão busca o cós do meu biquíni e envolve meu monte com movimentos leves. O som do meu gemido sai abafado em sua boca. Ele interrompe nosso beijo, praticamente mio feito gata, com medo de ser ouvida quando ele insere seus dedos dentro de mim.

— Esposa, vamos para nosso quarto — diz cheio de tesão. Pega-me pelo braço e caminha apressadamente em direção ao hotel. No caminho, pegamos nossas coisas. Enzo veste apressadamente seu short colorido.

Estamos no Caribe em nossa lua de mel.

Fico enfurecida quando duas mulheres ficam todas sorridentes ao observar o pau ereto do meu marido, esticando o tecido do seu short. Quando passamos por elas, sem que Enzo veja, dou o dedo do meio e digo bem devagar apenas movimentando os lábios que eu que vou ser fodida. O olhar de inveja delas me faz sorrir.

— Quero ver esse risinho depois que eu te foder até você desmaiar.

Inocente... bem, na verdade, ele está certo. Depois de uma sessão de sexo selvagem, não sou ninguém.

Deitada sobre a cama, com o corpo exausto e a alma satisfeita, lembro-me do nosso casamento. A cada degrau que eu descia a caminho do grande salão da Mansão Mancinni onde meu noivo me aguardava, meu coração batia em marteladas fortes e felizes. Meu pai me aguardava no hall com brilho no olhar e sorriso nos lábios.

Em seu discurso, Enzo disse emocionado que *Dio* sabe de todas as coisas, que depois de tantos anos, nunca imaginou estar subindo ao altar novamente e que sentia muito por sua mãe não estar presente, pois seu sonho era o ver casando na mansão e feliz.

A festa foi maravilhosa. Dançamos praticamente a noite toda ao som da banda do Matteo. Ele foi meu padrinho, fez par com a enfermeira Andreia, que não perdeu tempo em distribuir seus elogios nada ingênuos aos meus cunhados e principalmente ao meu sogro. Como ela mesmo disse, era o único que estava na pista. Pietro e Bianca foram meu outro casal de padrinhos. Os gêmeos foram os padrinhos do Enzo, com suas respectivas esposas. Nina e

Perla passaram a noite fofocando sobre meu sogro, que passou uma boa parte da noite na companhia da Andreia. Ambas estão cheias de planos, coitado do meu sogro.

CINCO ANOS DEPOIS

— Enzo, pelo amor de Deus, tira essa serpente de perto dos nossos filhos.

Enzo segura os meninos em seu colo, enquanto sua garota passeia em suas pernas. Não me atrevo a me aproximar, porque definitivamente ela não gosta de mim. Toda vez que me vê, coloca sua língua horrorosa para fora e faz um som esquisito. Enzo diz que é ciúmes, coisa da cabeça doida dele.

Ele vem até a mim, entrega nossos príncipes, que agora estão com um ano e meio e três anos. Quando nos casamos, eu estava grávida e não sabia. Assim que voltamos da lua de mel, os enjoos começaram. Ainda bem que meu filho deixou a mamãe aproveitar bastante o papai.

Luca é o nosso primogênito, Romeu nosso caçula. Enzo é um pai e um marido maravilhoso, protetor e carinhoso. Faz de tudo para passar o máximo possível de tempo comigo e com as crianças. Meus horários se tornaram mais flexíveis, porque Enzo comprou o hospital para mim e me deu de presente de casamento. Desde então, faço meus horários.

Perla e Bianca também deram à luz. No meu casamento, Perla estava no final do terceiro mês de gravidez. Ela e Lorenzo estavam esperando para darem a notícia, pois tiveram muitos alarmes falsos e um aborto espontâneo no segundo mês de gestação. Minha cunhada soube esconder muito bem sua

imperceptível barriga. Eles tiveram um menino, seu nome é Paolo. O filho da Bianca e Pietro se chama Nicola.

Para a alegria do meu sogro, a família cresceu e a casa tem crianças correndo por todo lado. O que me deixa impressionada é que nossos filhos são apaixonados pelo Rico, que se tornou um adolescente lindo e protetor. A forma com que ele protege seus primos tem muito a ver com a vida que ele teve no passado.

ENZO

Hoje Kiara e eu renovamos nossos votos, reafirmando nosso amor e que ficaremos para sempre juntos. Agradeço a *Dio* todos os dias por ter colocado essa mulher maravilhosa em meu caminho. Não foi bem de uma forma como eu queria, mas se não fosse aquele incidente no parque, talvez nós nunca nos esbarraríamos. Kiara me deu o que sempre quis, uma família. Depois do fracasso do meu primeiro casamento, pensei que isso não seria para mim, até *Dio* a colocar em meu caminho.

— Amor, tenho um presente para você. — Ela me entrega uma pequena caixa.

— Não comprei nada para você, Ki.

— Como não? Ontem você me deu aquele lindo colar de diamantes.

Sorrio e abro a pequena caixa. Dentro dela, há um papel dobrado que me é familiar. Sorrio antes mesmo de abrir.

— Não pode ser — digo, e uma lágrima escorre do meu rosto. Só

consigo ler, positivo. — *Cazzo!* Vou ser pai de novo? Crianças, mamãe está grávida, vocês terão outro irmãozinho! Será que dessa vez é uma menina — digo animado. Abraço minha pequena *uccello* e a rodo devagar por causa do bebê, enquanto os meninos pulam e gritam.

Quando conheci Kiara, de pronto a vi como um pássaro preso em sua própria gaiola, gaiola essa sem porta, sem nada que a fizesse permanecer dentro dela, a não ser seus próprios medos. Senti a necessidade de resgatá-la, de lhe mostrar que bastava um passo, um pequeno passo para ela ser livre. Nesse processo, o pequeno pássaro indefeso aos poucos foi se sentindo mais confiante, suas asas cada vez mais fortes.

Minha pequena *uccello* bateu asas. O pássaro cresceu e ironicamente me resgatou, porque no fundo sempre precisei ser resgatado. Resgatado de um passado que a todo custo insistia se fazer presente em minha vida.

Hoje, Kiara é livre. Aquela mulher temerosa não existe mais, deu lugar a uma mulher forte, a rainha do nosso lar, da minha vida. Aqui em casa, ela que manda. Os meninos e eu temos que andar conforme sua cartilha, mas ninguém precisa saber disso. Os únicos lugares que sou o rei são na cama e na minha cidade. Sou Enzo Mancinni, o rei de Florença, e um Mancinni, os donos da porra toda.

FIM!

